

Colecção: TEXTOS PEDAGÓGICOS E DIDÁCTICOS

Livros Publicados:

- 1 – Fernandes, Luciano – *Caderno de Trabalhos práticos de Geografia Física. 1.ª Parte*, 1988 (esgotado)
- 2 – Scheidl, Ludwig et alii – *Dois séculos de História Alemã: Política, Sociedade, Cultura. Textos e Documentos dos séculos XIX e XX*, Coimbra, 1989 (várias reedições)
- 3 – Maia, Clarinda de Azevedo – *História da Língua Portuguesa. Guia de Estudo*, Coimbra, 1995
- 4 – Carecho Judite; Huneke, Hans-Werner – *Aprender e/ou Ensinar Alemão: Contributos para a Formação Inicial de Professores de Alemão em Portugal*, Coimbra, 1996
- 5 – Delille, Karl Heinz Paul et alii – *Manual de Aprendizagem de Línguas em tandem via Internet*, Coimbra, 1996
- 6 – Carvalho, Mário Santiago de – *Roteiro Temático-bibliográfico de Filosofia Medieval*, Lisboa, 1997

No Prelo:

- Scheidl, Ludwig – *A Renovação da Literatura de Expressão Alemã na Primeira Década do Pós Guerra (1945-1955)*

Edições Colibri

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

Mário Santiago de Carvalho

ROTEIRO
TEMÁTICO-BIBLIOGRÁFICO
DE FILOSOFIA MEDIEVAL

Edições Colibri

*

Faculdade de Letras de Coimbra

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Carvalho, Mário Santiago de, 1958–

Roteiro temático-bibliográfico de filosofia medieval
ISBN 972-8288-75-1

CDU 1"04/14"(01)

Título: *Roteiro Temático-bibliográfico de Filosofia Medieval*

Autor: Mário Santiago de Carvalho

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal: 115 751/97

ISBN 972-8288-75-1

Tiragem: 1.000 exemplares

Edições *Colibri*, Lisboa, Outubro de 1997

*Aos meus Mestres
Aos meus Alunos
... porque a 'influência das aves é eterna'*

I
INTRODUÇÃO

Tanto quanto nos é dado saber, não existe em português nenhum Guia que possa servir de arrimo ao estudo da Filosofia Medieval¹. Damos aqui um primeiro esboço, sem dúvida cheio de limitações, mas que esperamos vir a aperfeiçoar com a publicação futura de um completo *Guia do Estudante de Filosofia Medieval*. Entretanto, o contributo presente quer servir de instrumento para o estudo da disciplina que por enquanto ainda integra a Licenciatura em Filosofia, e que antes se denominava «História da Filosofia Medieval».

Dividimo-lo em três partes principais distintas apesar de complementares. Na secção intitulada «Conteúdos Temáticos», o Leitor encontrará uma rápida perspectiva – estamos, na verdadeira acepção da palavra, perante um «roteiro» para uma introdução, não o esqueçamos – uma rápida perspectiva, dizíamos, de um percurso investigacional possível que se prolonga desde a Patrística ao século XIV. Ao longo desse percurso deixamos uma informação bibliográfica na qual se exploram as indicações registadas na secção principal. A identificação completa dessa bibliografia deverá, o Leitor, buscá-la na secção final, sobretudo no seu terceiro parágrafo. De facto, a «Bibliografia» encontra-se dividida em três componentes: abre com uma primeira lista com a qual se poderá ora iniciar um trabalho qualquer ora prolongar uma investigação; no segundo parágrafo registam-se textos (originais e traduções) da totalidade dos autores mais estudados na primeira parte do *Roteiro*. A combinação da bibliografia, alfabeticamente composta no último parágrafo, com os textos originais, deverá constituir a *via regia* para um qualquer trabalho que se preze. Damos atenção a esta tarefa também na secção que dedicámos às «Notas Práticas». Tivemos a preocupação de deixar algumas indicações úteis

¹ BARBOSA (1984: 6 - 51) é explicitamente um "Manual de Ensino" de 'Estudos Aprofundados' de Filosofia Medieval. Quanto a PONTES (s. d.), trata-se de um texto não editado, sucedâneo do seu *História da Cultura Medieval* (Seleção e tradução de Textos para as aulas práticas na Faculdade de Letras de Coimbra), Coimbra, 1961, ²1972.

àqueles que se iniciam no estudo da Filosofia Medieval. Foi a nossa prática docente que suscitou a escolha da totalidade dos tópicos que aí são esclarecidos.

* *
*

O presente *Roteiro* não se quer integrar totalmente no tradicional domínio historiográfico. A história da filosofia com pretensões científicas historiográficas surgiu no século XIX. Ela resultou da conjugação de pelo menos três factores: o desenvolvimento da filologia e de disciplinas como a paleografia, a etimologia, e a literatura comparada, a que se juntaram duas categorias essenciais da dialéctica hegeliana, *Entwicklung* e *Aufhebung*; e a incidência do idealismo e do positivismo, cujos dados são aplicados aos textos filosóficos. Presentemente, a tensão hermenêutica veio sensibilizar-nos mais para a necessidade de se libertar este particular estudo da filosofia da sua mera dimensão cognitiva, neutra e desinteressada. Inserindo toda a dinâmica interpretativa na tradição, este último continente da filosofia tem apelado para a (re-)aprendizagem da audição, o que equivale a dizer-se que o intérprete busca compreender-se «a si próprio no texto» ao integrá-lo num horizonte de questões que (ainda) são as suas próprias, reiteradamente abertas na transmissão histórica de que somos herdeiros e protagonistas.

Em todo o caso, uma cadeira de «Filosofia Medieval» na estrutura curricular da Licenciatura em Filosofia assume um lugar que não poderia eximir-se à perspectiva historiográfica, além, naturalmente, de dever ser interpretativa e crítica. Historiográfica, na medida em que importa reconhecer a sucessão temporal dos vários pensares ocidentais (por forma a que se não confundam os autores, as suas obras nos seus tempos particulares); interpretativa e crítica depois, porque o mero conhecimento da sucessão diacrónica e a repetição do pensado nos parece bastante insuficiente. Escusado será dizer, pois, que os Quadros Cronológicos adiante apensos são meros instrumentos, auxiliares num caminho que deve ser sempre (re-)feito à medida do caminhante e do seu avanço, mas, na prática, torna-se imprescindível a consulta subsidiária a uma (ou mais, preferivelmente) Histórias da Filosofia. *Grosso modo*, elas podem cumprir uma missão: possibilitam um tipo de acesso ou diacronicamente sistemático ou historicamente dinâmico (–para mantermos a diferença entre a noção de diacrónico e a de histórico, notada por LE GOFF 1985: 197-99–), neces-

sário a uma primeira abordagem. Valerá a pena observar que a historiografia filosófica relativa ao período «medieval» é talvez aquela que nos nossos dias avança a um ritmo exponencial mais elevado. P. VIGNAUX (1984: 287) confessava, pouco antes de morrer, que a «experiência da investigação no pensamento medieval» lhe tinha ensinado como «ela avançava pela publicação de diversidades cujo aparecimento punha em questão as vias sintéticas consideradas adquiridas». A impressionante descoberta de textos e de autores, ou absolutamente desconhecidos ou cuja obra era ignorada, impede-nos de utilizar sem reserva as sínteses historiográficas mais divulgadas. De facto, graças à publicação de exemplares trabalhos de edição crítica – de que destacaríamos, a título meramente indicativo, a *editio Leonina* (cf. BATAILLON 1991: 141-154) – não só da obra dos vulgarmente considerados ‘grandes’ autores, mas também de pensadores cuja fecundidade e extravagância jamais se suspeitaria há apenas meio século, estamos em condições de apreciar a variedade do pensamento filosófico-teológico ao longo de um período que vulgarmente costuma preencher dez decisivos séculos do Ocidente. Enfim, pensar, na verdadeira acepção da palavra, implica a «co-memoração», na dupla dimensão de lembrança do passado e da sua própria situação (de forma a que o Texto se nos dirija falando o Mesmo), e preparação do futuro na viva implicação do presente que nos interpela. Mas se a ‘história’ da filosofia nos ensina algo é, precisamente, a lei segundo a qual os pensares mais fulgurantes foram aqueles em que ainda hoje mais se detecta a relação entre interpelação e situação.

Como «os hábitos mentais e as formas características da alta especulação medieval reaparecem quase todas nos domínios da vida corrente» (HUIZINGA 1985: 235), não podemos deixar de destacar a importância da bibliografia secundária, de acompanhamento, como a consulta a uma ou mais Histórias da Cultura e da Civilização Medievais, dicionários, enciclopédias, instrumentos auxiliares os mais variados (vd. IV. 1); esta consulta não deverá ter um carácter apendiculado, mas deverá brotar da necessidade de se situar bem na sua época cada autor ou cada problema. É que, uma introdução à filosofia com os olhos postos no filosofar, que não tome em consideração as tensões, a fecundidade e a parcialidade subjacentes ao nascimento de uma disputa ou de uma ideia filosófica arrisca-se a dar uma imagem idealizada de um tipo de produção intelectual que, nas suas expressões cimeiras, nunca se quis acabada; à medida que avançamos no conhecimento deste período cresce a nossa convicção de que a filoso-

fia então produzida é predominantemente laboratorial, situada, e por isso incompleta ou aberta. Apesar do que se poderia pensar, depois destas exigências, continuamos a falar, no fim de contas, daquela abertura à escuta autêntica por forma a que – como queria Kant – aprendamos a filosofar em vez da filosofia.

Mais do que fazer prova a favor da existência de *filosofia* na Idade Média, pretendemos levar a constatar a diversidade concreta dos vários registos filosóficos, o que assinala a inter-relação entre situação histórica e cultural e fulguração sapiencial. Na proposta vertente, isso sucederá tão-só mediante a passagem pelos seguintes sectores: platonismo, lógica e dialéctica, estatuto da verdade e as distintas formas a ele se fazer a aproximação, epistemologia, algumas alusões à ética e à política, e por último a metafísica e suas vias.

Não gostaríamos também de passar em silêncio a estranha ambivalência que caracteriza a nossa relação com os pensares deste período, aquilo a que ZUMTHOR (1980: 35) chamou, em tom hegeliano, a «alteridade» da Idade Média: «Nada pode, de facto, compensar a distância cronológica que separa o medievista do seu objecto. Este facto está carregado de consequências. Em mim, de um lado e de outro, defrontam-se duas realidades históricas, irreduzíveis apesar de semelhanças especiosas. Duplicidade radical que (...) funda o próprio interesse e proveito dos estudos medievais: a verificação da alteridade da idade média (que se define quer no eixo da duração quer ao nível das estruturas) provocaria em nós a percepção de uma identidade...» Resultará daqui, afinal, e como corolário, a necessidade de também se pensar para além da Idade Média ou mesmo contra ela, no que equivalerá a prosseguirmos a tarefa de destruição ou desconstrução (*Destruktion, Abbau*) por Heidegger primeiro preconizada para a metafísica.

Em qualquer caso, sempre privilegiámos (e na medida do possível procurámos veicular) o «eros» latente a esta tão particular forma de fazer filosofia: entre *auctoritas* e nomadismo, *insecuritas* e vagantes, *mystica* e barbárie, *theologia* e demandas, qualquer pensador deste período que se prezasse não se limitava a ler «os que primeiro filosofaram», fossem eles Platões ou Aristóteles, sem que de uma forma mais ou menos imprecisa inventasse um novo presente e projectasse um indescortinável futuro.

Quando se diz que a *philosophia* fala grego, importa sempre precisar que ela o faz no seio de uma deriva latina (e árabe e hebraica,

e por isso egípcia, babilónica, etc). É o devir bárbaro da filosofia, querendo com isto dizer – e nem sequer cuidaremos de problema mais sério, que Lévinas traduzia ao dizer que a Europa era a Grécia mais a Bíblia – que no nosso longo Ocidente ainda é difícil aproximarmo-nos de Pitágoras ou de Aristóteles sem aquele efeito de paralaxe que quase durante dez séculos consistiu em fazê-los contemporâneos. Daqui resultou uma consequência em que pouco se tem atentado. Impossível a alta especulação independente da relação ao quotidiano, do mais prosaico ao mais conspícuo. Tendência selvagem, decerto, responsável, todavia, pela edificação (para o bem e para o mal) da forma canónica de fazer filosofia; é que o Medieval não forjou apenas o discurso amoroso, mas configurou todos os outros (ético, social, político, económico, ecológico, etc.).

Queremos também dizer, depois, que esta filosofia amadora e manual será hoje sempre mal interpretada se insistir com exclusividade num despropositado helenocentrismo, já que é nos 742 mosteiros cistercienses (de Portugal à Suécia, Escócia ou Hungria), primeiro, e sobretudo nas centenas de Universidades europeias, que desde o século XIII colonizam o ainda não-velho continente, que acontece a hermenêutica da Grécia inevitavelmente realizada no vivo confronto com os povos e a cultura consuetudinária do Setentrião. Ele eram distintas imagens do espaço e do tempo, alheias a Platões ou Aristóteles; distintas visões do direito e dos princípios universais, da ordem do mundo, do trabalho, da fortuna e da propriedade, quadros estes – importa assinalá-lo – percebidos num tempo em que a Europa desconhece a alienação. Pansemioticidade, unidade metafísica, conflitualidade (psíquica, ética, económica e política), velocidade ou dinamismo mental, eis os vectores deste advir moderno da filosofia de que só agora – pretendem pós-modernos – estamos em condições de superar. Neste complexo regime de combustão em graus elevados, o que é essencial é mero (?) efeito da condensação do passado no presente e a *summa* é o seu lugar edificante e monumental. Como compreender que uma erudição fragmentariamente cultivada seja responsável pela criação de um horizonte virtualmente totalizante? Que filosofia é, afinal, esta, feita comprometidamente nestas condições?

Quando se faz filosofia e teologia, como era o caso, com o corpo e com a alma, é difícil, hoje em dia, delas nos aproximarmos inertes, desprovidos de sedução ou importância. Não entraremos aqui adentro destes tão particulares domínios, mas ficaria bem tão-só reparar na diversidade exigível, digamos, à figura do filósofo medievista (tanto

quanto o seu traço, no caso especial da nossa disciplina, é legítimo). É certíssimo que de um ponto de vista filosófico estrito essa figura não tem qualquer sentido. Mas o desejo e a vontade têm as suas leis! Há, assim, inevitavelmente, à força de um privilégio que se elege vá-se lá saber por quê, uma especificidade resultante da relação comprometida com códices mais ou menos iluminados, escritos com dedo caligráfico já edificante já fatigado. Como narrar a emoção de ter entre mãos um original redigido pelo próprio punho de um autor que nos habituámos a conhecer? Por exemplo, o misto de irritação e deslumbramento com a caligrafia ininteligível de São Tomás? O respeito intelectual pelas sucessivas correcções, tão insustentavelmente encavaleiradas, de Henrique de Gand? Como dizer da paciência paleográfica de repente recompensada com a descoberta de um texto ignorado? E, vertiginosamente, a passagem (com a necessária constante actualização) ao trabalho electrónico em que se fazem agora as imprescindíveis edições críticas e sem as quais já não saberíamos pensar aos ombros de gigantes? É passar-se de um manuscrito lentamente iluminado para a escrita feita apenas nas ondas da luz sob o sistema 0-1. E o perpétuo nomadismo de um trabalho em equipa (pois é quase impossível dominar todas as técnicas auxiliares e conhecer vastos problemas quase sempre de fronteira) para a reflexão mais solitária e desta novamente para aquela, como se de saltimbancos conhecêssemos de facto as leis. O que dizer do encontro de um desabafo aborrecido, de uma oração ritual, de um indevido desejo erótico, que se nos depara no meio (ou no fim) de um texto copiado de um grande (ou pequeno) filósofo? Das canções de tabernas, dos poemas apaixonados incorrespondidos nos quais perpassam filosofemas nossos conhecidos? Da reiterada disciplina do conhecimento de idiomas sagrados mais ou menos «mortos», mais ou menos próximos do nosso Oriente político-religioso? E, por fim, da aventura de tradução, da difícilíssima divulgação, do comovido ensino perante o deslumbramento que nasce nuns olhos, de repente feito duas crianças, tal a surpresa de uma (auto-) descoberta, de uma vital implicação, concebidas na pura e radical estranheza dos nossos textos?

Há, no latim, um termo apto a designar todo este movimento, *conuersio*. Na filosofia, isso significa voltar a fazê-la com a Vida (vd. adiante § 0). Contra todas as aparências.

Fique dito, portanto, à guisa de exórdio, que abraçar esta área especializada da Filosofia é uma tarefa enormemente promissora e sedutora, pela necessidade de uma actualização permanente em

múltiplos domínios e técnicas (das mais antigas às mais recentes), pelo desejo específico por um género tão particular de 'monumentos' filosóficos, pelo erotismo latente a uma curiosa actividade predatória (que se explicita através da edição, da tradução, conceptualização e da divulgação), pela violência de uma constante dinâmica de *conversio/aversio* – *diversum* – exigida ao Leitor por uma peça filosófica documental, outrora tão concreta, agora tornada monumental/essencial. Vários sinais contemporâneos nos revelam que nunca como hoje se nutriu tanto interesse pela medievalidade. Importa porém sobreavisar que nem sempre este crescente interesse (seja por parte de especialistas seja do grande público) indicia um correcto ou desejável procedimento.

* *
*

A utilização dos textos a estudar na disciplina, sobretudo escritos em grego, latim e árabe, são praticamente inacessíveis. Em Portugal as traduções são escassíssimas no campo da filosofia medieval. Quer isto dizer que muitos dos considerados grandes textos não poderão ser estudados em português, mas isso não nos pode impedir de indicar as melhores edições, traduções ou comentários, independentemente do seu idioma (IV. 2). Damos aqui informações basilares que abrem caminho a um eventual plano de aprofundamento, e uma razoável bibliografia passiva (IV. 1 e 3). Dispensamo-nos de salientar a importância prática destas listas, propositadamente desenvolvidas.

Nada se verá adiante sobre os distintos modelos teológicos patrísticos (como o apologético, o alexandrino, o jurídico-africano, etc.); se privilegiámos o acesso à Patrística pelo platonismo, o que não deve suscitar grande polémica, é também certo que esta é tão-só uma das várias possíveis estratégias (COLISH 1990, para uma outra); apesar da importância que lhes atribuímos, o tratamento de Stº Anselmo, ou o de Pedro Abelardo, por um aspecto particular da sua lógica, é manifestamente insuficiente, assim como o silêncio sobre **Pedro Damião** [1007-1072] nos parece indevido; os nossos conhecimentos do século XII são hoje muito vastos, e os nomes de Guilherme de Conches, de Thierry de Chartres, de Herman da Caríntia, de David de Dinant, de Adelardo de Bath, ou de São Bernardo, dos Vitorinos, de Joaquim de Fiore, entre muitos mais, mereceriam destaque (DRONKE 1988; GREGORY 1992); temos perfeita consciência de não termos sido minima-

mente bem sucedido na solução que demos à filosofia bizantina, e sobretudo às filosofias islâmica e judaica (veja-se a esse propósito a Parte 2 de *Contemporary Philosophy*). Não obstante ser o período materialmente mais explorado por nós, reduzir-se o século XIII aos autores e aos temas estudados é, em rigor, insustentável; de igual forma, tratar da questão da «ciência moderna» sem abordar as três perspectivas relativas aos processos oxonianos de intensão e remissão de formas – a teoria da sucessão de **Burleigh** [c. 1275-1344/5], a da adição de partes de Escoto, e a teoria mista de Rogério e de **Ricardo Swineshead** [fl. 1340-55] –, sem referir **João Buridano** [c. 1295/1300- após 1358] ou **Nicolau Oresme** [fl. 1345/60-1382], ou sem passar por temáticas como as do infinitamente pequeno e do infinitamente grande, das teorias do movimento, do lugar e do tempo, da existência do vazio (CARVALHO 1992a), e do movimento no mesmo, da movimentação de projecteis, da queda acelerada, das marés, do equilíbrio da terra e dos oceanos, da possível rotação da terra, da pluralidade dos mundos, etc., etc., é de uma grande temeridade²; o mesmo sucede com a pretensão de cingirmos a ética a partir de Alberto Magno, de Tomás de Aquino, ou de Sigério de Brabante e de Boécio de Dácia, e, mais ainda, quereremos estudar a política com a menção exclusiva a Dante.

² Vd., entre nós, FRAGA (1988: 12 - 66) para uma brevíssima síntese, no que respeita a Descartes. Dever-se-á atender sobretudo à bibliografia mais especializada, de DUHEM (1913- 59) a LINDBERG (1992) passando por CROMBIE (1953), THORNDIKE (1953-59) e GRANT (1981 e 1981a), entre muitos mais (AA. VV. 1966; BIRKENMAJER 1970; DIJKSTERHUIS 1971; HOOYKAAS 1977)

II

CONTEÚDOS TEMÁTICOS

§ 0.

A fundação de Alexandria, em 332 a. C., abriu ao judaísmo possibilidades inimagináveis. Graças à simpatia de Alexandre e dos Ptolomeus, nessa nova Atenas, e como ela falando em grego, os Judeus assumiam-se como grupo autossuficiente (*amixia*), apoiados numa finança sofisticadíssima, assimilando rapidamente a cultura helenística e abrindo-se à filosofia. Leia-se, sob este prisma, o livro da *Sabedoria*, texto que representa a reivindicação de uma tradição feita com o cuidado de que ela se torne legível a olhos pagãos cultos. Esquecida a língua das Escrituras, será o idioma de Platão que irá servir de veículo a uma mensagem religiosa (*euangelion*) que, sob a figura de Cristo, pretenderá a universalidade (*katolikos*). Politicamente, é o que virá a suceder no tempo de Constantino, e no ano de 529 encerrar-se-á a Academia de Atenas.

Orígenes, Padre alexandrino discípulo de Clemente (de ambos trataremos adiante), compõe a *Hexapla*, obra na qual registrará em paralelo as traduções gregas do Antigo Testamento, num gesto que merece atenção. De facto, provavelmente sob Ptolomeu II (285-246), os Judeus começaram a verter os textos sagrados para a língua da filosofia, atitude cuja importância sociológica e cultural podíamos pôr em relevo mediante um mero exemplo. Ele dar-nos-á a medida da espiritualização do vocabulário, idiosincrasia comum a um espaço geográfico que secava longitudinalmente distintas culturas e religiões. Ei-lo: quer Platão (*Fédon* 257 c) quer Aristóteles (*Político* IV 11) não dão muito valor à falta de nobreza, *tapeinos*. O homem perfeito ou feliz, para um Grego, é o homem equilibrado, regulado pela justa medida, vivendo em acordo com uma ordem ou um *logos* que o supera e o rege. Já para o homem bíblico, o equilíbrio da perfeição é sempre resultante do drama que se estabelece entre um Deus pessoal e uma criatura também pessoal. No idioma das Escrituras, *ani* (como também *ebyon*, *dal* e *anawah*) são vocábulos que traduzem a pobreza e a miséria dramática da condição (e da experiência) da criatura frente

ao Criador (vd. *Sl.* 35, 10; 69, 30; 74, 21; 86, 1-2; 109, 22-23). Ora, graças ao trabalho de Orígenes, damos-nos conta de que «ani», por exemplo, no *Salmo* 18, 22, foi traduzido pelos Setenta por «tapeinos» enquanto Aquila opta por «penes» e Símaco por «praus». Ora, esta diferença na escolha dos vocábulos traduz a promoção espiritual de uma ideia, no caso a de pobreza, que assim deixa a sua natural dimensão sociológica, assinalando a passagem de uma sensibilidade em relação às condições materiais para as condições espirituais, o que vai legitimar a experiência materializada da «fé», comum a todas as religiões. O historiador Flávio Josefo, bem como o pensador Fílon de Alexandria, que conheceram bem o ambiente das seitas judaicas imediatamente anteriores ao Cristianismo, falam-nos do grupo dos Essénios como uma comunidade que Proudhon invejaria, salvo o facto, é claro, de as condições materiais pretenderem ser ali um sinal sócio-político de uma vivência espiritual de fé comunitarizada (*yahad*, em hebraico; *koinonia* em grego). Escreve Josefo (*Guerra Judaica* 11, 8, 3-4):

«Desprezam as riquezas, admiram a vida em comum, e não há entre eles um que seja mais rico que o outro. É determinado por lei que quem entra na seita deve entregar à corporação a sua fortuna, de modo que ninguém se apresente nem no estado miserável de pobreza nem no brilho da riqueza. Com tudo em comum, como irmãos, têm um só património... Entre eles não há nem compras nem vendas, mas cada qual dá ao outro aquilo de que ele necessita, recebendo por sua vez aquilo de que precisa, e mesmo sem nada darem, podem livremente fazer-se assistir por quem lhes agrada».

Como não pensar, ao lermos estas palavras, na descrição do ambiente da primeira comunidade cristã de Jerusalém (*Act.* 2, 45; 4, 32, 34-35)?

Porém, salvo o caso, é claro, de ser sob a figura e os ensinamentos de Jesus que a comunitarização se realizava, não se pode ver no Cristianismo, tal como ele teologicamente se desenvolveu, uma cisão absoluta em relação à filosofia antiga. Por algumas razões mais ou menos banais, isso não podia acontecer. Primeiro, porque enquanto *mensagem* de conversão, adoptada por homens e mulheres com reduzida instrução, o seu desenvolvimento carecia de um aprofundamento conceptual; ele encontrava-se na longa tradição da filosofia grega. Depois, e ainda enquanto *mensagem* de conversão, o Cristianismo depressa e de uma maneira naturalíssima afinou pelo grosso do

ambiente cultural da bacia mediterrânea; referimo-nos a um clima religioso que absorvera a *philosophia* fazendo dela uma prática de vida ou arte de viver com afinidades também orientais. É esta a razão que explica, e justifica sem traumatismos, que os primeiros Padres considerassem o Cristianismo como uma filosofia; em rigor: como *a* filosofia. Evoquemos as palavras, tão esclarecedoras da naturalidade transcultural existencial a que aludimos, de Justino Mártir, proferidas no momento em que abraça a religião cristã (*Diálogo VIII*):

«... sou filósofo. Desejaria que todos tivessem os mesmos sentimentos que eu e se não afastassem da doutrina do Salvador. Ela possui na verdade uma certa majestade, temível e capaz de assustar os que se afastam do recto caminho; àqueles, porém, que nela meditam dá um suavíssimo repouso. Se, portanto, te preocupas contigo mesmo, se desejas a salvação e confias em Deus, visto que não és alheio a estas coisas, poderás, conhecendo a Cristo e iniciando-te nos mistérios, alcançar a felicidade».

De facto, e como P. Hadot tem vindo a insistir, sempre a filosofia grega (platonismo, aristotelismo, cinismo, cepticismo, epicurismo, neoplatonismo) foi realizada como arte de viver, precisamente como *vida* filosófica. E foi essa tradição que se prolongou desde as primeiras comunidades (ou já antes, com os grupos judaicos que levavam um género de vida que Fílon descreve no seu tratado justamente intitulado *A vida contemplativa*) à divulgação do monaquismo, desenvolvido a partir do séc IV no Egipto e na Síria. Nesse movimento, o ideal austero e ascético de meditação e de oração (nada estranho às práticas e às orientações do neoplatonismo post-plotiniano dito pagão) prolongava-se, mantendo viva a união entre razão e vida, uma sabedoria vivida a qual era entendida nos termos de uma «filosofia cristã». De notar que a sua produção teórica, os *Apotegmas dos Padres* e *Kephalaia*, é reveladora de uma disciplina de trabalho afim ao de muitas escolas filosóficas gregas, mormente a epicurista: a leitura e meditação de curtas afirmações célebres colecionadas com intuídos didácticos.

O séc. IV da nossa era será já um período de grande produção teológica, sobretudo em Alexandria e na Capadócia (§ 2). Sem dúvida que estas escolas, juntamente com a de Antioquia, foram fundamentais para a promoção daquele movimento, na medida em que tinham produzido teoria bastante para a configuração de uma «teologia». Se também ela não era estranha ao paganismo (pense-se na sistematiza-

ção configurada pelo *Timeu*, o livro X das *Leis* de Platão e o livro XII da *Metafísica* de Aristóteles) – e mais ainda: se a produção teológica virá a ser partilhável pelo neoplatonismo, designadamente na sua configuração axiomática proclusiana – os Padres Alexandrinos e Capadócios bebiam no prólogo do Evangelho de João (o Bárbaro, como lhe chamava Amélio) uma teoria do *Logos* que permitiu a transmutação de uma mensagem de vida em filosofia de vida. Ao escrever que «no princípio era o Verbo [‘Logos’, em grego]», São João não fazia outra coisa do que utilizar uma palavra típica da erudição alexandrina (também o judeu Fílon dela se servira). Simplesmente, *logos*, vocábulo nuclear também na filosofia (mormente de um Platão ou no estoicismo), designava agora o próprio Cristo, o Filho de Deus, identificação que Justino logo aproveitou para, e servindo-se de uma teoria estóica, proclamar que todos aqueles que se viveram em conformidade à razão, antes de Cristo, podem legitimamente ser considerados cristãos (§ 2).

§ 1.

O Roteiro temático que passamos agora a desenvolver poderia abrir, seguindo a tradição no nosso meio cultural, com a discussão de dois problemas introdutórios típicos: o problema da **Filosofia na Idade Média** (VAN STEENBERGHEN 1974) e o problema da existência de uma **filosofia cristã** (SOUSA 1976). O primeiro, carece, hoje em dia e após a revolução hermenêutica, de alguma pertinência (vd. porém AERTSEN 1994, e o ponto feito por GORIS 1995); quanto ao segundo, ele tem apenas a função de dar notícia de uma problemática iniciada nos anos vinte, com E. Bréhier e E. Gilson, e sobre a qual alguns grandes historiadores da filosofia medieval ainda se debruçam.

Se tomarmos ‘Medieval’, conforme sugestão de L.-M. de RIJK (1985), apenas como uma designação neutra e operatória, isto é, se afastarmos os preconceitos desde Petrarca associados à expressão *Idade Média*, a questão da existência ou não de filosofia durante esse período cumpre o fito de repensar a questão da historicidade da filosofia e a da indispensabilidade de se inscrever o universo e o horizonte semântico da palavra na sua diacronia (a sua dimensão histórica). Mas directamente ligado a este ponto, está a sensibilização para a necessidade de se passar a estudar a filosofia medieval sem se tomar no etnocentrismo cultural, linguístico ou religioso. Assim, servin-

do-nos de um reparo de H. I. MARROU (1971: 24) notaremos a existência de pelo menos quatro Idades Médias: ocidental latina, bizantina, muçulmana e judaica.

A resposta à pergunta sobre se houve ou não uma filosofia na(s) Idade(s) Média(s) será afirmativa, na sua pluralidade, mas qualquer acção de responder só poderia ser cabalmente justificada no termo de um curso bem sucedido.

Já a temática da filosofia cristã, e descontado o defeito etnocêntrico e algum pendor apologético negativo ou positivo, além da informação histórica, possibilita um primeiro tratamento da ingente problemática das relações da fé com a razão, apesar de aquela particular temática, tão situada na sua discussão, não coincidir absolutamente com esta última problemática, que porém reputamos mais imperiosa (CARVALHO 1995). Mas tal seria mais bem tratado quer abordando a Patrística (vd. § 3) quer qualquer um dos séculos propriamente medievais (vd. § 6, 9 e 10).

Como segunda tarefa de carácter introdutório é costume apresentar-se o tema da **periodização e divisão** de uma matéria que ocupa pelo menos dez séculos! Sendo um tema polémico (bastaria atentarmos na diversidade detectada no primeiro apartado da ‘Bibliografia’, IV. 1), refiram-se em todo o caso as duas grandes divisões tradicionais, **Patrística e Escolástica**. Da apresentação das várias soluções (de RIJK 1985), e sua discussão crítica, pode passar-se à enunciação desses dois grandes períodos vulgarmente contemplados num curso de Filosofia Medieval. A Escolástica (PONTES 1990) é naturalmente privilegiada, em detrimento da Patrística (Grego e Latina), que é claramente expressão da Antiguidade, mas para evidenciarmos devidamente a pluralidade da produção filosófica divide-se toda a época nos vários períodos, predominantemente históricos por convenção. É certo que o estudo da Idade Média sem a referência à produção intelectual dos Padres (como aliás à dos Gregos antigos) é equívoca, mas, dado o facto de sobretudo os considerados grandes autores da Patrística (PACHECO 1991) serem sempre retomados ao longo do período escolástico, qualquer estudo deste implica a referência cruzada àquela produção. A nossa proposta vertente para uma primeira abordagem confina-se tão-só a algumas das problemáticas características da Patrística (§ 2) e às suas duas figuras preponderantes, Agostinho e Dionísio (§ 3 e § 4).

§ 2.

A dupla posição de **São Paulo** (*1Cor.* 1, 17-2, 16 e *Act.* 17, 16-34) é paradigmática das duas atitudes mais genéricas detectadas nos primeiros autores cristãos quanto à capacidade da razão humana chegar à verdade revelada (CARVALHO 1995a). Desde os que depreciam ou subestimam a filosofia (Taciano, Ireneu de Lyon, Lactânio e Tertuliano), o que obriga a referir o estatuto e a importância da produção hereseológica e a consciência da especificidade do Cristianismo (TRESMONTANT 1962), aos que a estimam (como acontece com Justino o Mártir, Atenágoras ou Teófilo de Antioquia entre muitos mais). Devidamente sublinhado o facto de esta última ser a atitude mais generalizada, a referência às teorias defendidas por Justino (WARTELLE 1987) nas suas duas *Apologias*, a introdução no Didaskaleion de Alexandria –designadamente com a referência a Clemente (VAN DEN HOEK 1988) e Orígenes (CROUZEL 1962) – e no da Capadócia (sobretudo com Gregório de Nissa, cf. PACHECO 1983), logo seguidos por um estudo perfunctório das duas grandes autoridades da Patrística, Santo Agostinho e o Pseudo-Dionísio Areopagita, deveriam consubstanciar a prova desta tese.

Muitos seriam os pontos de referência a ser tratados (BERARDINO 1992), mas a sua extensão obriga-nos à seguinte possível solução de compromisso (GIGON 1970; MARKUS e ARMSTRONG 1970; PÉPIN 1974; JAEGER 1991):

(a) a relação Helenismo – Cristianismo,

(b) a avaliação da presença das grandes filosofias gregas (platonismo, aristotelismo e estoicismo) na obra dos Padres pré-augustinistas.

Esta estratégia permite dar a competência necessária para reconhecer, nos seus traços mais gerais, a especificidade daquela presença (designadamente, o platonismo, o aristotelismo e o estoicismo) na obra de um autor, para além de ajudar a compreender a biunivocidade assimétrica da influência cultura pagã-cultura cristã. Quanto ao primeiro ponto, pensa-se, v. gr., na presença do Estoicismo em **Justino** [† 167] e em **Clemente** de Alexandria [c. 150-? 212/17]; do Aristotelismo, em **Orígenes** [185-253] e em **Gregório de Nissa** [371-394]; foca-se o Platonismo pelo prisma da sua recepção, por forma a que se compreenda que o estudo de um Justino deve levar em consideração o estado do platonismo médio, o de um Clemente, parte do mesoplatonismo e a fase inicial do neoplatonismo, o de um Gregório de Nissa, a

situação do neoplatonismo nos séculos III e IV, tal como o estudo de um Dionísio deve tratar de Proclo e de Damásio, o de um Mário Vitorino [c. 280/85-d. 362] e de Santo Agostinho, do neoplatonismo de Plotino e de Porfírio.

Quanto ao segundo ponto, o relativo à influência exercida por um dos domínios culturais em causa (Cristianismo e Helenismo) sobre o outro, parece-nos equilibrada a quádrupla opinião de PÉPIN (1974): influência directa no domínio da expressão, empréstimos paralelos a realidades sociológicas comuns, idêntica submissão a esquemas mentais, imitação do pensamento cristão por parte do paganismo. Esta solução permite tratar as analogias que facilmente se encontram entre os dois universos culturais.

§ 3.

Entre os autores da Patrística, **Santo Agostinho** [354-430] no universo latino, e Dionísio no grego, merecem um destaque particular. Eles serão, fora de toda a dúvida, as maiores autoridades ao longo da Idade Média.

Requer-se uma introdução à leitura das obras augustinistas (o que dá a oportunidade de traçar um panorama geral do pensamento do autor e da sua influência histórica, cf. FERRIER 1989) e, em segundo lugar, a exploração de uma das dimensões do seu pensamento, por exemplo, a relativa à Criação e ao Tempo – aspectos que deram que pensar à Latinidade posterior. Vemos ali marcas da transformação da filosofia grega antiga. Num curso monográfico sobre o Hiponense haveria que tratar, evidentemente, algo mais. Estamos a pensar em aspectos como a especulação trinitária, estética, moral, histórica, política, antropológica, gnoseológica, exemplarista, a teoria da interpretação, etc. Não o podendo, na prática, fazer, a introdução à leitura das obras nucleares permitiria esquematizar os seus conteúdos principais.

A leitura integral das *Confissões* (obra mais "moderna" do que "medieval") afigura-se-nos, em todo o caso, um momento privilegiado, quer no acesso ao primeiro propósito enunciado quer no estudo do segundo. Também a passagem referida pela biobibliografia augustinista confere o ensejo de pôr em relevo uma das temáticas centrais da Patrística e de toda a Idade Média, a que se consubstanciará no programa hermeneuticamente circular "crede ut intelligas, intellige ut credas", com um primeiro acume, posteriormente, em Stº Anselmo (vd. § 6, mas também § 10). Acresce que a temática da Criação e do

Tempo, em particular nas *Confissões*, testemunha exemplarmente esse programa, além de fazer o mesmo relativamente à exemplificação de uma apropriação crítica da filosofia grega, no caso a de Plotino (GUITTON 1955).

Devidamente introduzida, não vemos qualquer óbice a que, desde já, num arco hermenêutico limitado porém, se aluda a uma outra e posterior especificidade desta apropriação, a relativa à doutrina da Criação extraída do *Génesis* (PARENT 1938). Detectam-se, primeiramente (i. e., no séc. XII), pelo menos duas atitudes respeitantes ao valor de Platão, do *Timeu* mais concretamente, para a interpretação daquele livro bíblico (TAUSTE ALCOCER 1993): a de Thierry (que parte do *Génesis* fazendo uma exegese 'secundum physicam') e a de Guilherme de Conches (que parte do *Timeu*, acomodando-o à cosmovisão cristã). Está assim aberto o caminho para evidenciar, depois, o facto de a mesma temática, a Criação, lida posteriormente à luz do aristotelismo, levantar diferentes e novos problemas, em particular nos séculos XIII e XIV (BIANCHI 1984; DALES 1990). Aqui, estamos a pensar em dimensões como: a profusão da literatura 'de aeternitate mundi', as perspectivas teológicas em causa (imagem de Deus e o conceito de criatura), os paradoxos sobre o infinito, as perspectivas física e cosmológica. Julgamos assim contribuir para o desenvolvimento das competências de reconhecimento da especificidade do tratamento do Tempo – daí o estudo do ingente problema da Criação, tal como nos aparece nas *Confissões*, entre muitos outros textos porém (O'TOOLE 1944) – quer em solo grego quer em solo semítico (PEREIRA 1977), e contribuir para uma primeira análise quer dos limites quer das fulgurações do trabalho "psicológico" de Stº Agostinho sobre o Tempo (RICOEUR 1985; HUSSERL 1964; WITTGENSTEIN 1987).

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL: VANNIER (1991); MARROU (1950); GONÇALVES (1991); HAEFFNER (1988); FISCHER (1987); GLOY (1988).

§ 4.

A referência à figura e à obra do **Pseudo-Dionísio** [séc. V-VI], para além de ser ocasião para estudo de uma figura ímpar no neoplatonismo cristão, que marcou profundamente o Ocidente latino, a partir do momento em que o Corpus da sua obra foi traduzido (séc. IX), pode ser útil também pela possibilidade que dá de traçar um bosquejo da filosofia bizantina (LIBERA 1993: 9-51) com Miguel Psellos [séc. XI], Miguel de Éfeso [séc. XII], e Nicéforo, o Filósofo [séc.

XIII-XIV]. Em quatro aspectos nucleares, quis A. de LIBERA (1993), caracterizar a originalidade da filosofia bizantina:

- (a) considerava-se a filosofia como "helénica", i. e., algo de estranho ao universo da teologia cristã;
- (b) ela gozava de uma autonomia impensável no Ocidente;
- (c) sendo o estudo da teologia essencialmente monástico, à filosofia cabia o papel modesto de formar funcionários;
- (d) o filósofo era um enciclopedista e as disciplinas positivas – o que os Latinos chamarão o *quadriuium* – eram privilegiadas.

O principal problema de Dionísio é um dos problemas nucleares de todo o pensar ocidental: como falar de Deus, estando este para além de todo o conhecimento e capacidade descritiva humana? A gramática filosófica adoptada para a discussão desta temática é a de Proclo, cujas teorias, seguramente adaptadas, configuram um pensar mais místico do que argumentativo, mais assertivo e velado do que axiomático. A *Teologia Mística* e o tratado sobre *Os Nomes de Deus* são as duas principais obras (cf. FERNÁNDEZ 1979: 496-523, com textos) do que se chama o *Corpus Dionysiacum*. Os seus aspectos nucleares (ROQUES 1983; BRONS 1976), são:

- (i) a lei da *moné, proodos e epistrophé*;
- (ii) os conceitos básicos de *henosis* e *diakrisis*;
- (iii) as relações entre a teologia negativa e a positiva, e a superioridade daquela;
- (iv) a absoluta transcendência da *moné* divina e a sua imanência no mundo (*dynamis/synechei*);
- (v) características do processo criativo;
- (vi) as pessoas da Trindade.

Importa situar o contributo deste autor dentro do problema neoplatónico da identidade e da diferença (BEIERWALTES 1980; PEREIRA 1988), mostrando como, por exigência dos dogmas cristãos (Criação e Trindade), a primeira e a segunda hipóteses do *Parménides* (137c e 142b) são postas ao serviço da possibilidade de se falar (positiva e negativamente) de um Deus que se apresenta simultaneamente como triplo e uno (*triadiké enás*), igual e diferente. Um Deus identidade e diferença, é fonte de nomes e está para além de todos os nomes, é identidade de repouso mas também alteridade, e princípio de diferenciação. É não só um modelo da linguagem sobre Deus (a teologia, a analogia) que aqui está em causa, como também o problema da relação (interna, em Deus, e externa, deste à criação) podendo, por

isso, apontar-se no sentido da transformação cristã dessa categoria (GONÇALVES 1980). Ela institui um modelo dialógico apoiado numa dia-lógica triádica que se serve da negação como potencial anagógico revelador de uma relação conatural e de um laço metapsicológico.

Finalmente, previne-se assim para o facto importante da presença de Dionísio na Idade Média, diferentemente traduzida no projecto metafísico de um Alberto Magno e da sua herança alemã ou renana (vd. § 10 e 11) e de um Tomás de Aquino, no qual se percebe a mesma superação da metafísica vivida embora criticamente nos quadros de uma consciência mais relativa aos limites da linguagem teológica.

§ 5.

Boécio [475/80-524/26] é, não sem razão, considerado o primeiro medieval ou até o primeiro escolástico. É que graças às traduções da obra lógica de Aristóteles, e aos comentários à mesma, ele terá legado ao Ocidente latino uma feição dialéctica preciosa e informante. Visa-se reconhecer a importância da lógica e compreender o modo da sua recepção como determinante essencial na configuração da filosofia da Latinitude, sendo ainda hoje a melhor introdução sobre este aspecto as secções III, IV e V de *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Uma parte do contributo boeciano no campo da lógica pode ser facilmente elencado (CHADWICK 1981): as temáticas do quadrado lógico, das proposições e dos silogismos categórico (BLANCHÉ 1985: 124-131). Igualmente apontado o estatuto daquela disciplina enquanto modeladora do apuramento do dogma.

Esta é uma excelente ocasião, portanto, para se iniciar um tratamento específico da lógica, no seu progressivo conhecimento trifásico – *logica vetus, nova e logica modernorum* – (MUÑOZ DELGADO 1975) e no modo como este facto contribuiu para alterar os regimes do ensino, do conhecimento e do saber (PEREIRA 1967).

Tanto quanto *A Consolação da Filosofia*, será importante, pelo seu reflexo no século XII, o estudo da contribuição dos *Opuscula sacra* quer para se detectar o estabelecimento de alguma terminologia e problematologia que ainda hoje nos informa (acaso, presciência divina e liberdade, eternidade, pessoa, cf. SONDEREGGER 1994) quer para a definição do problema da diferença ôntico-ontológica (através das noções *quo est/ quod est*) (cf. CHADWICK 1981; PONTES s. d., para textos). Referimo-nos, neste último ponto, à dominante lógico-

-teológica da semântica boeciana, posteriormente tratada por Gilberto de Poitiers (MARENBNON 1988a), autor que importaria conhecer melhor.

O programa delineado no *De Doctrina Christiana* de Stº Agostinho consubstanciado pela lógica aristotélico-boeciana foi essencial na determinação do conteúdo do ensino da Alta Idade Média, e a chamada Renascença Carolíngia, que está na origem formal da renovação escolar, teve em João Escoto Eriúgena [800/15-? 870] a sua figura cimeira (GREGORY 1963; MARENBNON 1988: 43-79; BEIERWALTES 1994). No estado actual dos conhecimentos ainda não é bem clara a exacta configuração da sua influência (LUCENTINI 1980), mas, e tal como aconteceu com Boécio, ela é notória no século XII; assim, v. g., a *Clavis Physicae* de Honório Augustodunensis representará um esforço interessante para divulgar o *De divisione naturae* (FLINT 1995).

À semelhança de Boécio, João Escoto esteve ligado à translação da filosofia grega para o universo latino, designadamente mercê das traduções que levou a cabo do Pseudo-Dionísio, de Máximo [c.†579/80-662] e de Gregório de Nissa. Esta complexa influência tem no *De divisione naturae* a sua expressão sistemática, pelo que convém patrocinar a leitura de alguns passos selectos (cf. FERNÁNDEZ 1980: 3-42), designadamente em vista da definição da estrutura do real (bipartida e quadripartida), cuja integração hermenêutica deveria ser feita mediante a reflexão em torno da figurabilidade ontológica da história pelas suas formas progressivas.

Uma brevíssima referência à oposição de Eriúgena a Godescalco [† 869] sobre a predestinação permitiria, por exemplo, estabelecer um quadro da diversidade cultural do século IX (FLASCH 1992: 1-42) e a passagem, graças a um comum pendor dialéctico, para o século XI.

§ 6.

A dinâmica particular do século XI reconhece-se, primeiro, nas obras de Lanfranco [† 1089] e de Berengário [† 1088], mas é no caso particular de Santo Anselmo [c. 1033-1109] que ela se torna renomada. Assim como no século IX estava em causa uma tripla forma de dialéctica e retoricamente alguém se posicionar frente à teoria evolutiva de Stº Agostinho sobre a Graça (a da escola de Alcuíno [c. 735-804], que dominava o centro e o norte de França e a Alemanha, a do eixo Troyes e Lyon, e a da zona de influência irlandesa patente em Eriúgena), assim no século XI continuava a estar em causa o uso da

dialéctica para se pensar o dogma (HOLOPAINEN 1996). A especialidade em gramática e lógica patenteadas por Lanfranco e Berengário (D'ONOFRIO 1993) a propósito da Eucaristia (FLASCH 1992: 43-56) é aquela mesma que Stº Anselmo recolherá e potencializará na equacionação do programa "fides quaerens intellectum".

Quanto a este programa, deve salientar-se a análise pormenorizada da chamada "ratio Anselmi" – acessível em várias versões portuguesas – e a polémica que ela suscitou e continua a provocar (HICK e MCGILL 1968; BRITO 1988; XAVIER 1994; FOREVILLE 1984; HOEGEN 1990). Semelhante projecto deve ser devidamente situado numa particular episteme platónica (FREITAS 1986) e religiosa (CORBIN 1992), de onde a particular importância do capítulo XV do *Proslógion*. Se o ponto de partida é o que a fé ensina, a prova passa por verificar se realmente existe o que a fé afirma que existe; a comprovação da fé mediante razões necessárias, é um trabalho filosófico. Inscrito, o argumento, no caminho augustiniano da interioridade até Deus, dever-se-á assinalar, igualmente, o seu pressuposto basilar: o nexos existente entre pensamento da existência e a existência extra-mental, aspecto que deu que pensar a Descartes, Leibniz, Kant ou Hegel, i. e. dizer, que as provas da existência de Deus desempenham um papel capital para o entendimento do que será o filosofar racionalista moderno.

Tanto quanto a observação lógica do discorrer do *Proslógion*, da atenção à objecção de **Gaunilo** (que pelo seu fundo aristotelizante encarna um conjunto futuro e fecundo de objecções), e da restrição particular de Stº Anselmo em resposta ao seu objector, não vemos porque não se possa atender ainda, primeiro, a uma reflexão sobre o estatuto da literatura sobre as "provas da existência de Deus" neste período (de RIJK 1985: 106-141), segundo, à apresentação das duas vias mais vulgares – a apriórica e a aposteriórica (com referência às cinco vias de São Tomás, cf. PHILIPPE 1973; VAN STEENBERGHEN 1974a) – e, finalmente, à observação da repercussão historial deste tipo particular de literatura teodiceica.

§ 7.

O século XII é o século das cidades, das escolas e de **Pedro Abelardo** [1079-1142] enquanto intelectual (PAUL 1973; LE GOFF 1984), mas também um século de plurímota actividade intelectual em geral e filosófico-teológica em particular (DRONKE 1988; CHENU 1957a).

Poderá fazer-se a aproximação à obra tão polifacetada de Abelardo à luz de passos selectos da *Historia Calamitatum* no quadro da renovação urbana em que o pulsar e o renascimento escolar se interpenetram (JOLIVET 1982; PACHECO 1988-89; LUSCOMBE 1988). Um século depois, e as Universidades estabelecer-se-ão, sendo por isso pertinente o exame do Prólogo do *Sic et Non* (CARVALHO 1994: 44-47), a avaliar na sua quota-parte de pré-determinação do método escolar universitário. De assinalar as várias possibilidades de especialização escolar (mística, naturalista e lógica), e a inscrição de todo este movimento (GREGORY 1955; JOLIVET-LIBERA 1987; PARÉ et al. 1933; SOUTHERN 1979; DELHAYE 1947) ainda no quadro da constituição do conhecimento do *Organon* de Aristóteles.

É assim que se nos afigura relevante a lógica de Pedro Abelardo, nomeadamente a especificidade do seu contributo no quadro do problema dos universais, temática nuclear (de fronteira entre a lógica e a metafísica) na Idade Média (COXITO 1981; WENIN 1982; GANDILLAC 1981). Apresentada a querela dos universais no seu contexto quer histórico quer problemático, através do relato da *Logica 'Ingredientibus'*, qualquer reflexão sobre a concepção abelardina evidenciará o seu conceptualismo. Quer dizer, aquele tipo de platonismo que aceita 'coisas universais', apenas no caso de elas dependerem do pensamento humano, para a sua existência (daí também o problema da referência, no que se aparenta com Frege, com a diferença porém de que, para este, predomina a noção de função, enquanto que para Abelardo é a ideia de *fundamentum in re* das predicções que é central). A intenção nuclear da obra de Abelardo consiste em procurar o verdadeiro sentido, a Verdade mesmo, que se esconde na multiplicidade das palavras. Em conformidade, este projecto traduz-se, teologicamente, num ecumenismo, e em lógica, na investigação da verdadeira estrutura lógica que se encontra além da superfície gramatical.

Hildegarda de Bingen [1129-1164] é senhora de uma obra teológica e espiritual de importância filosófica indesmentível, por DRONKE (1984) comparada à de Avicena pelo seu enciclopedismo (cosmologia, antropologia, ética, medicina, poesia e música). Cingiríamos as contribuições da monja acerca da natureza do ser humano, do agir, e da relação deste com a Graça, onde se acusa a influência de Eriúgena e de Dionísio (LAUTENSCHLÄGER 1993; ALESSANDRO 1966). Anteriores ao movimento escolástico, as considerações da abadessa beneditina Hildegarda sobre o tema da felicidade, eventualmente acessível pela via do conhecimento experimental do bem e do mal, são, natural-

mente, de estilo descritivo e simbólico. Esta dominante ética, que se traduz no acontecimento, quer amante quer inteligente, do Verbo, abre contudo o homem e o seu agir a uma dinâmica (já existencial já ontológica) em que à virtude cabe papel nuclear com vista à divinização. Ora, dá-se o caso de a divinização nos ser ilustrada pela figura da Mulher, tal como o título que se dá à criatura racional (a de ser-à-imagem integrando racionalidade e corporalidade), assumir, nesta parte, a condição sexuada, que é dita possuir um carácter trinitário e cristológico.

Um indisfarçável tom de modernidade das suas reflexões sobre a condição feminina e o seu significado espiritual justificariam uma informação sobre a presença das mulheres no pensamento medieval (PERNOUD s. d.; DRONKE 1984; BØRRESEN 1990; BYNUM 1992).

§ 8.

Tal como sucedia em relação à filosofia bizantina, e ao anterior apartado na esfera dos "women's studies", este parágrafo comporta um intuito informativo descentralizador, salvo o facto, é claro, de que, historicamente falando, foi muito maior e mais relevante a influência dos pensares islâmico e judeu no Ocidente latino. Que fique bem exarado que reputamos tratar-se de um continente com pensamento e obras originais, a merecer, pois, mesmo no nosso País, maior atenção e dedicação (FAKHRY 1983; BADAWI 1968; SIRAT 1990; SIMON 1984; BUTTERWORTH & KESSEL 1994; JOLIVET 1995; TROUPEAU 1995 para o cristianismo árabe).

Aquela influência poderia ser testemunhada e avaliada no seu grau de penetração, caso a caso, no momento de encontrarmos os autores latinos que pensaram na senda de quem tinha no árabe ou no hebraico o seu idioma, mas mais naquele do que neste (lembramos, a título de exemplo, São Tomás, influenciado, embora muito diversamente, por Avicena, por Averróis e por Maimónides). Baste, por ora, um elenco dos principais autores e das suas teorias capitais, no que concerne, evidentemente, apenas àquela influência, dependente do trabalho de traduções (HAMESSE-FATTORI 1990; PONTES 1963):

(a) o estatuto gnoseológico e metafísico da essência, segundo Avicena [980-1037] (GOODMAN 1992);

(b) o problema intelectual, em Averróis [1126-1198] (AL-'ALAWI 1994; CARVALHO 1996, para uma insuspeitada relação);

(c) a teoria do hilomorfismo universal, para Ibn Gabirol ou Avicbron [1021-1050/70] (BRUNNER 1950);

(d) o diálogo tão fino que Maimónides [1138-1204] estabeleceu para as relações da teologia com a filosofia (WOHLMAN 1988).

Paralelamente, este apartado permite a consciencialização do modo específico como Aristóteles se latinizou, ou seja, de maneira neoplatonizada (DOD 1982). Representará uma conquista significativa, em relação ao nosso meio escolar do Ensino Secundário, perder-se de uma vez por todas o equívoco de tomar esse extenso e variegado continente da filosofia medieval pelo "aristotelismo".

§ 9.

Não existe grande erro em identificar o século XIII filosófico (VAN STENBERGHEN 1990a) com a **Universidade** e os seus grandes mestres. Mas já haverá equívoco assinalável se se pensar a Universidade como um monolito (RIDDER-SYMOENS 1996), designadamente ao nível das suas produções teóricas, tocando vários géneros (KENNY e PINBORG 1982; CHENU 1957; BAZÁN et al. 1985; JACOBI 1994).

De facto, várias dissemelhanças há entre os pensares de Grosseteste, Alberto Magno, Boaventura, Tomás de Aquino, ou Henrique de Gand, para só citarmos alguns nomes. Esta lista é relativamente aleatória, mas contempla alguns dos maiores pensadores deste período: São Tomás e o seu mestre; Grosseteste e São Boaventura, como modelos absolutamente distintos, em Oxford e em Paris; Henrique de Gand, como o primeiro e mais consequente crítico da síntese de Tomás, sendo responsável, por isso, pela nova atitude que encontraremos nessa grande figura da fronteira do século, João Duns Escoto.

Mas o tratamento a dar a estes autores só pode ser feito depois de uma rápida incursão em torno do esclarecimento dos métodos de trabalho e das estruturas universitárias (GLORIEUX 1968; LEFF 1968; RANDI e BIANCHI 1989; CARVALHO 1994: 39-89; HAMESSE 1994; RIDDER-SYMOENS 1996: 307-443).

De Oxford e seus métodos (WEISHEIPL 1964; LEFF 1968), passamos a uma das suas figuras proeminentes, **Roberto Grosseteste** [c. 1168/75-1253] (McEVOY 1986). Referimo-lo aqui explicitamente, melhor do que **Rogério Bacon** [c. 1212/14-1294], basicamente por uma razão apenas de ordem prática: a existência, em português, de uma obra que trata a metafísica da luz, na qual o autor oxoniano se insere com toda a justiça (ECO 1989: 56-65). Visa-se o reconhecimento da importância da óptica e da luz (*lux* e *lumen*) na definição da propor-

ção bem como o reconhecimento da especificidade da "ciência" oxoniense, a mesma que, posteriormente, com o colégio de Merton, ou mais precisamente com os "calculadores" (SYLLA 1982), tem um lugar cativo na constituição do que se virá a chamar a "ciência moderna" (LINDBERG 1992; MAIER 1964; LEWIS 1980).

Não se vê, evidentemente, para além do geográfico, qualquer motivo directo para se estudar a temática da ciência medieval a seguir a Grosseteste, posto que entre a física da luz e a idade do cálculo (predominantemente lógico) debatem-se dois modelos com características epistémicas próprias (o primeiro relativo à geometrização da relação que une causas e efeitos, o segundo dependente do desenvolvimento das linguagens analíticas). Sendo ainda necessário aludir à responsabilidade, em quota-parte, da física do movimento (CLAGETT 1959), não poderíamos senão pôr em evidência esta complexa situação se se quiser repensar a temática da origem da ciência moderna.

A ocasião para se abordar a metafísica da luz do Lincolnense, permite começar a trabalhar uma das várias problemáticas ligadas à iluminação e ao conhecimento: a teoria da visão. Para a ideia de que o conhecimento envolve um processo de abstracção em relação aos sentidos exteriores, o sentido protótipo era o da visão, formulação alcançada por autores que se dedicaram especialmente ao estudo daquele órgão como os "perspectivistas". Rogério Bacon foi talvez o primeiro latino a dominar o *De Aspectibus* de **Ibn al-Haytham** [965-c. 1040] e foi através dele que a teoria perspectivista deste texto árabe passou para **João Peckham** [c. 1225-1292] e **Witelo** [1220/30-1277] (TACHAU 1988: 3-26; NASCIMENTO 1995). Devemos ainda a Bacon (EASTON 1970), na sequência de Grosseteste, a realização da integração do aristotelismo ao neoplatonismo. Em relação a este trabalho integrador dois pontos se poderiam referir. Pensamos na teoria da propagação das "species" (SPRUIT 1994) no meio (ou da actualização do seu potencial), e a correcta captação da teoria al-haythamista da "apercepção". Baseada no carácter de incompletude que afecta a percepção externa, esta teoria defende a intervenção do "ultimum sentiens", faculdade judicativa localizada na parte frontal do cérebro que executa as operações necessárias em ordem a examinar e catalogar toda a informação recebida pelos sentidos.

As figuras de **Santo Alberto Magno** [1193-1280] e de São Tomás de Aquino não carecem de justificação, mas no primeiro encontramos os gérmenes – desprezados por Tomás – de um importante movimento de características místicas além do mérito histórico justíssimo

da reelaboração de quase toda a filosofia peripatética (CRAEMER-RUEGENBERG 1985; LIBERA 1990). É importante tomar consciência da existência imorredora de um preponderante veio místico, entre *ratio e sapientia* (PACHECO 1985), que liga Plotino e Pseudo-Dionísio (BARBOSA 1984: 6-51) a **Nicolau de Cusa** [1401-1464] (ANDRÉ 1992). As suas marcas, no que toca à estrita influência albertinista, reconhecem-se em autores como **Ulrico de Estrasburgo** [† 1278], **Teodorico de Freiberg** [c. 1250-c. 1310], Mestre Eckhart e **Bertoldo de Moosburgo** [c. † 1361] (LIBERA 1984).

As duas notas mais genéricas deste modelo são:

(i) a ideia de que o Criador e a criação devem ser entendidas em conjunto se se quiser compreender a verdadeira natureza das coisas e a sua ordem;

(ii) o relevo dado à transcendência de Deus, que escapa, no mais além do divino, a princípios estabelecidos do pensamento racional.

O germen de crítica à linguagem da metafísica tradicional, também reconhecível no seu discípulo Tomás de Aquino, passa por uma dinâmica de interpretação que visa explicar o mundo pelo inexplicável e passa por uma tensão entre saber racional e absoluto não-saber.

Relativamente a Tomás de Aquino (KRETMANN e STUMP 1993; RASSAM 1980; KENNY 1981; CHENU 1974; PESCH 1992; VAN STEENBERGHEN 1990; TORRELL 1993; GILSON 1972) – que poderíamos confrontar com o seu contemporâneo São Boaventura (GONÇALVES 1970; SPEER 1987; GILSON 1924; BOUGEROL 1988) – colhe bem o estabelecimento de um quadro o mais sistemático possível. Cingiríamos apenas as três áreas seguintes: teoria do conhecimento, metafísica e moral. Consideramos essencial o estabelecimento do confronto entre **Boaventura** [c. 1217-1274] e **Aquino** [c. 1225-1274], dois contemporâneos, metodologia seguida com algum sucesso por WEBER (1974), não, sobretudo, para honrar o que seria um estilo "franciscano" e um outro "dominicano", mas como ocasião para ilustrar duas formas possíveis de num mesmo período histórico alguém se posicionar frente a Aristóteles. Deparamo-nos assim com o paradigma da redução expressiva da pluralidade (Boaventura, *De red. artium ad theol.*) frente à aplicação ontoteológica da analogia do ser (Tomás, *Qu. disp. de Ver.*, q. II, a. 11).

No domínio da teoria do conhecimento, Boaventura completa o empirismo aristotélico com as leis da sabedoria de inspiração agustiniana (*Qu. disp. VII de sc. Chr.* IV); já para Tomás, a passagem da

ciência à sabedoria, respeitada a lógica e a objectividade tal como Aristóteles a definiu, estabelece o laço onto-teológico da ciência sem contudo evacuar a componente apofática (GÉRARD 1994), índice da limitação do conhecimento humano (*Su theol.* I^o, q. 12, a. 12).

No capítulo da metafísica, de que a gnoseologia será apenas uma expressão, a especificidade bonaventurina é de carácter mais existencial, pelo que a aferição da quádrupla causalidade (final, formal, eficiente e material) pela causalidade exemplar privilegia o inatismo, que Tomás rejeita, e o acesso a Deus, enquanto meio, e simultaneamente *causa essendi*, *ratio intelligendi* e *ordo vivendi* (*Itin. mentis in Deum*; CARVALHO 1996c). Este carácter prático e 'político' da metafísica de Boaventura estão ausentes do texto mais intelectualista do Aquinate, o qual, no entanto, com a teoria da participação e com a longa reflexão sobre Dionísio, completa a problemática criacionista pensada com terminologia aristotélica; é isso mesmo que o *De ente et essentia* já exprime (CARVALHO 1995c).

A ética de São Tomás é a superação da ética aristotélica não na terminologia, mas na forma mental. De particular interesse reputamos a distinção tomasina entre actos humanos (*actus humani*) e actos do ser humano (*actus homini*), por isso que os primeiros, consciente e voluntariamente realizados por um sujeito (razão e vontade), determinam a ordem moral (McINERNEY 1993). Entretanto, o contributo sistemático de Tomás no domínio da ética (RHONHEIMER 1994), ganha mais interesse se for comparado com o do seu mestre Alberto Magno (de quem se distingue, designadamente na concepção da felicidade e da teoria) e com a de um Sigério de Brabante [c. 1240-1284] ou a de um Boécio de Dácia [fl. 1275] (WIELAND 1981: 197-220; BOTTIN 1989).

Henrique de Gand [† 1293] fez parte da comissão que em 1277 condenou um pouco mais de duas centenas de proposições consideradas heterodoxas pelo bispo de Paris (HISSETTE 1977). A avaliação desta intervenção censória é bastante discutível (BIANCHI 1990; BIANCHI & RANDI 1990), mas é de crer que, entre os visados pelo bispo estaria, pelo menos indirectamente, o próprio Tomás de Aquino. Na sua vastíssima obra (MACKEN 1994) Henrique de Gand distanciar-se-á criticamente de Tomás, que no entanto o influencia sem qualquer dúvida (GÓMEZ CAFFARENA 1958), pelos menos nos seguintes domínios: na relação vontade/inteligência, na inflexão existencial da distinção essência/existência, no estatuto da teologia como ciência, na tese da unicidade substancial, na determinação das relações da vontade com a inteligência (CARVALHO 1993).

O interesse desta "correção" que o Gandavense traz a Tomás passa por trazer o paradigma platónico-augustiniano para o centro de um projecto francamente acolhedor do aristotelismo, pelo que o significado da avaliação da sua intervenção deve ser ponderada na relação prospectiva que estabelece com a filosofia de João Duns Escoto. Dado o diverso contexto epistémico do século seguinte, a ocasião de caracterizarmos o estatuto da realidade (*res*) em Henrique de Gand (CARVALHO 1996a) é, ao mesmo tempo, a abertura para a temática do conhecimento, em breve no centro das preocupações dos filósofos, o que poderia ser feito pela temática do *esse obiectivum* (MURALT 1991: 90-167; SPRUIT 1994), para a qual Henrique de Gand contribuiu, mais do que é comum assinalar-se.

§ 10.

Terminaríamos sob o signo da 'novidade', isto é dizer, de forma crítica em relação àqueles intérpretes que vêm no declinar outonal da Idade Média uma certa (ou uma qualquer) decadência filosófico-teológica. Eckhart, Duns Escoto, Ockham e Dante, entre muitos mais, não corroboram, julgamos, semelhante leitura nostálgica.

De João Duns Escoto (GILSON 1952; VIGNAUX 1994: 197-213; WOLTER 1990; ESSER 1993), que confrontaríamos com Guilherme de Ockham (BOEHNER 1958; ADAMS 1987; ALFÉRI 1989; WOSSENKUHL & SCHÖNBERGER 1990), destacamos apenas dois aspectos, que não necessitam de justificação no estado actual dos conhecimentos: a distinção formal *ex natura rei* e a teoria *de potentia dei*. Em ambos estes sectores a cisão entre Escoto [1267-1308] e Ockham [c. 1285-1347/49], dois franciscanos, é a mais radical possível. Assim, a uma teoria do conhecimento e a uma metafísica da natureza que visa manter singularidade e universalidade, sensibilidade e inteligibilidade, contingência e liberdade, oporá Ockham um programa filosófico empirista e antiplatónico, ou seja, uma concepção em que o real passa a ser directamente acessível pelo conhecimento, a ontologia desrealizada, e o universal neutralizável pela linguagem.

Em conformidade, privilegiar-se-ia o acesso a Ockham pela via da teoria da suposição (CARVALHO 1986; ANDRÉS 1969), e a Escoto, pela teoria da univocidade (BOULNOIS 1988). No que toca ao problema *de potentia dei*, é importante distinguir-se:

(i) *potentia absoluta* e *potentia ordinata* (RANDI 1990; COURTENAY 1990);

(ii) os quatro planos da diferença, nesse capítulo, entre os dois franciscanos (o da dinâmica interna, o do sujeito, o das manifestações e o das conotações);

(iii) a concepção da modalidade subjacente às duas posições em confronto;

(iv) as consequências da doutrina ockhamista da onipotência divina no caso do conhecimento intuitivo de um inexistente (MURALT 1991: 352-407).

Mestre Eckhart [c. 1260-1328] tem, da filosofia, uma concepção cristológica e bíblica (BRUNNER 1969; LOSSKY 1973; LIBERA-BRUNN 1984; MANSTETTEN 1993), no que representa o ápice do programa agostino-anselmiano a que já aludimos. Na identificação Ser/Deus/Ser reside o arco completo do seu contributo, com extensões em domínios como:

- (a) noética (natural e sobrenatural),
- (b) mediação (Incarnação e Revelação),
- (c) metafísica (ser e não-ser),
- (d) negatividade (o inquietante e enigmático tema do 'nada'),
- (e) relação (Deus/criação, Eu/Deidade).

Entre todos, cingiríamos o da metafísica, em que 'ser' nos aparece como o horizonte da noção, intraduzível, de *abegescheidenheit*, quer dizer de renúncia confiante e apaziguante de si (*gelâzenheit*), e no qual o comentário ao *Êxodo* e a doutrina do Verbo se integram na configuração progressiva de uma henologia, desvinculados que foram Agostinho e Dionísio com vista ao acordo, menos problemático, entre Proclo e Dionísio (*Sermão alemão 77*). *Plenitudo essendi, puritas essendi, negatio negationis, unum e indistinctum* – eis alguma da terminologia que importa integrar no problema do mistério da diferença ontológica como identidade entre o ser e o nada (PEREIRA 1988: 44-68).

Já não causará qualquer surpresa o estudo do poeta florentino **Dante** [1265-1321] em filosofia (GILSON 1972a; IMBACH 1989). Julgamos que ele nos permite introduzir a interessantíssima e vivíssima problemática política medieval (BURNS 1988; AA. VV. 1994; SOUZA 1995; AA. VV. 1996). Visamos, pois, a *Monarchia*, que procura trazer a independência e a autonomia do político que o comentário de São Tomás a Aristóteles não terá sabido realizar completamente. Consciente de inovar em matéria política, a "monarquia", temporal, exprime o laicismo político do seu autor, e a obra tem valor pelos

argumentos estritamente filosóficos que aduz contra a legitimidade da *plenitudo potestatis*. Atende-se, por isso, à postulação da independência do Estado face à Igreja, o que nos é proposto pela dissociação dos dois fins do Homem, o natural e o sobrenatural. É desta maneira que se traduz a ideia segundo a qual o homem pode atingir plenitude legítima não apenas enquanto espírito mas também (e antes de mais) enquanto homem (BERTELLONI 1992).

III
NOTAS PRÁTICAS

Importa começar por notar que, diferentemente do que sucede com autores modernos e contemporâneos, a **onomástica** dos autores medievais é sempre estabelecida começando pelo nome próprio, na sua forma latinizada; dir-se-á "Tomás de Erfurt" e não "Erfurt, Tomás de". Uma vez que na maioria dos casos o estudante cita a partir de obras em idiomas estrangeiros, convém que atente sempre na sua forma latinizada a partir da qual se deve formar o nome em português. Assim, não se deve dizer William de Ockham, mas Guilherme de Ockham, não Abélard mas Abelardo, e Henrique em vez de Heinrich ou Berengário em vez de Berengar. Há também um erro comum que passa por traduzir apressadamente nomes cujo uso já se encontra consagrado no nosso idioma: Albert le Grand é Alberto Magno (e não Alberto o Grande) tal como em vez de Scot (Eriúgena ou Duns) se deve sempre utilizar Escoto; de notar que Peter of Spain é o nosso (?) Pedro Hispano Português, e Anselmo de Aosta e Anselmo of Canterbury são uma única pessoa, Anselmo de Cantuária (conforme seja citado por italianos ou ingleses, respectivamente); idêntica duplicidade sucede no caso do nosso Stº António (de Lisboa ou de Pádua). A consulta a boas traduções com índices onomásticos em português (PONTES in VAN STEENBERGHEN s. d.) pode suprir algumas lacunas a este nível.

É muito variada a estrutura em que os principais **textos filosóficos** medievais se dividem; como porém as divisões, em particular nos textos escolares, são abundantes, pode referir-se o seguinte (CARVALHO 1994, para exemplos). Regra geral, *Su.* está na vez da palavra *Summa* e *l.* substitui *liber* (=livro, equivalente ao nosso capítulo), tal como *d.* quer dizer *distinctio* (=distinção); *q.* ou *qu.* abreviam *quaestio* (= questão ou também *Quodlibet*, mas preferivelmente *Quodl.*), *p.* abrevia *pars* (=parte), *a.* está na vez de *articulus* (=artigo), *c.* na vez de *capitulus* (= capítulo), e *n.* na vez de *numerus* (=número de parágrafo); regra geral deve apor-se entre parêntesis a edição usada. Um exemplo: HENRIQUE de GAND-*Quodl.* II, q. 7

(ed. R. Wielockx, p. 43, l. 11-13), que se trata da sétima questão do segundo *Quodlibet* do teólogo Henrique de Gand, citado na edição crítica estabelecida por Wielockx, página 43, da undécima à décima terceira linha).

A nossa experiência tem-nos dito que hoje em dia (por causa do secularismo?) um grande número de estudantes não está familiarizado com as abreviaturas dos **textos sagrados**, no entanto tão abundantes nos textos desta época; fique registado que o seu desdobramento se resolve com facilidade mediante o recurso às edições acessíveis no mercado livreiro. A Bíblia (ela inclui textos que se estendem do século X a. C. até ao II d. C.), que se divide em *Antigo Testamento* e em *Novo Testamento*, cita-se indicando o nome do livro (normalmente abreviado), logo seguido do número do capítulo e do do versículo; por exemplo: Gn. 12, 3. O Alcorão (em vez de Corão que ameaça impor-se contra a nossa tradição) cita-se indicando o número da sura (preferível à designação 'surata') logo seguido do número do versículo; exemplo: II, 2-4. No caso do Antigo Testamento (onde está incluída a revelação anterior a Jesus Cristo) importa não confundir *Eclesiastes* (Ecle.) com o *Eclesiástico* (Ecli.) e saber que os dois livros de *Samuel* (Sam.) também são chamados primeiro e segundo dos *Reis* (Rs.), recebendo, neste caso, o título de terceiro e quarto também dos *Reis* (Rs.) aqueles que hoje em dia são identificados como o primeiro e o segundo livro dos *Reis*. Os dois livros das *Crónicas* (Cr.) também recebem o nome de *Paralipómenos* e ao livro de *Neemias* (Ne.) pode dar-se o nome de segundo livro de *Esdras* (Esd.). Uma nota final: como é óbvio, os autores medievais não citam os textos sagrados pelas nossas edições, o que explica alguns desfazamentos (que habitualmente são resolvidos por uma edição crítica na zona do aparato, isto é, ao fundo da página do texto).

Progressivamente, e a um ritmo assinalável, cresce o número das **edições críticas** (as únicas fidedignas) dos autores abrangidos neste período. Entretanto, os para cima de trezentos e oitenta volumes da *Patrologia* do Padre Migne (Paris) – com as suas séries grega e latina (abreviadas PG e PL respectivamente) – constituem obra de referência, aliás PL já disponível em suporte CD-ROM. A Hamman publicou uma *Patrologia latinae supplementum* (Paris). Em Portugal, a Empresa «Lusodoc, Documentação Técnico-Científica, Lda» (Lisboa) comercializa PL.

Importa atentar na existência de várias séries ou colecções que editam e/ou traduzem fiavelmente obras fundamentais. Assim, BA =

Bibliothèque Augustinienne (Oeuvres de saint Augustin) (Paris); BAC = Biblioteca de Autores Cristianos (Madrid); CCCM = Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis (Turnhout); CCSL = Corpus Christianorum. Series Latina (ibidem); CLCAG = Corpus Latinum Commentariorum in Aristotelem Graecorum (Lovaina); CPD = Corpus Philosophorum Danicorum Medii Aevi (Copenhaga); CPG = Clavis Patrum Graecorum (Turnhout); CPMA = Corpus Platonicum Medii Aevi (Londres); CSEL = Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (Viena); MGH = Monumenta Germaniae Historica (Estugarda); PhBel = Les Philosophes Belges (Lovaina); PIMS = Pontifical Institute of Medieval Studies (Toronto); SBAW = Sitzungsberichte der bayerischen Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-theologische und historische Klasse (Munique); SC = Sources Chrétiennes (Paris); SSL = Spicilegium Sacrum Lovaniense. Etudes et documents (Lovaina); TMLT = Toronto Medieval Latin Texts (Toronto).

Hoje em dia pode-se já investigar razoavelmente usando, para além das normais edições em microfichas, os suportes em CD-ROM; o CETEDOC da Universidade Católica de Lovaina-a-Nova dispõe de várias colecções em **edição electrónica** (vd. *Cetedoc Library of Christian Latin Texts*. CLCLT-3, Lovaina-a-Nova, 1996). Também o Gabinete de Filosofia da Universidade do Porto produziu uma edição electrónica do sermonária de Santo António de Lisboa. No entanto, e para quem gostar do contacto (sempre emocionante) com os manuscritos (em muitos casos ainda o único veículo de investigação), pode sugerir-se como primeiro instrumento-guia, A Cappelli, *Dizionario di abbreviature latine ed italiane* (Milão, 1961). A sigla Ms(s), de uso corrente, deve ler-se: manuscrito(s), e geralmente segue a sua localização e cota; atente-se neste exemplo: PARIS, Bibl. Nat., ms. lat. 15356, f. 85 vb-101 ra, o qual se lê: manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris, no seu fundo de manuscritos latinos, registado com a número 15356, e composto pelos folia (as actuais 'páginas') do 85 verso «parágrafo», linha ou coluna b ao 101 recto, «parágrafo» a. Relativamente à confecção de manuscritos vd., para um caso e uma primeira aproximação, CARVALHO (1995b).

Várias são as **publicações periódicas** com interesse específico, para qualquer investigação nesta área: *Archives d'Histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age* (Paris) [abreviado habitualmente: AHLMA ou Archives]; *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters* [série habitualmente abreviada: Beiträge ou BGPM] (Münster); *Bulletin*

de *Philosophie Médiévale* (Lovaina-a-Nova); *Bulletin de Théologie ancienne et médiévale* (Lovaina); *Cahiers de l'Institut du Moyen Age grec et latin* (Copenhaga); *Collectanea Franciscana* (Roma); *Documenti e Studi sulla Tradizione Filosofica Medievale* (Espoleto); *Franciscan Studies* (Nova Iorque); *International Medieval Philosophy* (Leeds); *Medieval and Renaissance Studies* (Londres); *Medieval Studies* (Nova Iorque, e depois Toronto); *Mediævalia. Textos e Estudos* (Porto); *Medioevo Latino* (Espoleto); *Miscellanea Mediaevalia* [série] (Berlim, N. Iorque); *The New Scholasticism* (Washington); *Proceedings of the American Catholic Philosophical Association* (Washington); *Rassegna di letteratura tomistica* (Roma-Nápoles); *Recherches de Théologie ancienne et médiévale* (Lovaina); *Revista Española de Filosofía Medieval* (Saragoça); *Revue d'histoire ecclésiastique* (Lovaina); *Revue des sciences philosophiques et théologiques* (Paris); *Scriptorium* (Antuérpia-Bruxelas, e depois Gand) *Speculum* (Cambridge, MA) *Studi Medievali* (Turim, e depois Espoleto); *Traditio* (Nova Iorque); *Patristica et Medievalia* (Buenos Aires); *Vivarium* (Assen, e depois Leida).

Relativamente a **questões terminológicas** começa a ser cada vez mais importante a consulta aos volumes do CIVICIMA (= Comité international des institutions et de la communication intellectuelles au moyen age, Turnhout). Pode recomendar-se um dicionário, entre muitos outros (J. F. Niermeyer, *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, Leida, 1976) e, por exemplo, um guia de introdução à língua latina (D. Norberg, *Manuel Pratique de Latin Médiéval*, Paris, 1968).

Quanto à problemática da **transliteração** dos idiomas antigos (grego, hebraico e árabe) qualquer consulta a uma gramática corrente (desde que seja em língua portuguesa) pode esclarecer as dúvidas que se apresentam. Podemos indicar a de A. Freire para o grego (Braga) e a de M. A. Rodrigues para o hebraico (Coimbra); no caso particular do árabe, consulte-se a seguinte nota de J. P. Machado: «A Transcrição Portuguesa do Alfabeto Árabe», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Série 79, 10-12 (1961), 355-360.

As indicações anteriores têm particularmente em vista aqueles que, no seu legítimo direito, se propõem elaborar **trabalhos escritos** tendo em vista a avaliação académica. À partida, no caso específico da disciplina de Filosofia Medieval, qualquer pessoa que ignorasse o latim (ou, conforme certos temas e/ou autores, o grego, o árabe ou o hebraico) não deveria sequer propor-se a um tal propósito. Acontece,

porém, que um trabalho de avaliação não tem que ser uma dissertação (ainda que em ponto pequeno). Sem querer perder de vista que a ocasião pode significar o momento justo para alguém se iniciar numa dessas línguas (ou em qualquer uma dos idiomas vivos), poder-se-á sempre encontrar uma alternativa que não envergonhe ninguém e cumpra o seu papel no âmbito da cadeira, isto é, ampliar e aprofundar os seus conhecimentos e a sua capacidade filosófica. Assim, se se souber francês e ignorar latim, em vez de um tema do género «A teoria da eternidade do mundo em São Tomás», poder-se-á apresentar um tema do género «A teoria tomista da eternidade na interpretação de F. Van Steenberghen». Uma nota muitíssimo importante neste momento: deve lutar-se insistentemente contra temas demasiadamente vagos; o sucesso de uma investigação, mesmo que tão-só preliminar, será tanto maior quanto também maior for a restrição do objecto de estudo, e por isso é preferível estudar-se «A última interpretação de Duns Escoto por Vignaux» ou «A imagem da Filosofia Medieval na História da Filosofia de Kurt Flasch» (mas aqui importa dominar o alemão) do que «Duns Escoto na Historiografia Filosófica Francesa». Também podemos encontrar exemplos mais próximos de nós: «A contribuição de Cruz Pontes para o conhecimento da obra de Pedro Hispano Português» ou «O tema do método medieval na obra de Miguel Baptista Pereira». Não queremos com isto eliminar por completo a possibilidade de alguém dedicar o seu labor a um autor medieval. Mas aqui, e sempre na hipótese de se ignorar o idioma em que o autor trabalhou, um tema do género «A teologia negativa segundo a versão francesa d'*Os Nomes Divinos*» não repugna, e o mesmo se diga destoutro: «O argumento de Santo Anselmo: estudo comparativo das versões francesa e castelhana» ou ainda (e preferivelmente): «A presença de Platão em *A Cidade de Deus* (tradução portuguesa)» assim como: «Reflexos de Moisés Maimónides nas versões portuguesas de Espinosa. Análise comparativa com alguma historiografia medieval recente». Para quem souber alemão um tema do género «Análise do *De Veritate* de S. Tomás no curso do semestre de Inverno de 1923-24 de M. Heidegger à luz da tradução X do texto tomista» parece-me bastante proveitoso, tal como «Mestre Eckhart em dois textos de Fichte. Confronto crítico com a leitura de A. de Libera» ou «O essencialismo medieval em *l'Etre et l'Essence* de Gilson» (para o caso do idioma de Racine) – isto quer dizer que entre um trabalho de cariz histórico e um outro de cariz filosofante nos parece preferível este último, posto que este, se for bom, obriga àquele e a inversa pode não

acontecer com tanta facilidade ou naturalidade. Como já se vê, é imperioso que a escolha do tema de trabalho seja definido em função do seguinte parâmetro: qual a acessibilidade das fontes que vou usar? Estão ao meu dispor na Biblioteca ou no Instituto em que habitualmente trabalho? Posso facilmente consultá-las em outro acervo? Além de uma consulta ao catálogo da(s) Biblioteca(s) pode, a título prévio, dar uma vista de olhos por Histórias da Filosofia, Revistas de especialidade, Dicionários ou Enciclopédias (títulos que poderão ser citados segundo o critério que aqui adoptámos; vd. *infra* IV. 1). Uma vez preenchido ou cumprido este ponto, pode conceber-se uma estratégia metodológica, como por exemplo:

- (i) começar por ler a bibliografia mais genérica por forma a conseguir-se uma visão global;
- (ii) passar à leitura do autor ou da obra que constitui o miolo do trabalho sem perder de vista a sua tese (do genérico para o mais particular);
- (iii) tomar contacto com algumas críticas ou com leitura mais especializada;
- (iv) voltar a (ii) à luz do trajecto percorrido, mormente procurando responder a (iii).

A nossa experiência tem-nos dito ser preferível trabalhar um só texto de um autor. Esta restrição máxima, que habitualmente não é muito bem acolhida, além de obrigar a uma disciplina a maior parte das vezes inédita, dada a juventude dos nossos destinatários, não só não impede o estudo mais amplo de um autor (do autor do texto) como privilegia a única *via regia* do trabalho filosófico nas suas primícias, a análise. Para um possível trabalho recomendam-se, entre outros, os seguintes passos:

- (i) análise de todas as palavras e/ou conceitos mais importantes (ou mesmo todos) em todas as suas dimensões (filológica, semântica) recorrendo a todos os instrumentos necessários (dicionários, enciclopédias) sem perder de vista o seu contexto sintáctico (é uma interrogação? é uma condicional?, etc.; vd. aqui o comentário de CARVALHO 1994: 43-49);
- (ii) traduzir o texto que se analisa por palavras próprias equivalentes (o momento da paráfrase actualizadora mas assimiladora);
- (iii) elencar os conceitos-chave sob (pelo menos) duas perspectivas: o conceito ao longo da história da filosofia e no pensamento ou na obra do autor.

Após esta fase analítico-conceitual pode passar-se à contextualização (fase analítico-crítica) que tem em vista a apresentação relacional dos conhecimentos que esclarecem os vocábulos anteriormente levantados. Num terceiro momento dever-se-á descobrir a unidade ou a sistematicidade profunda do texto que se analisa; de notar que esta fase só é acessível depois da análise do texto e da sua situação contextual, agora, sobretudo, do contexto do pensamento do autor em causa. Cumpridos estes três patamares pode-se passar àquela operação que, para quem se inicia, é mais aliciante e costuma mesmo ser a primeira, a fase da interpretação, na qual a liberdade criativa do intérprete está à prova. Deveria ser um tipo de trabalho em que, partindo da aprendizagem resultante dos três processos anteriores, o intérprete aprofunda o tema de forma mais desligada do texto e, por isso, original.

Há, por último, seja qual for o texto, o método ou a amplitude do tema, uma regra de ouro: não se deve fazer nenhum trabalho científico sem a assistência do professor.

Damos de imediato um exercício sobre um texto de Alfarabi (RAMON GUERRERO 1985), exercício muito sumário, é certo, relativo à última estratégia preconizada:

«Dos diversos sentidos do termo intelecto»

Dado que o motor do primeiro céu não é matéria nem está em nenhuma matéria, segue-se necessariamente que é, em sua *substância*, um *intelecto*, pois ele entende a sua *essência* e a essência daquilo de que é *princípio de ser*. O seu princípio é necessariamente uno em todos os aspectos. Não é possível que exista algo mais perfeito do que ele, nem que tenha princípio. É, por conseguinte, o princípio de todos os princípios e princípio primeiro de todos os seres existentes. Eis o intelecto de que Aristóteles fala no décimo segundo livro da 'Metafísica'.

O sentido deste texto obtém-se pelo menos a partir do exame dos termos que sublinhámos. Eles revelarão as duas afirmações-chave: (i) *o motor do primeiro céu é necessária e substancialmente um intelecto*; (ii) *é princípio de todos os princípios e primeiro princípio de todos os seres que existem*. É evidente que, no mínimo, haveria que determinar o seu sentido filosófico desde Aristóteles e, depois, esclarecer, a partir do texto, que:

- (a) 'intelecto' designa quer a primeira substância emanada (o que é a emanção? a que problema visa dar resposta?) quer o ser primeiro enquanto ele é pensamento;

(b 'substância' tem a acepção neoplatónica do que, por carecer de matéria, é forma pura (a correlacionar com 'essência', constituinte do intelecto e separada);

(c) 'princípio' tem o sentido ontológico neoplatónico e religioso de fonte do ser.

De seguida, dever-se-ia estudar o tema da obra da qual o texto foi extraído – no caso, referir as seis acepções do termo intelecto, e particularizar a que o autor privilegia, a metafísica, que nos abre para a tese do texto: a existência necessária de um primeiro princípio, incausado, uno, perfeitoíssimo, distinto por isso do intelecto que é motor e causa da esfera do primeiro céu – o que obriga a uma contextualização mais vasta em que se explanará a metafísica cosmológica de Alfarabi. Seria uma ocasião estupenda para se percorrer com à-vontade a ontologia aristotélica e neoplatónica em que se congraçam os temas seguintes: Motor Imóvel, Uno, Intelecto Agente, existir por si e existir por outro, Causa, Ser primeiro. Finalizar-se-ia (como é óbvio nem sequer afluamos a última fase, mais individual) com a referência, já assinalada, de um problema de fronteira, marca autêntica do pensar alfarábico num horizonte problemático perfeitamente descortinável (concordância da razão com a revelação): explicar filosoficamente a fé islâmica num Deus uno e criador.

Por experiência docente sabemos quão difícil é, regra geral, para um Aluno, poder situar um autor na sua época própria. Justifica-se assim o **Quadro Cronológico dos Autores Medievais** a seguir esboçado (com indicações bibliográficas, quando isso não sucede em IV. 2; veja-se também DELORME 1988)¹:

- 48-62 _____ Acção missionária de São Paulo
 séc. II _____ **JUSTINO**
 séc. II _____ **TACIANO**: trad. castelhana, com o texto grego, por D. Ruiz Bueno, in BAC 116, Madrid, 1954.
 séc. II _____ **ATENÁGORAS**: B. Pouderon-*Athénagore, Supplique au sujet des chrétiens et Sur la résurrection des morts*, Paris, 1992.
 séc. II _____ **CELSO**: *Celsus. The True Doctrine. A discourse against the Christians*, trad. J. Hoffmann, Oxford, 1986.

¹ Utilizámos os seguintes sinais e abreviaturas: c. = cerca de; d. = depois de, ? = data duvidosa ou aproximada; 1954- = 1954 e seguintes; séc. = século; et al. = e outros; ed. = edição; reed. = reedição; trad. = tradução; vd. = veja-se; intr. = introdução.

- 130 c.-202 _____ **IRENEU DE LYON**: *Adversus haereses*: SCh.: 263, 264, 293, 294, 210, 211, 100, 152, 153, com trad. francesa; vd. Y de Andia, *Homo vivens*, Paris, 1986.
 séc. II-III _____ **TERTULIANO**: ed. CPL 1-36, PL Supplementum 1-2, CSEL 20, 47, 69, 70, 76; CCL 1-2
 150 c.-215 c. _____ **CLEMENTE DE ALEXANDRIA**
 185-254 _____ **ORÍGENES**
 250 c.-325 d. _____ **LACTÂNCIO**: CSEL 19 e 27 e *Oeuvres Complètes* in SCh 1986.
 séc. III-IV _____ **MÁRIO VITORINO**: M. T. Clark (ed.), *Marius Victorinus Theological Tratises on the Trinity*, Washington DC, 1981.
 séc. IV _____ **CALCÍDIO**: ed. J. H. Waszink, *Plato Latinus IV: Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus*, Londres-Leida, 2ª ed., 1975; trad. ingl. parcial: J. C. van Winden, *Calcidius on Matter*, Leida, 1959.
 325 _____ Concílio de Niceia
 334 ?-394 _____ **GREGÓRIO DE NISSA**
 339/40-97 _____ **AMBRÓSIO de MILÃO**: PL 14-17 e CSEL desde 1896; vd. G. Madec, *Saint Ambroise et la philosophie*, Paris, 1974.
 séc. IV-V _____ **MARCIANO CAPELA**: *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, ed. A. Dick, Lípsia, 1925.
 347/48-420 _____ **JERÓNIMO**: PL 22-30; CCSL 72-79; CSEL 54-56; vd. Y.-M. Duval (ed.), *Jérôme entre l'Occident et l'Orient*; Paris, 1988. Em português: *Carta a Pamáquio, sobre os problemas da tradução. Ep. 57*, trad. A. A. Nascimento, Lisboa, 1995.
 354-430 _____ **AGOSTINHO de HIPONA**
 365 c.-435 _____ **JOÃO CASSIANO**: *Conférences*, Paris, 1955 (com introd. de D. E. Picherey).
 395 _____ Divisão do Império Romano (Ocidente e Oriente)
 410 _____ Alarico saqueia a «cidade eterna», Roma
 451 _____ Concílio de Calcedónia
 sécs. V-VI _____ **DIONÍSIO, PSEUDO-AREOPAGITA**
 475/80-524/6 _____ **BOÉCIO**
 514-84 _____ **CASSIODORO**: PL 69-70; CCL 96, 97, 98. R. A. Mynors, ed.: *Institutiones*, Oxford, 1937.
 529 _____ Encerramento da escola de Atenas
 533 _____ Conclusão do Código Justiniano
 534 c. _____ Regra de São Bento
 540 c.-604 _____ **GREGÓRIO MAGNO**: PL 75-79; *Regula pastoralis* in S. Ch. 381-382.
 550 _____ São Martinho de Dume na região de Braga

- 560 c.-636 ___ **ISIDORO de SEVILHA**: *Etimologias. I e II*. Edición bilingue preparada por José Oroz Reta e Manuel A. Marcos Casquera, BAC, 2 vols., Madrid, 1982-83.
- 571 c.-632 ___ Maomé, o Profeta
- 579/80-662 ___ **MÁXIMO O CONFESSOR**: ed. CPG 7688-7721, PG 90-91, C. Laga -C. Steel (ed.), *Quaestiones ad Thalassium I-LV una cum latina interpretatione Ioannis Scoti Erigenae iuxta posita*, Turnhout, 1980, e J. H. Declerk (ed.), *Quaestiones et dubia*, Turnhout, 1982.
- 622 ___ Hégira (fuga) de Maomé para Medina
- 672/3 c.-735 ___ **BEDA, o VENERÁVEL**: *Bede and his World. The Jarrow Lectures, 1958-1993*, Aldershot, 1994.
- 711-719 ___ Conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos
- 730/35-804 ___ **ALCUÍNO de YORK**
- 768-814 ___ Reinado de Carlos Magno
- 800 ?-866 c. ___ **AL-KINDI**: vd. N. Rescher, *Al-Kindi. An Annotated Bibliography*, Pittsburgh, 1964.
- 800 c.-869 ___ **GODESCALCO de ORBAIS**
- 810 c.-877 ___ **JOÃO ESCOTO ERIÚGENA**
- 820 c. ___ Fundação da Casa da Sabedoria em Bagdad
- 870 c.-950 ___ **AL-FARABI**: vd. N. Rescher, *Al-Fârâbî. An Annotated Bibliography*, Pittsburgo, 1962.
- 909-10 ___ Fundação de Cluny
- 930 c.-973 ___ **HROSVITA de GANDERSHEIM**: *Opera*, ed. P. de Winterfeld, Berlim, 1902 (rep. 1965); trad. alem: H. Homeyer, Paderborn, 1973.
- 940 c.-1003 ___ **GERBERTO de AURILLAC**: *Gerbert d'Aurillac, Correspondance*. Texte établi, traduit et commenté par P. Riché et J.-P. Callu, Paris, 1993.
- 945 c.-1004 ___ **ABBON de FLEURY**: PL 139; *Abbo Floriacensis. Quaestiones grammaticales*, ed. A. Guerreau-Jalabert, Paris, 1982.
- 980-1037 ___ **AVICENA**
- séc. XI ___ **IBN GABIROL** (Salomão)
- 1007-1072 ___ **PEDRO DAMIÃO**: SCh = *Lettre sur la toute-puissance divine*, ed. A. Cantin, 1972.
- 1010 c.-1089 ___ **LANFRANCO**
- 1020 c.-? ___ **ANSELMO de BESATE**: *Opera* in K. Manitius (ed.), *Gunzo, Epistola ad Augensis, und Anselm von Besate, Rhetorimachia* (Monumenta Germaniae Historica II), Weimar, 1958.
- 1033/34 ?-1109 ___ **ANSELMO de CANTUÁRIA**
- 1050-1117 ___ **ANSELMO de LAON**: PL 116, 193-696.
- 1058-1111 ___ **AL-GAZHÂLÎ**: *Al-Gazel's Metaphysics (and Physics). A Medieval Translation*, ed. J. T. Muckle, Toronto, 1933; *Intenciones de los filosofos*, ed. P. M. Alonso, Barcelona, 1963.

- 1065 c. ___ Composição da *Chanson de Roland*
- 1070 c.-1121 ___ **GUILHERME de CHAMPEAUX**: ed. in L. M. de Rijk, *Logica Modernorum II*, I, Assen, 1967.
- 1070 ?-1142 ___ **ADELARDO de BATH**: *Des Adelard von Bath Traktat De eodem et diverso*, ed. H. Willner, Münster, 1903; *Quaestiones naturales*, ed. H. Willner, ibid., 1934.
- 1079-1142 ___ **PEDRO ABELARDO**
- ?-1151 ___ **GUNDISSALINO**: *De divisione philosophiae* in BGPM 4, Münster, 1903.
- 1080 ?-1154 ___ **GILBERTO PORRETA**
- 1085-1148 ___ **GUILHERME de SAINT-THIERRY**: PL 180, 695-726; ed. crít. e trad. de L. Lemoine, Paris, 1988.
- ?-a. 1159 ___ **ADÃO de BALSAM** ou **PARVIPONTANUS**: *Ars disserendi*, ed. L. Minio-Paluello, Roma, 1956; vd. L. M. de Rijk, *Logica Modernorum I*, Assen, 1962.
- ?-1083 ___ **GAUNILLO de MARMOUTIERS**: *Quid ad haec respondeat quidam pro insipiente*, ed. F. S. Schmidt in Anselmo, *Prosligion*, 1984 [vd. *infra* IV. 2, sobre Stº Anselmo].
- ?-1088 ___ **BERENGÁRIO de TOURS**: vd. CCCM 84.
- 1090-1153 ___ **BERNARDO de CLARAVAL**: nova ed., por J. Leclercq e H. M. Rochais, *Sancti Bernardi Opera*, Roma, 1963.
- 1092/95-1161 ___ **AVENZOAR**: vd. G. Colin, *Avenzoar, sa vie et ses oeuvres*, Paris, 1911.
- 1095 c.-1164 ___ **PEDRO LOMBARDO**: *Libri quattuor sententiarum*, Roma, 1916.
- 1098/9 ___ Fundação da ordem de Cister
- 1098-1179 ___ **HILDEGARDA DE BINGEN**
- séc. XII ___ **HONÓRIO AUGUSTODUNENSIS**
- séc. XII ___ **BERNARDO SILVESTRE**: *Cosmographia*, ed. P. Dronke, Leida, 1978
- 1100 c.-1141 ___ **HUGO de SÃO VICTOR**: PL 175 -177.
- ?-1170/71 ___ **ACHARD de São Victor**: *L'unité de Dieu et la pluralité des créatures*, ed., trad. e apres. E. Martineau, Saint-Lambert-des-Bois, 1987.
- 1115/20-1180 ___ **JOÃO de SALISBÚRIA** (1115/20-1180): ed. crít. do *Policriticus* e do *Metalogicon*, C. C. J. Webb, Oxford, 2 vols., 1909.
- 1125/30-1203 ___ **ALANO de LILLE**: PL 210; vd. M.-T. d'Alverny, *Alain de Lille. Textes inédits: avec une introduction sur sa vie et ses oeuvres*, Paris, 1965.
- 1126-1198 ___ **AVERRÓIS** (IBN RUXD)
- 1135 c.-1202 ___ **JOAQUIM de FLORA**: *Il libro delle figure dell'Abate G. da Fiore*, ed. L. Tondelle, 2 vols., Turim, 1940.
- 1138-1204 ___ **MOISÉS MAIMÓNIDES**

- 1147 _____ Tomada da cidade de Lisboa
- 1157-1217 _____ **ALEXANDRE NECKHAM**: *Speculum speculationum*, ed. R. M. Thomson, Oxford, 1988; *De naturis rerum et de laudibus divinae sapientiae*, ed. T. Wright, Londres, 1863.
- 1168 c.-1253 _____ **ROBERTO GROSSETESTE**
- 1170-? _____ **ALEXANDRE de VILLEDIEU**: ed. do *Doctrinale* com introd. e notas de D. Reichling, ²1974.
- 1170 _____ Assassínio de Tomás Becket
- 1170-1221 _____ São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Pregadores (O. P.)
- 1182-1226 _____ São Francisco de Assis, fundador da Ordem dos Frades Menores (O. F. M.)
- ?-d. 1154 _____ **GUILHERME de CONCHES**: *Sophismata asinina. Une introduction aux disputes médiévales*, ed. et analyse F. Pironet, Paris, 1994.
- ?-1175 _____ **ANDRÉ de SÃO VICTOR**: *Andreae de Sancto Victore Opera* in CCCM, LIII -, 1986 sg.
- ?-1185 _____ **IBN TUFAIL**: *Havy ben Yaqdhân, roman philosophique d'Ibn Thofail*, 2ª ed., L. Gauthier, Beirute, 1936 (trad. franc. Argel, 1969, e ingl. de L. E. Goodman: Nova Iorque, 1972)
- ?-1231 _____ **GUILHERME de AUXERRE**: *Magistri Guillelmi Altissiodorensis. Summa aurea*, Paris-Grottaferrata, 1964-1967.
- ?-1245 _____ **JOÃO da ROCHELA**: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, Paris, 1964; *Summa de anima*, ed. J. G. Bougerol, Paris, 1995.
- 1185 c.-1245 _____ **ALEXANDRE de HALES**: *Summa theologica* ed. Quaracchi, 4 vols., Roma, 1924-48.
- 1191 d. _____ *Tristão e Isolda* de Béroul
- 1193-1280 _____ **ALBERTO MAGNO**
- séc. XIII _____ **ISAAC ALBALAG**: vd. C. Sirat, *La philosophie juive médiévale en pays de chrétienté*, Paris, 1988.
- séc. XIII _____ **ADÃO da BELA-MULHER**: *De intelligentiis (Memoriale rerum difficilium naturalium)*, in C. Baeumker, *Witelo, ein Philosoph und Naturforscher des XIII. Jahrhunderts*, Münster s. B., 1908.
- séc. XIII _____ **ARNALDO de PROVENÇA**: C. Lafleur, *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle. Textes critiques et étude historique*, Montréal-Paris, 1988.
- séc. XIII _____ **DAVID de DINANT**: *David de Dinando Quaternulorum fragmenta*, ed. M. Kurdzialek, Varsóvia, 1963.
- séc. XIII _____ **LAMBERTO de AUXERRE**: *Logica (Summa Lamberti)*, ed. F. Alessio, Florença, 1970.

- ?-1270 _____ **GUILHERME de SHYRESWOOD**: *William of Sherwood. Introductiones in Logicam. Critical Text* by Ch. Lohr et al., in *Traditio* 39, 219-99.
- ?-1270 _____ **BOÉCIO de DÁCIA**
- 1200 c.-1279 _____ **ROBERTO KILWARDBY** *Robert Kilwardby, o. p., On Time and Imagination*, Oxford, 1987.
- 1210-1285 _____ **MATILDE de MAGDBURGO**: *Offenbarungen der Schwester Mechthild oder das fließende Licht der Gottheit*, ed. P. Gall Morel, Ratisbona, 1869 [nova ed.: 1956].
- 1210 _____ Proibição em Paris dos *libri naturales* de Aristóteles
- 1211 _____ Quarto Concílio de Latrão
- 1211/12 _____ Santo António de Lisboa entra no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra
- 1212/20-1292 _____ **ROGÉRIO BACON**
- 1214 _____ Estatuto legal da Universidade de Oxford
- _____ Chegada dos Dominicanos a Paris
- 1215 _____ Magna Carta
- 1215 c.-1286 _____ **GUILHERME de MOERBECKE**: vd. J. Brams e W. Vanhamel, *Guillaume de Moerbeke, recueil d'études à l'occasion du 700^e anniversaire de sa mort (1286)*, Lovaina, 1989.
- 1217 ?-1274 _____ **BOAVENTURA**
- 1217-1293 _____ **HENRIQUE de GAND**
- 1218/19 _____ Universidade de Salamanca
- 1219 _____ Chegada dos Franciscanos a Paris
- 1220-1277 _____ **ULRICO de ESTRASBURGO**: *De summo bono*, ed. B. Mojsisch, Hamburgo, 1989.
- 1222 _____ Universidade de Pádua
- 1222 _____ Consagração do mosteiro de Alcobaça
- 1223-29 _____ Alexandre de Hales utiliza as *Sentenças* de Pedro Lombardo no seu ensino
- 1224 _____ Fundação da Universidade de Nápoles
- 1225-1274 _____ **TOMÁS de AQUINO**
- ?-1306/9 _____ **GODOFREDO de FONTAINES**: ed. incompleta dos seus *Quodlibet*, I-IV (M. de Wulf e A. Pelzer), V -VII (De Wulf e J. Hoffmans), VIII (Hoffmans) e XV (O. Lottin), Lovaina, 1904.
- 1227 ? _____ Miguel Escoto ao serviço de Frederico II (Nápoles)
- 1229 _____ Início da greve escolar de Paris
- 1230 c. _____ "Entrada" de Averróis em Paris
- 1230 c.-1292 _____ **WITELo**: *De causa primaria poenitentiae et de natura daemonum*, ed. in A. Birkenmajer, *Etude historique des sciences en Pologne*, Wroclav, 1972.
- 1231 _____ Proibição papal do eternalismo

- 1231 _____ Estatutos da Universidade de Salerno
 ? _____ Trad. do *Guia dos Perplexos* de Moisés Maimónides
 -47 _____ Tradução da *Ética* de Aristóteles por Roberto Grosseteste
 -50 _____ Adão de Buckfield comenta o *corpus* aristotélico em Oxford
- 1233 c.-1316 _____ **RAIMUNDO LLULL**: *Opera latina*, Palma de Maiorca, 1959-65 e Turnhout, 1975-85 (vd. CARVALHO 1996b).
- 1237/40-1304 _____ **MATEUS de ACQUASPARTA**: *Quaestiones disputatae*, Quaracchi, 1935, 1956, 1957, 1961.
- 1240 c.-1284 _____ **SIGÉRIO de BRABANTE**
- 1240-1311 _____ **ARNALDO de VILANOVA**: *Obres catalanes*, ed. Battlori, Barcelona, 1947; vd. *Actes de la I Trobada internacional d'estudis sobre Arnau de Vilanova* (vols. 13 e 14 de «Arxiu de Textos Catalans Antics», Barcelona, 1994 e 1995).
- 1241 _____ publicação de 10 artigos contrários à fé, Faculdade de Teologia de Paris
- 1243 _____ Quase completo o *corpus* do Averróis latino [vd. CARVALHO 1996]
- 1243/47-1316 _____ **EGÍDIO ROMANO**: *Aegidii Romani Opera Omnia* em curso publicação, Florença, 1987-.
- 1254 _____ Cortes de Leiria
- 1254-1324 _____ Marco Polo (1271-1295, viagem à China)
- 1255 _____ Estatuto da Faculdade de Paris
 _____ adopção do *Liber de Causis*
- 1260-1327 _____ **MESTRE ECKHART**
- 1263 _____ Condenação do aristotelismo radical (13 erros)
- 1265-1308 _____ **JOÃO DUNS ESCOTO**
- 1265-1321 _____ **DANTE**
- 1272 _____ Cisão da Faculdade das Artes
 _____ novo Estatuto da Faculdade das Artes
- 1275 _____ fim da cisão da Faculdade das Artes
- 1275/80-1343 _____ **MARSÍLIO de PÁDUA**: *Le défenseur de la paix*, ed. J. Quillet, Paris, 1968; *Oeuvres mineures*, ed. C. Jeudy e J. Quillet, Paris, 1979.
- 1275 c.-1344/45 _____ **GUALTER BURLEIGH** (ou BURLEY)
- 1276 _____ Eleição de João XXI (†1277)
- 1277 _____ Carta de João XXI ao bispo de Paris, Estêvão Tempier
- 1277 _____ Publicação das 219 proposições, por Tempier
- 1284 _____ Carta de Peckham que confirma a condenação de 18/03/1277
- 1285 c.-1347 _____ **GUILHERME de OCKHAM**
- 1288-1344 _____ **GERSONIDES**: *Les guerres du Seigneur. Livres III-IV*, trad. C. Touati, Paris-Haia, 1968.
- 1290 _____ 'Universidade' de Lisboa/Coimbra

- 1296-1304 _____ Giotto
- 1300 c.-1349 _____ **TOMÁS BRADWARDINE**: *Thomae Bradwardini... De causa Dei contra Pelagium et de virtute causarum... libri tres*, Londres, 1618.
- 1300-1358 _____ **GREGÓRIO de RIMINI**: *Lectura in Primum et Secundum Sententiarum*, ed. D. Trappa et al., Berlim, 1979.
- 1300 c.-1358 d. _____ **JOÃO BURIDANO**
- 1300 ?-1361 _____ **JOÃO TAULER**: *De Predigten* há trad.: Corin, Thery & Hugueny, 3 vols., Paris, 1930-35.
- 1302 _____ Bula *Unam Sanctam*
- 1304-1374 _____ **PETRARCA**: *Opere latine*, ed. A. Bufano, Turim, 1975.
- 1308 _____ Transferência da Universidade para Coimbra
- séc. XIV _____ **BERTOLDO de FRIBURGO**: *Die Summa des Berthold von Fribourg*, ed. R. Stanka, 1937.
- séc. XIV _____ **BERTOLDO de MOOSBURGO**: obra in *Corpus Philosophorum Teutonicorum Medii Aevi*, 1984-
- 1305-1356 _____ **TOMÁS BUCKINGHAM**: *Argutissimum... magistri Iohannis Bockinham opus in quatuor libros Sententiarum*, Paris, 1505.
- 1306 c.-1390 _____ **ALBERTO de SAXÓNIA**: As *Quaestiones in artem veterem* foram editadas por A. Muñoz Garcia (Maracaibo, 1988).
- 1313-1375 _____ **BOCCACCIO**: *Tutte le Opera*, Milão, 1964.
- 1320 c.-1384 _____ **JOÃO WYCLIF**: a maior parte da obra encontra-se nos 39 vols. da Wyclif Society (1882-1925, reed: Londres, 1966).
- 1322 c.-1382 _____ **NICOLAU ORESME**
- 1332-1406 _____ **IBN KHALDÛN**: *Discours sur l'histoire universelle*, trad. de V. Monteil, Beirute, 3 vols., 1967.
- 1337 _____ Início da Guerra dos Cem Anos
- 1340-1384 _____ **GROOTE GEERT**: *De Werken van Geert G.*, ed. J. Tiecke, Nimega, 1941.
- 1340 c.-1396 _____ **MARSÍLIO de INGHEM**: *Marsilius of Inghen. Treatises on the Properties of Terms*. A first critical Edition, by E. P. Bos, Dordrecht, 1983.
- 1342-1418 ? _____ **JULIANA de NORWICH**: *Julienne de Norwich. Révelations de l'amour de Dieu*, ed. G. Meunier, 2ª ed., Tours, 1925; *Julian of Norwich*, ed. E. Colledge e J. Walsh, Nova Iorque, 1978.
- 1347-1349 _____ Peste Negra.
- 1363-1429 _____ **GERSON O CHANCELER**: *Oeuvres Complètes*, int., trad. de P. Glorieux, Paris, 1960-73.
- 1378- _____ O Grande Cisma

Com a devida vénia, transcrevemos aqui parte do **Quadro das principais traduções latinas das obras de Aristóteles e seus comentadores gregos e árabes** (DOD 1982: 74-78)²:

OBRA	TRADUTOR	DATA
<i>Categorias</i>	Boécio	c. 510-22
	Guilherme de Moerbeke	1266
(Simplício)	Guilherme de Moerbeke	1266
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Guilherme de Luna	séc. XIII
<i>De interpretatione</i>	Boécio	c. 510-22
	Guilherme de Moerbeke	1268
(Amónio)	Guilherme de Moerbeke	1268
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Guilherme de Luna	séc. XIII
<i>Primeiros Analíticos</i>	Boécio	c. 510-22
	Anónimo	séc. XII
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Guilherme de Luna	séc. XIII
<i>Segundos Analíticos</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	"Ioannes"	antes de 1159
	Gerardo de Cremona	antes de 1187
	Guilherme de Moerbeke	c. 1269 ou antes
(Alexandre)	Tiago de Veneza	? 1125-50
(Temístio)	Gerardo de Cremona	antes de 1187
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Guilherme de Luna	séc. XIII
<i>Tópicos</i>	Boécio	c. 510-22
	Anónimo	séc. XII
<i>Elencos Sofísticos</i>	Boécio	c. 510-22
	Tiago de Veneza	c. 1125-50
	Guilherme de Moerbeke	c. 1269 ou antes
(Alexandre)	Tiago de Veneza	? 1125-50
<i>Física</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Anónimo	? meados séc. XII
	Gerardo de Cremona	antes de 1187
	Miguel Escoto	c. 1220-35
	Guilherme de Moerbeke	?c. 1260-70
(Simplício)	?Roberto Grosseteste	? depois de 1235
(Averróis, <i>grande com.</i>)	Miguel Escoto	? c. 1220-35
<i>De Caelo</i>	Gerardo de Cremona	antes de 1187
	Miguel Escoto	c. 1220-35
	?Roberto Grosseteste	? depois de 1247
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70

² No «Quadro», *com.* abrevia sempre *Comentário*; *frags.* está na vez de fragmentos; para as restantes abreviaturas veja-se a nota anterior.

OBRA	TRADUTOR	DATA
(Simplício)	Roberto Grosseteste	? depois de 1247
	Guilherme de Moerbeke	1271
(Averróis, <i>grande com.</i>)	Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>De generatione et corruptione</i>	Anónimo ('vetus')	séc. XII
	Gerardo de Cremona	antes de 1187
	?Guilherme de Moerbeke	antes de 1274
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>Meteorologica</i>	Henrique Aristippo	
	(Livro IV)	antes de 1162
	Gerardo de Cremona	
	(Livros I-III)	antes de 1187
	Guilherme de Moerbeke	? c. 1260
(Alexandre)	Guilherme de Moerbeke	1260 (Niceia)
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Miguel Escoto (Livro IV)	c. 1220-35
<i>De Anima</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Miguel Escoto	c. 1220-35
	Guilherme de Moerbeke	? antes de 1268
(Filópono, Livro III)	Guilherme de Moerbeke	1268 (Viterbo)
(Temístio)	Guilherme de Moerbeke	1267
(Averróis, <i>grande com.</i>)	Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>De sensu</i>	Anónimo	séc. XII
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
(Alexandre)	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
(Averróis, <i>epítome</i>)	? Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>De memoria</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
(Averróis, <i>epítome</i>)	? Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>De somno</i>	Anónimo	séc. XII
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
(Averróis, <i>epítome</i>)	? Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>De longitudine ...</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
(Averróis, <i>epítome</i>)	? Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>De iuventute</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Guilherme de Moerbeke	c. 1260-70
<i>De respiratione</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
<i>De morte</i>	Tiago de Veneza	? 1125-50
	Guilherme de Moerbeke	? 1260-70
<i>De animalibus</i>	Miguel Escoto (apenas: <i>Historia, De partibus e De generatione</i>)	antes 1220

OBRA	TRADUTOR	DATA
	Guilherme de Moerbeke	1260 (em Tebas)
	Anónimo (apenas: <i>De partibus</i>)	? séc. XIII
(Avicena)	Miguel Escoto	c. 1220-35
(Averróis, <i>epítome</i>)	Pedro Galego	? 1250 67
	Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>Metaphysica</i>	Tiago de Veneza ('vetustis- sima': I-IV, 4: 1007 a 31)	? 1125-50
	Anónimo ('media': sem Livro XI)	séc. XII
	Miguel Escoto ('nova': II; I, 5, a partir de 987 a 9; III-X e XII, 1-10, até 1075b 11)	c. 1220-35
	Anónimo (revisão de Tiago; 'vetus')	c. 1220-30
	Guilherme de Moerbeke (<i>'nova translationis'</i>)	antes de 1272
(Averróis, <i>grande com.</i>)	Miguel Escoto	c. 1220-35
<i>Ética a Nicómaco</i>	Anónimo (II-III; 'vetus')	séc. XII
	Anónimo (I e frags. de II-X; 'nova')	princípios séc. XIII
	Roberto Grosseteste	? 1246-47
	Anónimo (? Guilherme de Moerbeke); revisão de Grosseteste	1250-60
(Eustrátio et al.)	Roberto Grosseteste	? 1246-47
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Herman Alemão	? 1240
<i>Ética a Eudemo</i>	Anónimo (<i>De bona fortuna</i> , i. e., <i>E.E.</i> VII, 14 + <i>Magna</i> <i>Moralia</i> II, 8)	? séc. XIII
	Anónimo (fragmentos)	? séc. XIII
<i>Política</i>	Guilherme de Moerbeke (I-II; ? primeira versão)	1260-64
	Guilherme de Moerbeke; íntegra)	? 1260
<i>Oeconomica</i>	Anónimo	? fins séc. XIII
	Durando de Alvernia	1295
<i>Retórica</i>	Anónimo	? meados do séc. XIII
	Herman Alemão	c. 1256
	Guilherme de Moerbeke	antes de 1270
<i>Rhetorica ad Alexandrum</i>	Anónimo	? séc. XIV
<i>Poética</i>	Guilherme de Moerbeke	1278
(Averróis, <i>com. médio</i>)	Herman Alemão	1256

IV

BIBLIOGRAFIAS

1) Instrumentos gerais

- AA. VV. – *História Universal*, vols. 3 a 7, trad., Lisboa, 1979-80.
- ABBAGNANO, Nicola – *História da Filosofia*, trad., vols. 2-5, Lisboa, 3ª ed., 1984 -.
- ALTANER, B. & STUIBER, A. – *Patrologia*, Turim, 7ª ed., 1977.
- ARMSTRONG, A. H. (ed.) – *The Cambridge History of Later Greek & Early Medieval Philosophy*, Cambridge, 1967.
- BEAUCHOT, Mauricio – *El espíritu filosófico medieval*, México, 1994.
- BEONIO BROCCIERI, Maria Teresa e PARODI, Massimo – *Storia della filosofia medievale. Da Boezio a Wyclif*, Roma-Bari, 1989.
- BERLIOZ, J. (et al.) – *Identifier sources et citations*, Turnhout, 1994.
- BOEHNER, Ph. e GILSON, E. – *História da Filosofia Cristã*, trad., Petrópolis, 3ª ed., 1985.
- BRÉHIER, Emile – *Histoire de la Philosophie. I Antiquité et Moyen Age*, Paris, 3ª ed., 1985.
- BRUNHÖLZL, Franz – *Histoire de la Littérature latine au Moyen Age. Tome I: De Cassiodore à la fin de la Renaissance Carolingienne. Volume I: L'Epoque mérovingienne, Vol.: II: L'Epoque Carolingienne*, trad., Turnhout, 1990-1991.
- CANALS VIDAL, F. – *Historia de la Filosofía Medieval*, Barcelona, 3ª ed., 1985.
- – *Textos de los Grandes Filósofos. Edad Media*, Barcelona, 1985.
- CAPPELLETTI, J. Angel – *Textos y estudios de Filosofía Medieval*, Mérida-Venezuela, 1993.
- CHÂTELET, François (dir.) – *História da Filosofia. Ideias, Doutrinas, vol 2: A Filosofia Medieval do séc. I ao séc. XV*, trad., Lisboa, 1974.
- CHEVALIER, Jacques – *Histoire de la Pensée. II: La Pensée Chrétienne des Origines à la fin du XVI^e siècle*, Paris, 1956.
- Comprendre et maîtriser la Nature au Moyen Age. Mélanges d'histoire des sciences offerts à Guy Beaujouan*, Genebra-Paris, 1994.

- Contemporary Philosophy. A New survey* edited by Guttorm Fløistad. Volume 6: *Philosophy and Science in the Middle Ages*. Co-editor Raymond Klibansky, 2 tomos, Dordrecht – Boston – Londres, 1990.
- COPLESTON, Frederick – *Historia de la Filosofía*, trad., 3 vols., Barcelona, 1984.
- CROMBIE, A. C. – *Robert Grosseteste and the origins of experimental science: 1100-1700*, Oxford, 1953.
- DALES, Richard C. – *The Intellectual Life of Western Europe in the Middle Ages*, Leida, 1992.
- DE BONI, L. A. – *Bibliografia sobre Filosofia Medieval*, Porto Alegre, 1994.
- de BRUYNE, Edgar – *Estudios de Estetica Medieval*, trad., 3 vols., Madrid, 1958-1959.
- de RIJK, Lambert-Marie – *La Philosophie au Moyen Age*, trad., Leida, 1985.
- DUHEM, Pierre – *Le Système du Monde. Histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic*, 10 vols., Paris, 1913-1959.
- ECO, Umberto – *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, trad., Lisboa, 2^a 1982.
- Filosofia e teologia nel Trecento. Studi in ricordo di Eugenio Randi* a cura di L. Bianchi, Louvain-la-Neuve, 1994.
- FLASCH, Kurt – *Das philosophische Denken im Mittelalter. Von Augustin zu Machiavelli*, Estugarda, 1986.
- & U. R. JECK (Hrsg.) – *Vernunft im Zeitalter des Glaubens oder Gab es im Mittelalter eine Aufklärung?*, Munique, 1996.
- FLICHE, A. & MARTIN, V. – *Storia della Chiesa*, trad., 5 vols., Turim, 1958-1972 [há edição francesa].
- FOLLON, J. & McEVOY, J. (ed.) – *Actualité de la pensée médiévale. Recueil d'articles*, Lovaina-a-Nova, 1994.
- FORTUNY, Francesc J. – *De Lucreci a Ockham. Perspectives de l'Edat Mitjana*, Barcelona, 1992.
- FRAGATA, Júlio – *Noções de Metodologia Para a Elaboração de Um Trabalho Científico*, Porto, 2^a 1973.
- FRAILE, G. – *Historia de la Filosofía*, Madrid, 1960.
- GARFAGNINI, G. C. – *Aristotelismo e Scolastica*, 1979.
- – *Cosmologie medievale*, Turim, 1986.
- GILSON, Etienne – *A History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, Londres, 1955.

- – *La Philosophie au Moyen Age*, 1944 [há tradução portuguesa: Rio de Janeiro].
- GOUREVITCH, Aaron J. – *Les Catégories de la Culture Médiévale*, trad., Paris, 1983 [há tradução portuguesa: Ed. Caminho].
- GRABMANN, Martin – *Die Geschichte der scholastischen Methode*, 2 vols., Freiburg s. Brisgóvia, 1909-1911 (reimpressão: Berlim, 1957) [há trad. italiana].
- Grande Antologia Filosofica*, diretta da U. Padovani, coordinata da A. Moschetti, vols. III e V, Milão, 1954.
- HAMESSE, Jacqueline (ed.) – *Les problèmes posés par l'édition des textes anciens et médiévaux*, Lovaina-a-Nova, 1992.
- HEIMSOETH, H. – *Los seis grandes temas de la metafísica occidental*, trad., 2^a ed., Madrid, 1946.
- HEINZMANN, Richard – *Filosofía de la Edad Media*, trad., Barcelona, 1995.
- HIRSCHBERGER, Johannes – *História de la Filosofía*. Vol. 1, Barcelona, 9^a ed., 1977 [há trad. portuguesa, São Paulo].
- Histoire de la Philosophie. I – Orient – Antiquité – Moyen Age*. Volume publié sous la direction de B. Parain, Paris, 1969.
- Historia Philosophiae Medii Aevi. Studien zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*. Herg. v. B. Mojsisch & O. Pluta, 2 vols., Amsterdão, Filadélfia, 1991.
- HUIZINGA, Johan – *O Declínio da Idade Média*, trad., Lisboa, 2^a ed., 1985.
- IGNACIO SARANYANA, Jose – *História de la Filosofía Medieval*, Pamplona, 2^a ed., 1989.
- JEAUNEAU, Edouard – *A Filosofia Medieval*, trad., Lisboa, 1980.
- KANTOROWICZ, Ernst H. – *Los dos cuerpos del Rey. Un estudio de teología política medieval*, trad., Madrid, 1985.
- KENNY, A., KRETZMANN, N. e PINBORG, J. (ed.) – *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, Cambridge, 1982.
- KNOWLES, D. – *The Evolution of Medieval Thought*, Londres, 2^a 1988.
- LAGARDE, G. de – *La naissance de l'esprit laïque au déclin du Moyen Age*, 6 vols., Lovaina-Paris, 3^a 1965-1970.
- LANGHOLM, Odd – *Economics in the Medieval Schools. Wealth, Exchange, Value, Money and Usury According to the Paris Theological Tradition, 1200-1350*, Leida, 1992.
- LECLERCQ, D. J. – *Initiation aux auteurs monastiques du Moyen Age. L'amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris, 2^e ed., 1963.
- LEFF, G. – *Medieval Thought: St. Augustine to Ockham*, Londres, 1959.

- LIBERA, Alain de – *Penser au Moyen Age*, Paris, 1991.
 ——— – *La philosophie médiévale*, Paris, 1993.
- LOTTIN, Odon – *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Gembloux, IV tomos, 1942-1954.
- LUBAC, H. de – *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, 4 vols., Paris, 1959-1964.
- Les Machines du sens. Fragments d'une sémiologie médiévale.* Textes de Hughes de Saint-Victor, Thomas d'Aquin et Nicolas de Lyre, traduits et présentés par Yves Delègue, Paris, 1987.
- MARENBOON, John – *Early Medieval Philosophy (480-1150). An Introduction*, Londres-Nova Iorque, 1988.
 ——— – *Later Medieval Philosophy (1150-1350). An Introduction*, Londres-Nova Iorque, 1987.
- MAURER, A. – *Medieval Philosophy*, Toronto, 1982.
- MERINO, José Antonio – *Historia de la Filosofía Franciscana*, Madrid, 1993.
- MICHALSKY, K. – *La philosophie au XIV^e siècle: six études*. Ed. K. Flasch, Francoforte s. Main, 1969.
- MOTTONI, B. Faes de – *Il Platonismo medioevale*, Turim, 1979.
- MOULIN, Leo – *A Vida dos Estudantes na Idade Média*, trad., Lisboa, 1994.
- Philosophes Médiévaux. Anthologie de textes philosophiques (XIII^e – XIV^e siècles)*, sous la direction de R. Imbach et M.-H. Méleard, Paris, 1986.
- Philosophy and Learning. Universities in the Middle Ages*. Ed. by M. Hoenen, J. Schneider & G. Wieland, Leida, 1994.
- Physics, Cosmology and Astronomy 1300-1700*, ed. by S. Unguru, Dordrecht, 1991.
- PRICE, B. B. – *Introdução ao Pensamento Medieval*, trad., Porto, 1996.
- REALE, G. e ANTISERI, D. – *Historia del Pensamiento Filosófico y Científico. I: Antigüedad y Edad Media*, trad., Barcelona, 1988.
- The Reception of the Church Fathers in the West from Carolingians to the Maurists*, Edited by I. Backus, 2 vols., Leida, 1996.
- Repertorium edierter Texte des Mittelalters aus dem Bereich der Philosophie und angrenzender Gebiete*. Hrsg. v. R. Schönberger & B. Kible, Berlim [8998 títulos recensados].
- 'Scientia' und 'ars' im Hoch-und Spätmittelalter*, hrsg. von I. Craemer-Ruegenberg & A. Speer, Berlim-Nova Iorque, 1994.
- SMALLEY, Beryl – *Lo studio della Bibbia nel Medioevo*, trad., Bolonha, 1972.

- Storia della filosofia. 2. Il Medioevo*. A cura di P. Rossi, C. A. Viano, Bari, 1994.
- TATARKIEWICZ, Wladyslaw – *Geschichte der Ästhetik*. Bd. II: Ästhetik des Mittelalters, Basileia, 1980.
- THORNDIKE, Lynn – *A History of Magic and Experimental Science*, 8 vols., Colúmbia-Nova Iorque, 1953-1959.
- TOTOK, Wilhelm – *Handbuch der Geschichte der Philosophie: Mittelalter*, Francoforte, 1970-1973.
- TRESMONTANT, Claude – *La Métaphysique du christianisme et la crise du treizième siècle*, Paris, 1964.
- Unità e Autonomia del Sapere. Il dibattito del XIII secolo*. A cura di R. Martinez, Roma, 1995.
- VAN STEENBERGHEN, Fernand – *História da Filosofia. Período Cristão*, trad., Lisboa, [s.d.]
 ——— – *Directives pour la confession d'une Monographie scientifique avec applications concrètes aux recherches de philosophie médiévale*, 2^e éd. revue et corrigée, Lovaina, 1949.
- VASOLI, C. – *La filosofia medioevale*, Milão, 1961.
- VIGNAUX, Paul – *A Filosofia na Idade Média*, trad. [orig.: 1987], Lisboa, 1994.
- WEIJERS, O. (ed.) – *Vocabulaire des écoles et des méthodes d'enseignement au moyen âge*. Actes du Colloque Rome 21-22 octobre 1989, Paris-Turnhout, 1992.
- ZIMMERMANN, Albert – *Ontologie oder Metaphysik? Die Diskussion über den Gegenstand der Metaphysik im 13. und 14. Jahrhundert*, Leida, Colónia, 1965.

Notícias especiais, poderão ainda ser retiradas dos seguintes volumes: *Dictionnaire des Philosophes* (Paris); *Dictionnaire de Théologie Catholique* (Paris); *Dictionary of the Middle Ages* (Nova Iorque); *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Lisboa); *Dictionnaire de Spiritualité* (Paris); *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (Basileia-Estugarda); *Lexikon des Mittelalters* (Munique-Zurique); *Bibliographische Einführungen in das Studium der Philosophie* (Berna); *Encyclopedia of Islam* (Leida – Paris); *Répertoire bibliographique de la philosophie* (Lovaina).

2) Textos:

- AGOSTINHO de HIPONA (S.) – *Confissões*, trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, Porto, 9^a ed., 1977.
 ——— *O Livre Arbítrio*, trad. de António Soares Pinheiro, Braga, 1986.

- *Diálogo Sobre a Felicidade*, trad. de Mário A. Santiago de Carvalho, Lisboa, 1988.
- *A Natureza do Bem*, trad. de M. A. Santiago de Carvalho, Porto, 1992 [com indicação de bibliografia em português].
- *Contra os Académicos*, trad. de Vieira de Almeida, Coimbra, 1957.
- *O Mestre*, in "Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval", trad. de António Soares Pinheiro, Braga, 1984.
- *O Mestre*, introd. e comentários de Maria Leonor Xavier, Porto, 1995.
- *A doutrina cristã*, São Paulo, 1991.
- *Acerca da Doutrina Cristã*. Excertos, in *Textos de Hermenêutica*, trad. de José Andrade, Porto, 1984.
- *A Cidade de Deus*, trad. de J. Dias Pereira, Lisboa, 1991sg.
- [A coleção B.A.C. (=Biblioteca de Autores Cristianos) de Madrid e a B. A. (=Bibliothèque Augustinienne) de Paris, têm editadas e traduzidas quase todas as obras de Stº Agostinho, com os títulos, respectivamente: *Obras de San Agustín* e *Oeuvres de Saint Augustin*; extractos em português, in PONTES s. d. Mais recentemente, vd.: P. O. e Silva, «O Binómio Vontade-Ser em 'De Libero Arbitrio' de Santo Agostinho», *Philosophica*, 5 (1995), 19-34; Mª L. Xavier, «A Iluminação em 'De Magistro' de Santo Agostinho», *Didaskalia*, 19 (1989), 35-46; Id., «Dialéctica Agostiniana, um itinerário ontológico mediante uma vivência antropológica», *Itinerarium*, 36 (1990), 7-19; M. A. S. de Carvalho, "Para um outro modelo de Investigação das Relações entre razão e fé no século XIII", *Itinerarium* 41 (1995), 19-44; J. Coutinho, «Conversão, Sabedoria e Santidade em Stº Agostinho», *Didaskalia* 25 (1995), 431-441; M. da C. Freitas, «Creatio, conversio, formatio», *ibid.*, 421-430; C. H. do C. Silva, «A doutrina diferencial dos graus de perfeição segundo Stº Agostinho», *ibid.* 26 (1996), 117-193]
- ALBERTO MAGNO (Stº) – [As Obras Completas – a chamada "editio Coloniensis" – encontram-se ainda em curso de edição: *Alberti Magni Opera Omnia edenda curavit Institutum Alberti Magni Coloniense Bernhardo Geyer praeside*, Münster-Westefália, 1951-; A. de Libera traduziu para francês *L'intellect et l'intelligible*, Paris, 1994, e E.-H.-Weber, o *Commentaire de la 'Théologie mystique'*, Paris, 1993].
- ALCUINO de YORK – *Três livros sobre a fé na santa indivisível Trindade*, in *Veritas* 41 (1996), 553-57.
- [Edição in *Patrologia Latina* 101, e o *De arte rhetorica dialogus*, por C. Halm, Lípsia, 1863].
- ANSELMO de CANTUÁRIA (Stº) – *Proslógion*, trad. de António S. Pinheiro, in "Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval", Braga, 1984.

- – *O Argumento Endonoético*, trad. de António S. Pinheiro, in *ibidem*.
- – *Proslogion*, tradução e comentário de Costa Macedo, Porto, 1996 [inclui texto de Gaunilo e resposta ao mesmo].
- – *Proslogion*. Texto integral, leitura orientada e propostas de trabalho por J. S. Rosa e Mª H. R. Pereira, Lisboa, 1995.
- – *Proslógion*. Introdução e análise de M. Fernandes e N. Barros, Lisboa, 1995.
- – *Monológio*, trad. e notas de Angelo Ricci, in "Os Pensadores", vol. VII, São Paulo, 1973, 7-99.
- – «Resposta de Anselmo a Gaunilo», in *ibid.*, 135-146.
- – *A Verdade*, trad. de Ruy Afonso da Costa Nunes, in *ibidem*, 147-175.
- – *O Gramático*, trad. de R. A. da Costa Nunes, in *ibidem*, 177-203.
- – [Os *Opera Omnia* foram editados por F. S. Schmidt, Estugarda-Bad Cannstatt, 1938-1961; as edições du Cerf, Paris, têm prevista a edição, sob a direcção de M. Corbin, da "L'oeuvre de S. Anselme de Cantorbéry" em dez Tomos e um Apêndice, mas poderá ver-se, o recente: B. Pautrat, *Anselme de Cantorbéry. Proslogion suivi de sa réfutation par Gaunilon et de la réponse d'Anselme*, Paris, 1993. Enquanto se aguarda a publicação da tese de doutoramento de Mª L. Xavier (Lisboa, 1994), poderá ver-se, em português: J. C. Gonçalves, "O Deus do Homem. A aposta de Stº Anselmo e a Nossa", *Separata de Itinerarium*, 19, 1973; I. de S. Ribeiro, "Ainda o argumento anselmiano", *Colectânea de Estudos* 2 (1947), 73-81; A. de M. Barbosa, "As provas anselmianas da existência de Deus", *Separata da Revista Portuguesa de Filosofia*, 1 (1945); Pacheco (1988-89); e Mª L. Xavier, "A Dizibilidade de Deus segundo o 'Monologion' de Santo Anselmo", in *Pensar a Cultura Portuguesa*, Lisboa, 1993, 315-329].
- AVERRÓIS – [*Aristotelis opera... cum Averrois Cordubensis duplici expositioni...*, Veneza, 1560. Vd. HAYOUN & LIBERA 1991; CARVALHO 1996.]
- AVICENA – [*Logica (Avicennae Perhypatetici Philosophi ac Medicorum Facile Primi Opera... Logyca...*), Veneza, 1508 (rep. anast.: Francoforte s. Main, 1961). *Liber de Anima seu Sextus de Naturalibus*. Edition critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet. Introduction sur la doctrine psychologique d'Avicenne par G. Verbeke, Lovaina-Leida, II vols., 1972, 1968; *Liber de Philosophia Prima sive Scientia Divina*. Edition critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet. Introduction doctrinale par G. Verbeke, Lovaina-Leida, III vols., 1977, 1980, 1983.]

- BERENGÁRIO de TOURS – [W. H. Beekenkamp editou *Berengarii Turonensis. de sacra coena adversus Lanfrancum*, Haia, 1941; também *Corpus Christianorum*, CM 84.]
- BERTOLDO de MOOSBURGO – [Obra crítica in *Corpus Philosophorum Teutonicorum Medii Aevi*, 1984-]
- BOAVENTURA (Stº) – *Redução das Ciências à Teologia*, trad. de Ilídio de Sousa Ribeiro, 2ª ed., Coimbra, 1970.
- – *Recondução das Ciências à Teologia*, tradução e posfácio de Mário Santiago de Carvalho, Porto, 1996.
- – *Itinerário da mente para Deus*, introdução, tradução e notas por António Soares Pinheiro, 2ª ed, Braga, 1983.
- – *Obras Escolhidas*. Org. de Luis Alberto De Boni, Porto Alegre, 1983.
- – [As Obras Completas — na conhecida edição de Quaracchi — foram editadas desde 1882 a 1902, *Doctoris Seraphici S. Bonaventurae S. R. E. Episcopi Cardinalis Opera Omnia*, Ad Claras Aquas prope Florentiam; existem muitas traduções, das quais se salientam: a da B.A.C. ou ainda, em francês: *Breviloquium*, trad. s. dir. de J. G. Bougerol, Paris, 1967; *Les six jours de la création*, trad. M. Ozilou, Paris, 1991. Poderá ainda consultar-se, em português: J. C. Gonçalves, "A estrutura metafísica do ser em S. Boaventura", *Itinerarium* 18 (1972), 213-18; Id., "S. Boaventura e a Universidade Medieval", *Revista Portuguesa de Filosofia* 30 (1974), 237-255; Id. "S. Boaventura Mestre da vida espiritual", *Didaskalia* 4 (1974), 265-276; Id., "Filosofia e Epistemologia. 'Redução das Ciências à Teologia' de São Boaventura", in *Pensar a Cultura Portuguesa*, Lisboa, 1993, 331-345; M. da C. Freitas, "O ideal Bonaventuriano da sabedoria cristã e a filosofia", *Didaskalia* 4 (1974), 277-296; Id., "S. Boaventura e o simbolismo metafísico do mundo sensível", *Didaskalia* 6 (1976), 21-63; Id., "Fundamentação e valor ontológico do simbolismo bonaventuriano", in *Bonaventuriana*, Roma, 1988, I, 277-296; C. H. do C. Silva, "Carácter rítmico da estética bonaventuriana", *Revista Portuguesa de Filosofia* 30 (1974), 256-292; L. A. de Boni, "São Boaventura: a unidade da ciência, da fé e da vida", *Leopoldianum* XI, 32 (1984), 77-97; A. J. dos Penedos, *Ensaio. História da Filosofia*, Porto, s. d., 85-94; J. Barata-Moura, "Inteligibilidade por meio de esquema. Aplicação à estrutura formal de algumas obras de São Boaventura", in *S. Bonaventura, 1274-1974*, Grottaferrata, 1974, II, 417-433; M. S. de Carvalho, "Redução ou Recondução? (Nota sobre Boaventura de Bagnoregio)", *Revista Filosófica de Coimbra* 5 (1996), 205-215; J. A. Castro, "O Homem como 'Imagem de Deus' na antropologia boaventuriana", *Humanística e Teologia* 17 (1996), 277-82.]

- BOÉCIO – [Para os *Opera Omnia*, vd. *Patrologia Latina* (Migne), t. 63-64; mas há traduções: *Boethius. The Theological Tractates with an English Translation* (in Loeb Classical Library), Cambridge (Mass.), 1973; *La Consolación de la Filosofía*, trad. A. de Aguayo, Buenos Aires-México, 2ª ed., 1946; excertos em tradução castelhana sobre Ser e Conhecer in *Veritas* 41 (1996), 541-552; sobre o autor poderá ver-se ainda: J. Ferreira, "O 'De Consolatione Philosophiae' de Boécio", in *Pensamento Medieval: X Semana de Filosofia da Universidade de Brasília*, São Paulo, 1983, 34-46.]
- BOÉCIO de DÁCIA – *A Eternidade do Mundo*, trad. de Mário A. Santiago de Carvalho, Lisboa, 1997.
- – *Sobre o Bem Supremo*, trad. de L. A. De Boni, in *Veritas* 41 (1996), 559-563.
- – [ed. no *Corpus Philosophorum Danicorum Medii Aevi*, vols. 4 a 6, Copenhaga, 1969-1976. Vd. em português, M. A. S. de Carvalho, "O estatuto da filosofia em Boécio de Dácia", *Biblos*, 71 (1995), 433-59].
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA – [edição in *Patrologia Graeca* 8-9. Principais traduções em francês (Sources Chrétiennes n° 2, 23, 30, 38, 70, 108, 258, 278-79)]
- DANTE – *Monarquia*, tradução dos originais italiano e latino de Carlos E. de Soveral, Lisboa, 1984.
- – *Vida Nova*, tradução dos originais italiano e latino de Carlos E. de Soveral, Lisboa, 1984.
- – *Convívio*, tradução literal e notas de Carlos Eduardo de Soveral, Lisboa, 1992.
- – *Obras Completas*, 10 vols., São Paulo, 1955.
- – [vd. *Dante Alighieri, Tutte le Opere*, Florença, 1965; em português, poderá ver-se: G. Holmes, *Dante*, Lisboa, 1981; J. M. Barbosa, "A noção de liberdade no 'De Monarchia' de Dante", *Leopoldianum* XI, 2 (1984), 127-144.]
- GAUNILLO de MARMOUTIERS – [*Quid ad haec respondeat quidam pro insipiente*, edição de F. S. Schmidt in Anselmo, *Proslogion*, 1984; em português, vd. *supra* in Stº Anselmo].
- GILBERTO de POITIERS – [*The Commentaries on Boethius by Gilbert of Poitiers*, ed. N. M. Häring, Toronto, 1966; vd. ainda L. O. Nielsen, *Theology and Philosophy in the Twelfth Century. A Study of Gilbert Porreta's thinking and the theological expositions of the doctrine of the Incarnation during the period 1130-1180*, Leida, 1982.]
- GODESCALCO de ORBAIS – [*Oeuvres théologiques et grammaticales*, ed. D. C. Lambot, Lovaina, 1945; também *Patrologia Latina* 121, e *ibid.* 112, 1510-18.]

GREGÓRIO DE NISSA – [Nova edição crítica por W. Jaeger (Berlim, 1921) -H. Dörrie (Leida, -): *Gregorius Nyssenus Opera*. Traduções: cf. PACHECO 1983: 249-53.]

GUALTER BURLEIGH (ou BURLEY) – [Walter Burleigh. *De Puritate Artis Logicae Tractatus Longior*. With a revised edition of the *Tractatus Brevior*, ed. by Ph. Boehner, Nova Iorque, 1955.]

GUILHERME DE OCKHAM – *Brevilóquio sobre o principado tirânico*. Trad. Luis A. De Boni, Petrópolis, 1988.

— — *Noção do conhecimento ou ciência. Problemas epistemológicos. Problemas lógicos. Teoria da Suposição. Verdade Operações Inferenciais Ser, Essência e Existência. Possibilidade de uma Teologia Natural. Prova da Existência de Deus. Causalidade de Deus e Presciência. Física e Ética*, trad. de C. L. de Mattos, in "Os Pensadores" vol. VIII, São Paulo, 1973, 339-404.

— — [Encontra-se ainda em curso a edição crítica das suas obras: *Guillelmi de Ockham Opera Philosophica et Theologica ad fidem codicum manuscriptorum edita*. Cura e Instituti Franciscani Universitatis S. Bonaventurae, Nova Iorque, 1967-; há várias traduções, nenhum trabalho sistemático nesta área porém, vd. *Guillaume de Ockham. Somme de logique, Première partie*, trad., J. Biard, Mauvezin, 1988. Vd. *Ockham-Bibliographie 1900-1990*, Hamburgo, 1992; em português: P. Hochart, "Guilherme de Occam. O Signo e a sua duplicidade", in Châtelet, François, *A Filosofia Medieval, vol. 2 de História da Filosofia...*, Lisboa, 1974; F. Belo, *Linguagem e Filosofia. Algumas Questões para Hoje*, Lisboa, 1987; estudos vários, no âmbito do pensamento político, de J. A. de C. R. de Souza, in *Pensamento Medieval: X Semana...*, 160-186, na *Revista Portuguesa de Filosofia* 41 (1985), 139-160, e em *Veritas* 40 (1995), 667-77; M. A. S. de Carvalho, "Para a História da Possibilidade e da Liberdade. João Duns Escoto, Guilherme de Ockham e Henrique de Gand", *Itinerarium* 40 (1994), 145-180; CARVALHO 1986.]

HENRIQUE DE GAND – *Sobre a Metafísica do Ser no Tempo*, trad. de M. S. de Carvalho, Lisboa, 1996.

— — *Se Deus pode criar um corpo fora do céu sem que esse corpo toque no céu* (trad. do 'Quodl. XIII', q. 3 por M. A. S. de Carvalho, in *Revista Filosófica de Coimbra* 2 (1992), 380-385.

— — [As Obras Completas encontram-se ainda em curso de edição, sob a responsabilidade de Raymond Macken: *Henrici de Gandavo Opera Omnia*, Lovaina, 1979-; há poucas traduções ainda: J. Teske, *Henry of Ghent Quodlibetal Questions on Free Will*, Milwaukee, 1993.]

HILDEGARDA DE BINGEN – [ed. crítica de *Hildegardis Scivias*, por A. Führkötter e A. Carlevaris (CC. CM), Turnhout, 1978, mas a maior parte do corpus é acessível em tradução alemã (todos os títulos a seguir indicados, editados em Salzburgo): *Lieder* (1969), *Wisse der Wege* (1987, 7ª ed.), *De operatione dei* (1965), *Liber vitae meritorum* (1985, 2ª ed.), *Causae et curae* (1981, 4ª ed.), *Physika* (1980, 4ª ed.), *Das Buch von den Steinen* (1986, 2ª ed.), *Briefwechsel* (1965), *Vita* (1980, 2ª ed.). Em inglês: *Symphonia* (ed. B. Newman), Ithaca, Nova Iorque, 1988. Para mais bibliografia (1888-1982), vd.: *Hildegard-Bibliographie. Wegweiser zur Hildegard-Literatur*, 2 vols., Alzey, 1970-1984.]

HONÓRIO AUGUSTODUNENSIS – [Edição in *Patrologia Latina* 172, 115-186].

IBN AL-HAYTHAM – [*Opticae Thesaurus Alhazeni arabis Libri septem, nunc primum editi. Eiusdem liber De Crepusculis et Nubium ascensionibus. Item Vitellonis Thuringopoloni libri X. Omnes instaurati ... a Frederico Risnero*, Basileia, 1572 (rep. anast.: Nova Iorque, 1972, With an Introduction to Reprint Edition by David C. Lindberg); *The Optics of Ibn Al-Haytham. Books I – III: On Direct Vision*. Translated with Introduction and Commentary by A. I. Sabra, Londres, 1989.]

IBN GABIROL (Salomão) ou AVICEBRON – [*Fons Vitae*, tradução e comentário de J. Schlanger, Paris, 1970].

JOÃO BURIDANO – [*Quaestiones longe super librum Perihermeneias*, editadas por R. Van der Lecq, Nimega, 1983; *Questiones Elenchorum*, ed. R. van der Lecq & H. A. G. Braakhuis, Nimega, 1994; *Summulae in Praedicamenta*, ed. E. P. Bos, Nimega, 1994 [faz parte de uma série que contemplará todas as *Summulae*, coll. Artistarium]; *Sophismes*, trad. et introd. J. Biard, Paris, 1993.]

JOÃO DUNS ESCOTO – *Tratado do Primeiro Princípio*, trad. de Mário Santiago de Carvalho, Lisboa, 1997.

— — *Pode provar-se a existência de Deus?* Trad. de Raimundo Vier, Petrópolis, 1972.

— — *Sobre o conhecimento humano. O conhecimento natural do homem a respeito do Deus, A existência de Deus, A Unicidade de Deus, A Espiritualidade e Imortalidade da Alma Humana, Sobre a Metafísica*, trad. de C. A. Nascimento e R. Vier, in "Os Pensadores" vol. VIII, São Paulo, 1973, 233-338.

— — *Sur la connaissance de Dieu et l'univocité de l'étant (Ordinatio I, d. 3, q. 1-4; d. 8, q. 1-4; Collatio 24)*, trad. de O. Boulnois (1998).

— — [A edição crítica definitiva, embora ainda em fase de estabelecimento, é a da chamada Comissão Escotista ou Vaticana, *Doctoris Subtilis et Mariani Ioannis Duns Scoti Ordinis Fratrum Minorum*,

Vaticano, 1950-, mas, além de Boulnois (1988), poder-se-á ver a tradução francesa de 'De primo principio': *Jean Duns Scot* († 1308). *Traité du premier principe*, trad. du latin par J.-D. Caviglioli, J.-M. Meilland, F.-X. Putallaz sous la direction de R. Imbach, Geneva-Lausana-Neuchâtel, 1983, ou a espanhola: *Tratado acerca del primer principio*, ed. bilingue por F. Alluntis, Madrid, 1989. Pode assinalar-se a existência de uma recente recolha de estudos: *Jean Duns Scot (1266-1308). Le Docteur du Verbe incarné* (in *Évangile aujourd'hui*, n° 160, nov. 1993. Em português, assinala-se, para além de um número especial da *Revista Portuguesa de Filosofia* (23, 1967): M. B. da C. Freitas, "O conhecimento de Deus segundo João Duns Escoto", *Didaskalia* 12 (1982), 243-298; Id., "Natureza e fundamento ontológico da pessoa em Duns Escoto", *Revista Portuguesa de Filosofia* 50 (1994), 155-163; Id., "A pessoa e o seu fundamento ontológico em Escoto", *Separata de Itinerarium* 6 (1960); R. Nunes, "Scotus, Marx e o Nominalismo", *Leopoldianum* XVII, 48 (1990), 111-126; J. C. Gonçalves, "João Duns Escoto e a ciência ética", *ibid.*, 121-137; Id., *Humanismo Medieval*, Braga, 1971; Id., "João Duns Escoto e o pensamento não cristão", *Itinerarium* 18 (1972), 341-47; I. de S. Ribeiro, *O Doutor Subtil João Duns Escoto*, Lisboa, 1944; Id. "Génese e espírito da síntese escotista", *Colectânea de Estudos* 4 (1953), 42-51; M. A. S. de Carvalho, "Para a História..."; C. R. Cezar, "O conceito de natureza comum em Duns Escoto", *Veritas* 41 (1996), 379-380]

JOÃO ESCOTO ERIÚGENA ou ERÍGENA – [Os *Opera Omnia* in *Patrologia Latina* (Migne), t. 122, mas há outras edições críticas no seio do *Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis* (t. 50), e dos *Scriptores Latini Hiberniae*, com trad. inglesa, *Periphyseon*, por I. P. Sheldon-Williams, L. Bieler e J. J. O'Meara, Dublin, 1968-81; assinala-se, por fim a existência do *Guide des études érigéniennes. Bibliographie commentée des publications 1930-1987*, ed. M. Brennan, Friburgo-Paris, 1989. Veja-se, em português: C. H. do C. Silva, "O pensamento da diferença no 'De divisione naturae' de Escoto Erígena", *Didaskalia* 3 (1973), 247-303.]

JOÃO PECKHAM – [*Johannis Pecham, Quodlibeta quatuor*, cura G. I. Etzkorn e F. Delorme, Grottaferrata, 1989; tradução de "Whether the World could have been created from Eternity" in R. C. Dales e O. Argerami, *Medieval Latin Texts on the Eternity of the World*, Leida, 1991, 69-87.]

JUSTINO o MÁRTIR – [G. Krüger, *Die Apologien*, Freiburg-s.-Brigau, rep. 1968; J. C. T. Ott, *Corpus Apologetarum*, I-V, Iena, rep. 1968. Várias traduções, como as castelhanas (Madrid, 1943: H. Yaben e 1954: D. Ruiz Bueno) ou a francesa (Paris, 1958: A. Hamman, com útil introdução histórico-doutrinal).]

LANFRANCO – [Edição in *Patrologia Latina* 150; veja-se também *The Letters of Lanfranc, Archbishop of Canterbury*, edited and translated by H. Colver & M. Gibson, Oxford, 1979.]

MESTRE ECKHART – *A mística do ser e não ter*. Trad. de Raimundo Vier, Petrópolis, 1983

——— – *O livro da divina consolação e outros textos seletos*, Petrópolis, 1991.

——— – [*Die Deutschen und Lateinischen Werke*, Estugarda, em curso de ed.; mas há traduções francesas na Cerf, "L'oeuvre latine de Maître Eckhart", 1984-].

MOISÉS MAIMÓNIDES – [Edição de *Le Livre de la connaissance*. Traduit de l'hébreu et annoté par V. Nikiprowetzky et A. Zaoui, étude préliminaire de S. Pinès, Paris, 2^o 1985; *Le Guide des Égarés. Traité de Théologie et de Philosophie*. Traduit par S. Munk, III Tomes, Nouvelle édition, Paris, 1960. Vd. em português: F. B. de S. Netto, "Moshê Ben Maimon e a formação do pensamento de Tomás de Aquino" in E. Stein & L. A. De Boni (org.), *Dialéctica e Liberdade*, Petrópolis-Porto Alegre, 1993, 117-30; N. Fabel, "Maimônides e a Finalidade da Ética" in *ibid.*, 416-29.]

NICOLAU de CUSA – *A Visão de Deus*. Pref. de M. B. Pereira, tradução e notas de J. M^a André, Coimbra, 1988.

——— – *O Deus Escondido*, trad. de J. Fragata e A. A. de Sousa, in E. Colomer, Nicolau de Cusa (1401-1464), Braga, 1964.

——— – [Os *Opera Omnia* estão editados pela Academia de Heidelberg, Leipzig 1932 sg e Hamburgo, 1959 sg.; mais informações in ANDRÉ 1992: 1003 sg.]

NICOLAU ORESME – [*Nicolai Oresme Expositio et Quaestiones in Aristotelis De Anima*, ed. B. Patar et etudes doct. en collaboration avec C. Gagnon, Lovaina-a-Nova – Paris, 1995; B. Hansen, *Nicole Oresme and the Marvels of Nature. A Study of his De causis mirabilium* with Critical Edition, Transl. & Comm., Toronto, 1985.]

ORÍGENES – [Edição in *Patrologia Graeca* 11-17, e Sources Chrétiennes: 268, 269, 286, 287, 290, 302, 312, 375, 376, 385 com tradução francesa; *Origenes. Contra Celso*, tradução e comentário de D. Ruiz Bueno (BAC), Madrid, 1967. Em português, vd. F. R. GILLOT, "Do Significado de Orígenes na teologia do séc. III, ou a marginalização da teologia da marginalidade", *Itinerarium*, 33 (1987), p. 281-310.]

PEDRO ABELARDO – *Cartas de Heloísa e Abelardo*, Lisboa, 1972.

——— – *Lógica para Principiantes*, Trad. de C. A. R. do Nascimento, Petrópolis, 2^o 1994.

——— – *A História das minhas Calamidades*, in *ibidem*, 247-278.

- – *Sim e Não* (Prólogo, selecção), trad. in CARVALHO 1994.
- – [A *Dialectica* está editada por L.-M. de Rijk (Leida, 2ª ed., 1970); M. de Gandillac traduziu as *Oeuvres choisies d'Abélard*, Paris, 1945, mas existe tradução nova, feita a partir de recente texto crítico, pelo mesmo: *Pierre Abélard. Conférences. Dialogue d'un philosophe avec un juif et un chrétien. Ethique 'Connais-toi toi-même*, Paris, 1993. Em português, poderá ver-se: L. A. de Boni, "A Ética de Pedro Abelardo", *Leopoldianum* XVII, 48 (1990), 89-120; C. Tannüs, "Abélard e a questão dos universais", *Educação e Filosofia* 2 (1899), 5-12.]
- PEDRO DAMIÃO – [Obra in *Patrologia Latina* 144-145; Sources Chrétiennes = *Lettre sur la toute-puissance divine*, ed. A. Cantin, 1972.]
- PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA – [É recente a edição crítica do *Corpus Dionysiacum*, 2 vols., ed. Beata R. Suchla (vol. I) e G. Heil e A. M. Ritter (vol. II), Berlim-Nova Iorque (Patristische Texte und Studien, 33 e 36), 1990-1991; ed. francesa de M. de Gandillac, *Oeuvres complètes du pseudo-Denys l'Aréopagite*, Paris, 2ª ed., 1980. Também: *Obras Completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, ed. preparada por T. H. Martín, Madrid, 1990. Em português, vd.: F. Nef, "Lógica e Mística: a propósito do atomismo lógico de Russell e Wittgenstein", *Análise* 10 (1988), 89-102; M. A. Rodrigues, "O pensamento teológico e místico de Pedro Hispano, intérprete e comentador do pseudo-Dionísio Areopagita", *Biblos* 56 (1989), 95-150; M. de F. Blanc, «A gramática do divino em Dionísio», *Communio* 10 (1993), 162-172; F. P. de A. Fleck, – «A Função da Negação na 'via remotionis'», in L. A. De Boni (org.) – *Lógica e Linguagem na Idade Média*, Porto Alegre, 1995, 47-54.]
- RICARDO SWINESHEAD – [*Roger Swineshead's Obligationes*, ed. in "Archives d'Histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age" 44 (1977), 243-85.]
- ROBERTO GROSSETESTE – [ed. de L. Baur, *Die philosophischen Werke des Robert Grosseteste, Bischofs von Lincoln* (Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters, IX), Münster i. W., 1912. Consulte-se ainda: J. McEvoy, "Robert Grosseteste: Recent and Forthcoming Editions and Studies", *Bulletin de Philosophie Médiévale* 35 (1993), 121-129.]
- ROGÉRIO BACON – [Cf. *Opera hactenus inedita Rogeri Baconis*, ed. R. Steele et al., Oxford, 1905-1940; E. Bettoni, *Ruggero Bacon, Lettera a Clemente IV*. Testo latino e traduzione italiana con introduzione e note, Milão, 1964; *Roger Bacon's Philosophy of Nature. A Critical Edition, with english translation, introduction, and notes, of 'De multiplicatione specierum' and 'De speculis comburentibus'*, by D. C. Lindberg, Oxford, 1983.]

- SIGÉRIO de BRABANTE – [*Quaestiones in Metaphysicam*. Edition revue de la reportation de Munich. Texte inédit de la reportation de Vienne (ed. William Dunphy), Lovaina-a-Nova, 1981; *Quaestiones in Tertium de Anima. De Anima Intellectiva. De Aeternitate Mundi*. Édition critique de B. Bazan, Louvain-Paris, 1972; *Les Quaestiones super Librum de Causis de Siger de Brabant*. Édition Critique de Antonio Marlasca, Lovaina-Paris, 1972; *Écrits de Logique, de Morale et de Physique*. Édition critique de Bernardo Bazan et A. Zimmermann, Lovaina-Paris, 1974. Em português: CARVALHO 1996b e CARVALHO 1992]
- TEODORICO de FREIBERG – [Edição dos *Opera Omnia*, Veröffentlichung unter Leitung v. K. Flasch, 4 tomos, Hamburgo, 1977-85].
- TOMÁS DE AQUINO (Stº) – *O Ser e a Essência*, in "Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval", trad. de António S. Pinheiro, Braga, 1984.
- – *O Ente e a Essência*. Trad. de M. A. S. de Carvalho, Porto, 1995.
- – *Suma Teológica*. Trad. Alexandre Correa, 3ª ed., Porto Alegre, 1980-81.
- – *Suma contra os Gentios*. Livros I e II. Trad. de Odilão Moura, Luggero Jaspers, Luis A. de Boni, Porto Alegre, 1990.
- – *Questões discutidas sobre a Verdade*, [partes] trad. L. J. Baraúna, in «Os Pensadores» vol. VIII, São Paulo, 1973, 23-59
- – *Súmula Contra os Gentios* [partes], *ibid.*, 61-72.
- – *Compêndio de Teologia* [partes], *ibid.*, 73-105.
- – *Seleção de Textos da Suma Teológica*, trad. de A. Correia, *ibid.*, 107-150.
- – *Compêndio de Teologia*, trad. de Odilão Moura, Rio de Janeiro, 1987.
- – *Exposição Sobre o Credo*, trad. e notas de O. Moura, São Paulo, 1981.
- – *Do Governo dos Príncipes*, trad. Arlindo Veiga dos Santos, São Paulo, 1946.
- – *Tratado da Justiça*, trad. F. Couto, Porto s.d. [= *Summa Theologiae*, I-II, 57-79].
- – *Tratado da Lei*, trad. F. Couto, Porto s.d. [= *Summa Theologiae*, I-II, qq. 90-108].
- – [existem várias edições de confiança das obras de São Tomás (v. gr. a ed. 'Marietti' dos *Opera Omnia*, Turim-Roma), mas a definitiva é a conhecida "editio Leonina", Roma, 1888-. Para o panorama das traduções, sobretudo em francês, vd. TORRELL (1993: 483-525); e, para estudos em português, vd. a Bibliografia do meu *Tomás de Aquino. O Ente e a Essência*, Porto, 1995, à qual acrescentamos: J. Ameal, *São Tomás de Aquino. Iniciação ao estudo da sua figura e da sua obra*,

Porto, 1961; J. Enes, *À porta do ser. Ensaio sobre a justificação noética do juízo de percepção externa em S. Tomás de Aquino*, Lisboa 1990; F. Belo, «A "Summa" de S. Tomás de Aquino: uma placa giratória entre a Grécia/Judá e a Europa», *Análise* 16 (1992) 157-66; «S. Tomás e o personalismo», in A. J. de Brito, *Razão e Dialéctica. Estudos de Filosofia e História da Filosofia*, Lisboa 1994, 219-236 e 359-64; M. S. de Carvalho, «Ler São Tomás, Hoje?», *Revista Filosófica de Coimbra*, 4 (1995), 103-130; Id. *Para um outro modelo de investigação ...*]

ULRICO de ESTRASBURGO – [*De summo bono*, editado por B. Mojsisch, Hamburgo, 1989.]

WITTELO – [*Perspectiva*, Basileia, 1572; *De causa primaria poenitentiae et de natura daemonum*, edição in A. Birkenmajer, *Etude historique des sciences en Pologne*, Wroclav, 1972.]

3) Bibliografia complementar:

AA. VV. (1966) – *La filosofia della Natura nel Medioevo* (Atti del III Congresso Internazionale di filosofia medievale, 31 agosto-5 settembre 1964), Milão.

AA. VV. (1994) – *As Relações de Poder no Pensamento Político da Baixa Idade Média*, Lisboa.

AA. VV. (1996) – *Actas del II Congreso Nacional de Filosofía Medieval*, Saragoça.

ADAMS (1987), Marilyn McCord – *William Ockham*, 2 vols., Notre Dame, Indiana.

AERTSEN (1994), Jan A – "Gibt es eine mittelalterliche Philosophie?", in SPEER (1994), 13-30.

AL-'ALAWI (1994), Jamal Al-Din – "The Philosophy of Ibn Rushd. The Evolution of the Problem of the Intellect in the Works of Ibn Rushd: from philological examination to philosophical analysis", in *The Legacy of Muslim Spain*, edited by Salma Khadra Jayyusi, vol. II, Leida, 804-829.

ALESSANDRO (1966), O. d' – *Mistica e filosofia in Ildegarde di Bingen*, Pádua.

ALFERI (1989), Pierre – *Guillaume d'Ockham. Le Singulier*, Paris.

ANDRÉ (1992), João Maria – *Sentido, Simbolismo e Interpretação no Discurso Filosófico de Nicolau de Cusa*, 2 tomos, Coimbra.

ANDRES (1969), Teodoro de – *El nominalismo de Guillermo de Ockham como filosofía del lenguaje*, Madrid.

BADAWI (1968), Abdhurrahmân – *Histoire de la philosophie en Islam*, 2 vols., Paris.

BARBOSA (1984), João Morais – *Estudos de Filosofia Medieval: 1. Manual de Ensino*, Lisboa.

BARTH (1985), Karl – *S. Anselme. Fides quaerens intellectum. La preuve de l'existence de Dieu*, trad., Genebra [orig.: 1931].

BATAILLON (1991), L.-J. – «Le edizioni di 'opera omnia' degli scolastici e l'Edizione Leonina», in *Gli Studi di Filosofia Medievale Fra Otto e Novecento. Contributo a un bilancio storiografico* (Atti del Convegno internazionale, Roma 21-23 settembre 1989), a cura di Ruedi Imbach e Alfonso Maierú, Roma, p. 141-154.

BAZÁN (1982), Bernardo – "La 'Quaestio disputata'", in *Les genres littéraires dans les sources théologiques et philosophiques médiévales*, Lovaina-a-Nova, 31-49.

BAZÁN et al. (1985) – *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les facultés de théologie, de droit et de médecine*. B. C. Bazán, G. Fransen, J. F. Wippel et D. Jacquart, Turnhout.

BEIERWALTES (1980), Werner – *Identität und Differenz*, Francoforte s. Main.

—— (1994) – *Eriugena. Grundzüge seines Denkes*, Francoforte.

BERARDINO (1992), Angelo Di – *Encyclopedia of the early Church*. Produced by the Institutum Patristicum Augustinianum and edited by A. di Berardino, trad., 2 vols., Cambridge.

BERTELLONI (1992), Francisco – "Contexto, consecuencias y fuentes de la doctrina dantesca 'Homo est Medium' (Monarchia, III, xv)", *Patristica et Mediaevalia*, 13: 3-21.

BIANCHI (1984), Luca – *L'errore di Aristotele. La polemica contro l'eternità del mondo nel XIII secolo*, Florença.

—— (1990) – *Il vescovo e i filosofi. La condanna parigina del 1277 e l'evoluzione dell'aristotelismo scolastico*, Bérgamo.

BIANCHI & RANDI (1990), Luca [Bianchi] & Eugenio [Randi] – *Le verità dissonanti*, Bari [há tradução francesa: Paris-Friburgo, 1993].

BIRKENMAJER (1970), A. – *Études d'histoire des sciences et de philosophie du Moyen Age*, Wroclaw.

BLANCHÉ (1985), R. – *História da Lógica de Aristóteles a Bertrand Russell*, trad., Lisboa.

BOEHNER (1958), Philoteus – *Collected Articles on Ockham*. Edited by E. Buytaert, Nova Iorque, Lovaina, Paderborn.

- BØRRESEN (1990), Kari Elisabeth – "Women's Studies of the Christian Tradition", in *Contemporary Philosophy*, ed. by G. Fløistad, Dordrecht, 901-1001.
- BOTTIN (1989), F. (a cura di) – *Boezio di Dacia. Giacomo de Pistoia. Ricerca della felicità e piacere dell'intelletto*, Florença.
- BOUGEROL (1988), J. G. – *Introduction à saint Bonaventure*, Paris.
- BOULNOIS (1988), Olivier – *Duns Scot. Sur la connaissance de Dieu et l'univocité de l'étant*, Paris.
- BRITO (1988), António J. – "As recentes controvérsias sobre a Argumento Anselmiano", *Revista Portuguesa de Filosofia*, 44: 249-286.
- BRONS (1976), B. – *Gott und die Seienden. Untersuchungen zum Verhältnis von neuplatonischer Metaphysik und christlicher bei Dionysius Areopagita*, Gotinga.
- BRUNNER (1950), F. – *Ibn Gabirol. La source de vie. Livre III. De la démonstration de l'existence des substances simples*, trad. et introd. de F. Brunner, Paris.
- ____ (1969) – *Maître Eckhart*, Paris.
- BURNS (1988), J. H. (ed.) – *The Cambridge History of Medieval Political Thought c. 350-c. 1450*, Cambridge-Nova Iorque.
- BRUNNER (1969), Fernand – *Maître Eckhart*, Paris.
- BUTTERWORTH [C. E.] & KESSEL (1994) [B. A.] – *The Introduction of Arabic Philosophy into Europe*, Leida – N. Iorque – Colónia.
- BYNUM (1992), Caroline W. – *Fragmentation and Redemption. Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*, Nova Iorque.
- CARVALHO (1986), Mário Santiago de – "A teoria da 'suppositio' na semântica ockhamista", *Biblos*, 62: 91-149.
- ____ (1992) – «A polémica monopsiquista de 1270: T. de Aquino e S. de Brabante», *Revista da Universidade de Coimbra* 37: 167-187.
- ____ (1992a) – "Noção, Medição e Possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand", *Revista Filosófica de Coimbra* 2: 359-385.
- ____ (1993) – "Henrique de Gand, 1293-1993", *Mediævalia. Textos e Estudos* 3: 9-23 e 213-235.
- ____ (1994) – "Introdução à Analéctica diaporética. Da (In)actualidade das 'quaestiones' como método filosófico", *Caderno de Filosofias*, 6/7: 39-108.
- ____ (1995) – "Para um outro modelo de Investigação das Relações entre razão e fé no século XIII", *Itinerarium* 41: 19-44.
- ____ (1995a) – "Filosofia Bárbara (Considerações sobre a Patrística)", *Itinerarium* 41: 345-368.

- ____ (1995b) – «A 'Summa' de Henrique de Gand», *Revista Filosófica de Coimbra* 4: 439-449.
- ____ (1995c) – "Introdução", in *Tomás de Aquino. O Ente e a Essência*, Porto, 4-63.
- ____ (1996) – "A essência da matéria prima em Averróis Latino (com uma referência a Henrique de Gand)", *Revista Portuguesa de Filosofia* 52: 197-221.
- ____ (1996a) – "Introdução" in *Henrique de Gand. Sobre a Metafísica do Ser no Tempo (Questões Quodlibéticas I, 7/8-9 e 10)*. Edição bilingue. Versão do latim, introdução e notas; Prefácio e restabelecimento crítico do texto latino de Raymond Macken, Lisboa.
- ____ (1996b) – «Raimundo Llull, Sigério de Brabante e o problema do primeiro homem», *Revista Filosófica de Coimbra* 5: 361-384.
- ____ (1996c) – "Posfácio", in *São Boaventura. Recondição das Ciências à Teologia*, Porto, 29-87.
- CHADWICK (1981), Henry – *Boethius. The Consolation of Music, Logic, Theology and Philosophy*, Oxford [existe trad. italiana: Bolonha, 1986]
- CHENU (1957), M. -D. – *La théologie comme science au XIII^e siècle*, Paris.
- ____ (1957a) – *La théologie au XII^e siècle*, Paris.
- ____ (1974) – *Introduction à l'étude de saint Thomas d'Aquin*, 3^a ed., Paris.
- CLAGETT (1959), M. – *The Science of Mechanics in the Middle Ages*, Madison Wis.
- COLISH (1990), M. L. – *The Stoic Tradition from Antiquity to the Early Middle Ages*, vol. 2, Leida.
- CORBIN (1992), Michel – *Prière et raison de la foi. Introduction à l'oeuvre de S. Anselme de Cantorbéry*, Paris.
- COURTENAY (1990), W. J. – *Capacity and Volition. A History of the Distinction of Absolute and Ordained Power*, Bérqamo.
- COXITO (1981), Amândio A. – *Lógica, Semântica e Conhecimento na Escolástica Peninsular Pré-Renascentista*, Coimbra.
- CRAEMER-RUEGENBERG (1985), Ingrid – *Alberto Magno*, trad., Barcelona.
- CROMBIE (1953), A. C. – *Robert Grosseteste and the origins of experimental science: 1100-1700*, Oxford.
- CROUZEL (1962), Henri – *Origène et la Philosophie*, Paris.
- DALES (1990), Richard C. – *Medieval discussions of the Eternity of the World*, Leida.
- de RIJK (1985), L.-M. – *La Philosophie au Moyen Age*, trad., Leida.

- DELHAYE (1947), Philippe – "L'organisation scolaire au XII^e siècle", *Traditio* 5: 211-268.
- DELORME (1988), J. – *As Grandes datas da Idade Média*, trad., Lisboa.
- DIJKSTERHUIS (1971), E. J. – *Il meccanismo e l'immagine del ondo dai Presocratici a Newton*, trad., Milão.
- DOD (1982), B. – "Aristoteles Latinus", in Kenny, A. et al., *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy...*, 45-79.
- D'ONOFRIO (1993), Giulio (ed.) – *Lanfranco di Pavia e l'Europa del secolo XI nel IX centenario della morte (1089-1989)*. Atti del Convegno internazionale di Studi (Pavia, Almo Collegio Borromeo 21-24 settembre 1989), Roma.
- DRONKE (1984), Peter – *Women Writers of the Middle Ages*, Cambridge.
- (1988) *A History of Twelfth-Century Western Philosophy*, edited by P. Dronke, Cambridge.
- DUHEM (1913-59), Pierre – *Le Système du Monde. Histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic*, 10 vols., Paris.
- EASTON (1970), St. C. – *Roger Bacon and His Search for a Universal Science. A Reconsideration of the Life and Works of Roger Bacon in the Light of His Own State Purpose*, Nova Iorque.
- ECO (1989), Umberto – *Arte e Beleza na Estética Medieval*, trad., Lisboa.
- ELDERS (1993), Leo J. – *The Metaphysics of Being of St. Thomas Aquinas in a Historical Perspective*, Leida-N. Iorque-Colónia.
- ESSER (1993), D. – "Vida de Juan Duns Scoto", *Cartagenensia* 9: 167-188.
- FAKHRY (1983), Majid – *A History of Islamic Philosophy*, 2^a ed., Nova Iorque.
- FERNÁNDEZ (1979), Clemente – *Los filósofos medievales. Selección de textos, vol. I: Filosofía Patristica, Filosofía Arabe y Judia.*, Madrid.
- (1980) – *Los filósofos medievales. Selección de textos, vol. II: Escoto Eriugena – Nicolas de Cusa*, Madrid.
- FERRIER (1989), Francis – *Saint Augustin*, Paris [existe trad. port.: Lisboa, ed. Europa-América]
- FISCHER (1987), N. – "Sein und Sinn der Zeitlichkeit im philosophischen Denken Augustinus", *Revue des Etudes Augustiniennes*, 33: 205-234.
- FLASCH (1992), Kurt – *Introduction à la philosophie médiévale*, trad., Friburgo.
- FLINT (1995), V. I. J. – *Honorius Augustodunensis of Regensburg*, Haldershot.

- FOREVILLE (1984) – *Les Mutations Socio-culturelles au tournant des XI^e – XII^e siècles* (sous la direction de Raymond Foreville). Actes du Colloque International du C.N.R.S., Paris.
- FRAGA (1988), G. de – «Introdução» in *Descartes. Meditações sobre a Filosofia Primeira*, Coimbra, 1988.
- FREITAS (1986), Manuel da Costa – "Verdade, rectidão e Justiça em S. Anselmo", *Biblos*, 62: 43-50.
- GANDILLAC (1981), M. – Abélard. *Le 'Dialogue'. La philosophie de la Logique*, par Maurice de Gandillac, J. Jolivet, G. Küng, A. de Libera, Sofia V, Rovighi. Actes du Colloque de Neuchâtel, 16-17 novembre 1979, Genebra-Lausane – Neuchâtel.
- GÉRARD (1994), Gilbert – "Contribution au problème du lien onto-théologique dans la démarche métaphysique de S. Thomas d'Aquin", *Revue Philosophique de Louvain*, 92: 184-210.
- GIGON (1970), Olof – *La Cultura Antigua y el Cristianismo*, trad., Madrid.
- GILSON (1924), Etienne – *La philosophie de saint Bonaventure*, Paris.
- (1948) – *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*, Paris.
- (1952) – *Jean Duns Scot. Introduction à ses positions fondamentales*, Paris.
- (1972) – *Le Thomisme*, 6^a ed., Paris.
- (1972a) – *Dante et la philosophie*, Paris.
- GLORIEUX (1968), P. – "L'Enseignement au Moyen Age. Techniques et méthodes en usage à la Faculté de Théologie de Paris, au XIII^e siècle", *Archives d'Histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age*, 35: 65-186.
- GLOY (1988), K. – "Die Struktur der Augustinischen Zeittheorie im XI Buch der Confessiones", *Philosophische Jahrbuch*, 95: 72-95.
- GÓMEZ CAFFARENA (1958), J. – *Ser participado y ser subsistente en la metafísica de Enrique de Gante*, Roma.
- GONÇALVES (1970), J. Cerqueira – *Homem e Mundo em São Boaventura*, Braga.
- (1980) – "Filosofia e Relação. Interpretação Cristã da Categoria Grega", *Biblos*, 56: 185-194.
- (1991) – "Do Tempo e da Eternidade", *Communio*, 8: 132-143.
- GOODMAN (1992), L. E. – *Avicenna*, Londres-Nova Iorque.
- GORIS (1995), Wouter – "Ethique et Métaphysique? Le rôle de la pensée d'Eckhart dans le débat sur le propre de la philosophie médiévale", *Recherches de Théologie ancienne et médiévale* 62 (1995), 226-254.
- GRANT (1981), Edward – *Studies in medieval science and natural philosophy*, Londres.

- (1981a) – *Much Ado about Nothing. Theories of Space and vacuum from the Middle Ages to the Scientific Revolution*, Cambridge.
- GREGORY (1955), Tullio – *Anima Mundi. La filosofia di Guglielmo di Conches e la scuola di Chartres*, Florença.
- (1963) – *Giovanni Scoto Eriugena: tre studi*, Florença.
- (1992) – *Mundana sapientia. Forme di conoscenza nella cultura medievale*, Roma.
- GUITTON (1955), Jean – *Le Temps et l'éternité chez Plotin et Saint Augustin*, Paris.
- HAEFFNER (1988), Gerd – "Anotações à pergunta agostiniana sobre a essência do Tempo no Livro XI das 'Confissões' ", *Revista Portuguesa de Filosofia*, 44: 81-97.
- HAMESSE – FATTORI (1990) – *Rencontres de cultures dans la philosophie médiévale. Traduction et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV^e siècle*, ed. de J. Hamesse et M. Fattori, Lovaina-a-Nova – Cassino.
- HAMESSE (1994), Jacqueline – *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales*. Actes du Colloque international de Louvain-la-Neuve éd. par J. Hamesse, Lovaina-a-Nova – Turnhout.
- HAYOUN & LIBERA (1991), M. R. & A.de – *Averroès et l'averroïsme*, Paris.
- HICK e MCGILL (1968) – *The Many-Faced Argument. Recent Studies on the Ontological Argument for the Existence of God*, edited by John Hick and Arthur McGill, Londres-Melbourne.
- HISSETTE (1977), Roland – *Enquête sur les 219 articles condamnés à Paris le 7 mars 1277*, Lovaina-Paris.
- HOEGEN (1990), M. – *L'attualità filosofica di Anselmo d'Aosta*, a cura di M. Hoegen, Roma.
- HOLOPAINEN (1996), T. J. – *Dialectic and Theology in the Eleventh Century*, Leida.
- HOOYKAAS (1977), R. – *Geschiedenis van de natuurwetenschappen*, 2e. ed., Utreque.
- HUIZINGA (1985), Johan – *O Declínio da Idade Média*, trad. do inglês, 2ª ed., Lisboa.
- HUSSERL (1964), E. – *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*, trad., Paris.
- IMBACH (1989), Ruedi – *Laien in der Philosophie des Mittelalters. Hinweise und Anregungen zu einem verznachlässigten Thema*, Amesterdão.

- JACOBI (1994), Klaus – "Der disputative Charakter scholastischen Philosophierens", in SPEER 1994: 31-42.
- JAEGER (1991), Werner – *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, trad., Lisboa.
- JOLIVET (1982), J. – *Arts du Langage et Théologie chez Abelard*, Paris.
- (1995) – *Philosophie médiévale arabe et latine*, Paris.
- JOLIVET – LIBERA (1987), J. [Jolivet] & A. de [Libera](ed.) – *Gilbert de Poitiers et ses contemporains. Aux origines de la 'Logica Modernorum'*, Nápoles.
- KENNY (1981), Anthony – *São Tomás de Aquino*, trad., Lisboa.
- KENNY e PINBORG (1982), A. [Kenny] e Jan [Pinborg] – "Medieval philosophical literature", in Kenny, A. et al, *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy...*, 11-42.
- KREZTMANN e STUMP (1993) – *The Cambridge Companion to Aquinas*, edited by N. Kretzmann and E. Stump, Cambridge.
- LAUTENSCHLÄGER (1993), G. – *Hildegard von Bingen. Die theologische Grundlegung ihrer Ethik und Spiritualität*, Estugarda-Bad Cannstatt.
- LE GOFF (1980), Jacques – *Para um novo conceito de Idade Média*, trad., Lisboa.
- (1984) – *Os Intelectuais na Idade Média*, trad., Lisboa.
- (1985) – *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente medieval*, trad. do francês, Lisboa.
- LEFF (1968), Gordon – *Paris and Oxford Universities in the Thirteenth and Fourteenth Centuries. An Institutional and Intellectual History*, N. Iorque, Londres, Sydney.
- LEWIS (1980), C. T. – *The Merton Tradition and Kinematics in Late Sixteenth and Early Seventeenth Century Italy*, Pádua.
- LIBERA (1984), Alain de – *Introduction à la Mystique rhénane. D'Albert le Grand à Maître Eckhart*, Paris.
- (1990) – *Albert le Grand et la Philosophie*, Paris.
- (1993) – *La philosophie médiévale*, Paris.
- LIBERA-BRUNN (1984), Alain de [Libera] e Emilie Zum [Brunn] – *Maître Eckhart. Métaphysique du Verbe et Théologie Négative*, Paris.
- LINDBERG (1992), David C. – *The Beginnings of Western Science. The European Tradition in Philosophical, Religious, and Institutional Context, 600 B.C. to A. D. 1450*, Chicago – Londres.
- LOSSKY (1973), Wladimir – *Théologie négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart*, Paris.

- LUCENTINI (1980), P. – *Platonismo Medievale. Contributi per la Storia dell'Eriugenismo*, Florença.
- LUSCOMBE (1988), D. E. – "Peter Abelard", in DRONKE 1988: 279-307.
- MACKEN (1994), Raymond – *Bibliographie d'Henri de Gand*, Lovaina.
- MAIER (1964), A. – "Ergebnisse der spätscholastischen Naturphilosophie", in *Ausgehendes Mittelalter. Gesammelte Aufsätze zur Geistesgeschichte des 14. Jahrhunderts*, Roma, I: 425-457.
- MANSTETTEN (1993), R. – *Esse est Deus. Meister Eckharts christologische Versöhnung von Philosophie und Religion und ihre Ursprünge in der Tradition des Abendlandes*, Freiburg-Munique.
- MARENBOON (1988), John – *Early Medieval Philosophy (480-1150). An Introduction*, Londres – N. Iorque.
- (1988a) – "Gilbert of Poitiers", in DRONKE 1988: 328-352.
- MARKUS e ARMSTRONG (1970), R. A. [Markus] e A. H. [Armstrong] – *Fé Cristã e Filosofia Grega*, trad., Lisboa.
- MARROU (1950), H. I. – *L'Ambivalence du temps de l'Histoire chez Saint Augustin*, Paris-Montréal.
- (1971) – *Les Troubadours*, Paris.
- McEVOY (1986), James – *The Philosophy of Robert Grosseteste*, Oxford.
- McINERNEY (1993), Ralph – "Ethics", in KRETZMANN & STUMP 1993: 196-216.
- MUÑOZ DELGADO (1975), Vicente – "Introducción al patrimonio escolástico de Lógica", *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, 4: 17-39.
- MURALT (1991), André de – *L'Enjeu de la Philosophie Médiévale. Études thomistes, scotistes, occamiennes et grégoriennes*, Leida-Nova Iorque.
- NASCIMENTO (1995), Carlos Arthur R. do – *De Tomás de Aquino a Galileu*, Campinas.
- O'TOOLE (1944), Ch. – *The Philosophy of Creation in the Writings of St. Augustine*, Washington.
- PACHECO (1983), Maria Cândida da Costa Reis Monteiro – *S. Gregório de Nissa. Criação e Tempo*, Braga.
- (1985) – *Ratio e Sapientia. Ensaio de Filosofia Medieval*, Porto [com abundante bibliografia].
- (1988-89) – "Nas Origens da Teologia como ciência – St. Anselmo e Abelardo", *Revista da Faculdade de Letras* [Porto]. Série de Filosofia: 2ª, 5-6: 305-317.
- (1991) – "Patrística", in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. III, Lisboa, 1363-1370.
- PARÉ et al. (1933) – G. [Paré] & A. Brunet & P. Tremblay – *La renaissance du XII^e siècle: les écoles et l'enseignement*, Paris – Otava.

- PARENT (1938), J. – *La doctrine de la création dans l'école de Chartres. Étude et textes*, Paris-Otava.
- PAUL (1973), Jacques – *Histoire intellectuelle de l'occident médiéval*, Paris.
- PÉPIN (1974) – "Helenismo e Cristianismo" e "A Filosofia Patrística", in *História da Filosofia. Ideias, Doutrinas*, sob a direcção de Fr. Châtelet, trad., vol. II, Lisboa, 15-48 e 49-63.
- PEREIRA (1967), Miguel B. – "Formas Medievais do Método Filosófico", in ID., *Ser e Pessoa. Pedro da Fonseca I – O Método da Filosofia*, Coimbra.
- (1977) – "Originalidade e Novidade em Filosofia. A propósito da Experiência e da História", *Biblos*, 53: 1-113.
- (1988) – *Prefácio à Versão portuguesa de 'A Visão de Deus' de Nicolau de Cusa*. Separata de "A Visão de Deus" de Nicolau de Cusa, Coimbra.
- PERNOUD (s. d.), Régine – *A Mulher no Tempo das Catedrais*, trad., Lisboa.
- PESCH (1992), Otto H. – *Tomás de Aquino. Limite y grandeza de una teología medieval*, trad., Barcelona.
- PHILIPPE (1973), M. D. "Kann man die Existenz Gottes beweisen? Kritische Betrachtung der fünf Wege des hl. Thomas", *Theologie und Glaube* 63: 401-424.
- PONTES (s. d.), José Maria da Cruz – *Sumários desenvolvidos de Filosofia Medieval*, texto mimeografado, Coimbra [vd. *supra*, nota 1 da «Introdução»].
- (1963) – "As traduções dos tratados zoológicos aristotélicos e as inéditas 'Quaestiones super de animalibus' de Pedro Hispano Portugalense", *Revista Portuguesa de Filosofia* 21: 243-263.
- (1990) – "Escolástica", in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. II, Lisboa, 166-181.
- RAMON GUERREO (1985), R. – *El Pensamiento Filosófico Árabe*, Madrid.
- RANDI e BIANCHI (1989), Eugenio [Randi] e Luca [Bianchi] – *Filosofi e teologi. La ricerca e l'insegnamento nell'università medievale*, Bérghamo.
- RANDI (1990), Eugenio – "Onnipotenza divina e futuri contingenti nel XIV secolo", *Documenti e Studi sulla tradizione filosofica medievale*, I: 605-630.
- RASSAM (1980), Joseph – *Tomás de Aquino*, Lisboa.
- RICOEUR (1985), Paul – *Temps et Récit. Le Temps Raconté*, vol. III, Paris.

- RIDDER-SYMOENS (1996), H. de - *Uma História da Universidade na Europa*. Vol. I: *As Universidades na Idade Média*, coordenadora da edição: H. de Ridder-Symoens, trad., Lisboa.
- ROHNHEIMER (1994), Martin - *Praktische Vernunft und Vernünftigkeit der Praxis. Handlungstheorie bei Thomas von Aquin in ihrer Entstehung aus dem Problemkontext der aristotelischen Ethik*, Berlim.
- ROQUES (1983), R. - *L'Univers Dionysien. Structure hiérarchique du Monde selon le Pseudo-Denys*, Paris [orig.: 1954].
- SCHRADER (1968), M. - "Hildegarde de Bingen (sainte)", in *Dictionnaire de Spiritualité*, t. 7: 505-521.
- SIMON (1984), H. & M. - *Geschichte der jüdischen Philosophie*. Munique.
- SIRAT (1990), Colette - *La filosofia ebraica medievale*, trad., Bolonha.
- SONDEREGGER (1994), Erwin - "Boethius und die Tradition", *Zeitschrift für philosophische Forschung* 48: 558-571.
- SOUTHERN (1979), R. W. - *Platonism, Scholastic Method and the School of Chartres*, Reading.
- SOUSA (1976), Maria Carmelita Homem de - *O Problema da Filosofia Cristã. Vol. I: Essência da Filosofia*, Porto.
- SOUZA (1995) - José Antônio de C. R. de (org.) - *O Reino e o Sacerdócio. O pensamento político na Alta Idade Média*, Porto Alegre.
- SPEER (1987), Andreas - *Triplex Veritas. Wahrheitsverständnis und philosophische Denkform Bonaventuras*, Werl-Vestefália.
- (1994) - *Philosophie und geistiges Erbe des Mittelalters*, mit Beiträgen von J. A. Aertsen [et al.] gehalten auf dem Symposium zum 65. Geburtstag von Professor Dr. Albert Zimmermann am 9. Juli 1993, eingeleitet und für den Druck besorgt vom A. Speer, Colónia.
- SPRUIT (1994), Leen - *'Species intelligibilis': From Perception to Knowledge I. Classical Roots and Medieval Discussions*, Leida.
- SYLLA (1982), E. D. - "The Oxford Calculators", in Kenny, A. et al., *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy...*, 540-563.
- TACHAU (1988), Katherine H. - *Vision and Certitude in the Age of Ockham: Optics, Epistemology and the Foundations of Semantics, 1250-1345*, Leida.
- TAUSTE ALCOCER (1993), Francisco - "La Lectura del 'Timeo' en Chartres: Teodorico de Chartres y Guillermo de Conches", *Revista Española de Filosofía Medieval*, O: 213-224.
- TORRELL (1993), Jean-Pierre - *Initiation à saint Thomas d'Aquin. Sa personne et son oeuvre*, Friburgo-Paris.

- TRESMONTANT (1962), Claude - *Les idées maîtresses de la métaphysique chrétienne. Esquisse*, Paris [existe trad. port.: Lisboa, 1994]
- TROUPEAU (1995), Gérard - *Études sur le christianisme arabe au Moyen Age*, Aldershot.
- VAN DEN HOEK (1988), A. - *Clement of Alexandria and his use of Philo in the Stromateis. An Early reshaping of a Jewish model*, Leida.
- VAN STEENBERGHEN (1974), F. - *Introduction à l'étude de la philosophie médiévale*, Lovaina.
- (1974a) - "Le 'processus in infinitum' dans les trois premières 'voies' de Saint Thomas", *Revista Portuguesa de Filosofia* 30: 127-134.
- (1988) - "Philosophie et Christianisme. Epilogue d'un débat ancien", *Revue Philosophique de Louvain*, 86: 180-191.
- (1990) - *O Tomismo*, trad., Lisboa.
- (1990a) - *La philosophie au XIII^e siècle*, 2^a ed., Lovaina-a-Nova - Lovaina - Paris.
- VANNIER (1991), M. -A. - "*Creatio*", "*Conversio*", "*Formatio*" chez saint Augustin, Friburgo.
- VIGNA (1993), C. (dir.) - *Dio e la ragione. Anselmo d'Aosta, l'argomento ontologico e la filosofia*, Génova.
- VIGNAUX (1984), Paul - «Conclusions générales» in *Preuve et Raisons à l'Université de Paris. Logique, Ontologie et Théologie au XIV^e siècle*, Paris.
- (1994) - *A Filosofia na Idade Média*, trad., Lisboa.
- WARTELLE (1987), André - *Saint Justin. Apologies*. Introduction, texte critique, traduction, commentaire et index, Paris.
- WEBER (1974), E. - H. - *Dialogue et dissensions entre saint Bonaventure et saint Thomas d'Aquin à Paris (1252-1273)*, Paris.
- WEISHEIPL (1964), James - "Curriculum of the Faculty of Arts at Oxford in the Early Fourteenth-Century", *Medieval Studies*, 26: 143-185.
- WENIN, Ch. (1982) - "La signification des universaux chez Abélard", *Revue Philosophique de Louvain*, 80: 414-448.
- WIELAND (1981), Georg - *Ethica - Scientia practica. Die Anfänge der philosophischen Ethik im 13. Jahrhundert*, Münster.
- WITTGENSTEIN (1987), L. - *Investigações Filosóficas*, trad., Lisboa.
- WOHLMAN (1988), Avital - *Saint Thomas d'Aquin et Maïmonide. Un dialogue exemplaire*, Paris.
- WOLTER (1990), Allan B. - *The Philosophical Theology of John Duns Scotus*. Marilyn McCord Adams, ed., Itaca e Londres.

- WOSSENKUHL & SCHÖNBERGER (1990), W. & R. (hers.) – *Die Gegenwart Ockhams*, Weinheim.
- XAVIER (1994), Maria Leonor O. – "O Argumento Ontológico. Kant e Santo Anselmo", in *Religião, História e Razão da Aufklärung ao Romantismo*. Colóquio Comemorativo dos 200 anos de A Religião nos limites da razão de Immanuel Kant. Coordenação de M. J. do Carmo Ferreira e Leonel R. dos Santos, Lisboa, 107-123.
- ZUMTHOR (1980), Paul – *Parler du Moyen Age*, Paris.

ÍNDICE REMISSIVO*

* Remetemos somente para os números dos capítulos (numeração romana) e dos parágrafos (numeração árabe). Não se registam os nomes que se lêem nos diversos Quadros (III) nem nas Bibliografias (IV).

- Abelardo: vd. Pedro Abelardo.
 Abelardo de Bath: I.
 Abreviaturas: III
 Adams, M. M.: 10.
 Aertsen, J.: 1.
 Agostinho (St^o): 3; 5; 6; 10.
 Al-'Alawi, J. A.: 8.
 Alberto Magno (St^o): 4; 9; III.
 Alcorão: III
 Alcuíno: 6.
 Alessandro, O. d.: 7.
 Alfarabi: III
 Alféri, P.: 10.
 Amélio: 0.
 André, J. M^a: 9.
 Andrés, T. de: 10.
 Anselmo (St^o): I; 6; III.
 António de Lisboa (St^o): III.
 Aquila: 0.
 Aristóteles: 5; 7; 8; 9; 10; III.
 Armstrong, A. H.: 2.
 Atenágoras: 2.
 Averróis: 8.
 Avicena: 7.
 Badawi, A.: 8.
 Barbosa, J. M.: I; 9.
 Bazán, B.: 9.
 Beierwaltes, W.: 4; 5.
 Berardino, A. D.: 2.
 Berengário: 6.
 Bernardo (St^o): I.
 Bertelloni, F.: 10.
 Bertoldo de Moosburgo: 9.
 Bianchi, L.: 3; 9.
 Bíblia: III
 Birkenmajer, A.: I.
 Blanché, R.: 5.
 Boaventura (St^o): 9.
 Boécio: 5.
 Boécio de Dácia: 9.
 Boehner, Ph.: 10.
 Børresen, K. E.: 7.
 Bottin, F.: 9.
 Bougerol, J. G.: 9.
 Boulnois, O.: 10.
 Bréhier, E.: 1.
 Brito, A. J.: 6.
 Brons, B.: 4.
 Brunn, E. Z.: 10.
 Brunner, F.: 8; 10.
 Burleigh: vd. Gualter Burleigh.
 Burns, J. H.: 10.
 Butterworth, C. E.: 8.
 Bynum, C. W.: 7.
 Calculadores: 9.
 Carvalho, M. S. de: 1; 2; 7; 8; 9; 10; III.
 Chadwick, H.: 5.
 Chenu, M. D.: 7; 9.
 Ciência: 9.
 Ciência moderna, problema: I; 9.
 Clagett, M.: 9.
 Clemente de Alexandria: 0; 2.
 Colish, M.: I.
 Condição Feminina: 7.
 Conhecimento, Teoria do C.: 9.
 Constantino: 0.
 Corbin, H.: 6.
 Courtenay, W. J.: 10.
 Coxito, A. A.: 7.
 Craemer-Ruegenberg, I.: 9.
 Criação: 3; 4; 9.
 Crombie, A. C.: I.
 Crouzel, H.: 2.
 Dales, R.: 3.
 Damásio: 2.
 Dante: 10.
 David de Dinant: I.
 Delhaye, Ph.: 7.
 Delorme, J.: III
 de Rijk, L.-M.: 1; 6.
 Descartes, R.: I; 6.
 Deus, Nomes de D.: 4; Existência de D.: 6.
 Dialéctica: 6.
 Diferença ôntico-ontológica: 5; 10.
 Dijksterhuis, E. J.: I.
 Dod, B.: 8.
 D'Onofrio, G.: 6.
 Dronke, P.: I; 7.
 Duhem, P.: I.
 Easton, S. C.: 9.
 Eco, U.: 9.
 Espinosa, B. de: III.
 Esser, D.: 10.
 Ética: 7; 9.
 Fakhry, M.: 8.
 Fattori, M.: 8.
 Fé/Razão: 1; 2; 3; 6.
 Fernández, C.: 4; 5.
 Férrer, F.: 3.
 Fichte, J. G.: III
 Fílon: 0.
 Filosofia Bizantina: 4.
 Filosofia Cristã: 1.
 Filosofia Islâmica: 8.

- Filosofia Judaica: 8.
 Filosofia Medieval, disciplina: I;
 textos de F. M.: I; III; barbárie na
 F. M.: I.
 Filosofia na Idade Média: I; 1.
 Fischer, N.: 3.
 Física do Movimento: 9.
 Flasch, K.: 5; 6; III.
 Flávio Josefo: 0.
 Flint, V. I. J.: 5.
 Foreville, R.: 6.
 Fraga, G. de: 1.
 Frege, G.: 7.
 Freire, A.: III.
 Freitas, M. da C.: 6.
 Gandillac, M. de: 7.
 Gaunilo: 6.
 Gérard, G.: 9.
 Gigon, O.: 2.
 Gilberto de Poitiers: 5.
 Gilson, E.: 1; 9; 10; III.
 Glorieux, P.: 9.
 Gloy, K.: 3.
 Godescalco: 5.
 Gómez Caffarena, J.: 9.
 Gonçalves, J. C.: 3; 4; 9.
 Goodman, L. E.: 8.
 Goris, W.: 1.
 Grant, E.: I.
 Gregório de Nissa: 2; 5.
 Gregory, T.: I; 5; 7.
 Gualter Burleigh: I.
 Guilherme de Conches: I; 3.
 Guilherme de Ockham: 10; III.
 Guitton, J.: 3.
 Hadot, P.: 0.
 Haeffner, G.: 3.
 Hamesse, J.: 8; 9.
 Hamman, A.: III.
 Hegel, G.: 6.
 Heidegger, M.: I; III.
 Helenismo/Cristianismo: 2.
 Henologia: 10.
 Henrique de Gand: I; 9.
 Herman de Carfntia: I.
 Hermenêutica: I.
 Hick, J.: 6.
 Hildegarda de Bingen: 7.
 Hissette, R.: 9.
 História, Ontologia da H.: 5.
 História da Filosofia: I; 1.
 Hoegen, M.: 6.
 Honório Augustodunensis: 5.
 Hooykaas, R.: I.
 Husserl, E.: 3.
 Ibn al-Haytham: 9.
 Ibn Gabirol: 8.
 Idade Média: 1.
 Imbach, R.: 10.
 Instrumentos de Trabalho: III.
 Ireneu de Lyon: 2.
 Jacobi, K.: 9.
 Jaeger, W.: 2.
 João (São): 0.
 João Buridano: I.
 João Duns Escoto: 9; 10; III.
 João Escoto Eriúgena: 5; 6; 7; III.
 João Peckham: 9.
 Joaquim de Fiore: I.
 Jolivet, J.: 7; 8.
 Justino (Stº): I; 0; 2.
 Kant, I.: 6.
 Kenny, J.: 9.
 Kessel, B. A.: 8.
 Kretzmann, N.: 9.
 Lactância: 2.
 Lanfranco: 6.
 Lautenschläger, G.: 7.
 Le Goff, J.: 7.
 Leff, G.: 9.
 Leibniz, G.: 6.
 Lévinas, E.: I.
 Lewis, C. T.: 9.
 Libera, A. de: 4; 7; 9; 10; III.
 Lindberg, D. C.: I; 9.
 Linguagem: 10. ✱
 Lógica: 5; 7.
 Lossky, W.: 10.
 Lucentini, P.: 5.
 Luscombe, D.: 6.
 Machado, J. P.: III.
 Macken, R.: 9.
 Maier, A.: 9.
 Maimónides: vd. Moisés Maimónides.
 Manstetten, R.: 10.
 Manuscritos: III.
 Marenbon, J.: 5.
 Mário Vitorino: 2.
 Markus, R. A.: 2.
 Marrou, H. I.: 1; 3.
 Máximo o Confessor: 5.
 McEvoy, J.: 9.
 McGill, A.: 6.
 McInerny, R.: 9.

- Mestre Eckhart: 10; III.
 Metafísica: 9; 10.
 Metafísica da Luz: 9.
 Método: 7.
 Migne, J.-P.: III.
 Miguel de Éfeso: 4.
 Miguel Psellos: 4.
 Mística: 9.
 Moisés Maimónides: 8; III.
 Mundo, Eternidade do: 3.
 Muñoz Delgado, V.: 5.
 Muralt, A. de: 9.
 Nascimento, C. do: 9.
 Neoplatonismo: 3, 4; III.
 Nicéforo: 4.
 Nicolau de Cusa: 9.
 Nicolau Oresme: I.
 Onomástica: III.
 O'Toole, C.: 3.
 Orígenes: 0; 2.
 Pacheco, Mª C. da C. R.: 1; 7; 9.
 Paul, J.: 7.
 Pará, G.: 7.
 Parent, J.: 3.
 Patrística, filosofias na P.: 2; 3; 4.
 Paulo (Stº): 2.
 Pedro Abelardo: I; 7; III.
 Pedro Damiano: I.
 Pedro Hispano: III.
 Pépin, J.: 2.
 Pereira, M. B.: 3; 4; 5; 10; III.
 Perspectivistas: 9.
 Pernoud, R.: 7.
 Pesch, O. H.: 9.
 Petrarca: 1.
 Philippe, M. D.: 6.
 Pinborg, J.: 9.
 Platão: 3; III.
 Plotino: 2; 9.
 Política: 10.
 Pontes, J. M. da Cruz: I; 1; 5; 8; III.
 Porfírio: 2.
 Potentia dei: 10.
 Proclo: 2; 10.
 Proudhon, P. J.: 0.
 Pseudo-Dionísio Areopagita: 1; 4; 7;
 9; 10.
 Ptolomeu II: 0.
 Publicações: III.
 Quadriunium: 4.
 Ramon Guerrero, A.: III.
 Randi, E.: 9.
 Rassam, J.: 9.
 Real, concepção do R.: 10.
 Renascença Carolíngia: 5.
 Rhonheimer, M.: 9.
 Ricardo Swineshead: I.
 Ricoeur, P.: 3.
 Ridder-Symoens, H. de: 9.
 Roberto Grosseteste: 9.
 Rodrigues, M. A.: III.
 Rogério Bacon: 9.
 Roques, R.: 4.
 Roteiro, modo de usar: I.
 Schönberger, E.: 10.
 Sigério de Brabante: 9.
 Simaco: 0.
 Simon, H. & M.: 8.
 Sirat, C.: 8.
 Sonderegger, E.: 5.
 Sousa, Mª C. H.: 1.
 Souza, J. A. de C. R.: 10.
 Southern, R. W.: 7.
 Speer, A.: 9.
 Spuit, L.: 9.
 Stump, E.: 9.
 Suposição: 10.
 Sylla, E. D.: 9.
 Tachau, K.: 9.
 Taciano: 2.
 Tauste Alcocer, F.: 3.
 Tempo: 3.
 Teodorico de Freiberg: 9.
 Teófilo de Antioquia: 2.
 Terminologia: III.
 Tertuliano: 2.
 Thierry de Chartres: I; 3.
 Thorndike, L.: I.
 Tomás de Aquino (Stº): I; 4; 6; 8; 9;
 10; III.
 Tomás de Erfurt: III.
 Torrell, J.-P.: 9.
 Tresmontant, C.: 2.
 Troupeau, G.: 8.
 Ulrico de Strasburgo: 9.
 Universais: 7.
 Universidades: 7; 9.
 Univocidade: 10.
 Van den Hoek, A.: 2.
 Van Steenberghen, F.: 1; 6; 9; III.
 Vannier, M. A.: 3.
 Vignaux, P.: 10; III.
 Wartelle, A.: 2.

Weisheipl, J.: 9.
 Wenin, Ch.: 7.
 Wieland, G.: 9.
 Wielockx, R.: III
 Witelo: 9.

Wittgenstein, L.: 3.
 Wohlman, A.: 8.
 Wolter, A. B.: 10.
 Wossenkuhl, H.: 10.
 Xavier, M^a. L.: 6.
 Zumthor, P.: I.

SUMÁRIO

I – Introdução	7
II – Conteúdos Temáticos	17
§ 0. Considerações muito preliminares	19
§ 1. Dois problemas introdutórios	22
§ 2. Introdução à Patrística	24
§ 3. Santo Agostinho de Hipona	25
§ 4. Pseudo-Dionísio Areopagita; A Filosofia Bizantina	26
§ 5. De Boécio a João Escoto Eriúgena	28
§ 6. Santo Anselmo e os Dialécticos	29
§ 7. Século XII: Pedro Abelardo; A Filosofia no Feminino	30
§ 8. Filosofias Islâmicas e Judaicas	32
§ 9. O Século XIII	33
§ 10. O Século XIV	37
III – Notas Práticas	41
IV – Bibliografia	61
1. Instrumentos gerais	63
2. Textos	67
3. Bibliografia Complementar	78
Índice Remissivo	91

Lisboa, Outubro de 1997

Colibri – Artes Gráficas
Faculdade de Letras
Alameda da Universidade
1699 Lisboa Codex
Telef. / Fax 796 40 38